



**SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO
SOCIAL – SMADS**

***CENSO DA POPULAÇÃO DE MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA E
CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA POPULAÇÃO ADULTA NA CIDADE
DE SÃO PAULO***

***RELATÓRIO 6
CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA POPULAÇÃO ADULTA NA CIDADE
DE SÃO PAULO***

**SÃO PAULO
ABRIL/2010**

RESUMO

Após o após o recenseamento da população de moradores de rua na cidade de São Paulo em Dezembro de 2009, a FIPE realizou levantamento do perfil socioeconômico dessa população, mediante pesquisa amostral com a população adulta da Área Central. O recorte espacial decorreu da fortíssima concentração da população recenseada nos dez distritos municipais que compõem essa área e das limitações de tempo e recursos que as pesquisas de campo sempre enfrentam.

Os resultados obtidos referem-se a sete conjuntos de questões, ou dimensões, da população: 1) caracterização demográfica; 2) família e vínculos familiares atuais; 3) alternativas de pernoite e última moradia; 4) trabalho e renda; 5) Saúde; 6) Cidadania; 7) Tempo de rua.

Os resultados de 2010, sempre que pertinente, foram comparados com os dados obtidos na pesquisa sobre as características socioeconômicas da população de moradores de rua da Área Central da cidade de São Paulo, realizada pela FIPE em 2000.

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação	Silvia Maria Schor
Equipe técnica	Ana Maria Gambier Campos
	Alair Molina
	Marcus B. P. Mello
	Maria Antonieta da Costa Vieira
	Mariana Vieira Helène
	Michiko Shiroma de Carvalho
	Paula Wernecke Padovani
	Rosana Estrela Adamo
Equipe de apoio	Valmir João Dias
	Célia Regina Cavalcante
	Jaqueline Nercy Cardoso

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	1
PARTE I - RESUMO DOS RESULTADOS ENCONTRADOS	3
1. INTRODUÇÃO	3
2. OS RESULTADOS ENCONTRADOS	4
2.1. CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA	5
2.2. FAMÍLIA E VÍNCULOS FAMILIARES ATUAIS	6
2.3. ALTERNATIVAS DE PERNOITE E ÚLTIMA MORADIA	6
2.4. TRABALHO E RENDA	8
2.5. SAÚDE E SERVIÇOS	9
2.6. CIDADANIA	10
PARTE II - RESULTADOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
A. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
1. IDENTIFICAÇÃO DA POPULAÇÃO: AS QUESTÕES “FILTRO”	12
2. O ESQUEMA AMOSTRAL	13
2.1. A ÁREA PESQUISADA	13
2.2. PLANO AMOSTRAL	15
2.3. PROCEDIMENTO DE CAMPO	16
2.4. DETALHES TÉCNICOS DO PLANO AMOSTRAL	17
3. CONSTITUIÇÃO DA EQUIPE DE CAMPO	18
3.1. SELEÇÃO E TREINAMENTO DOS PESQUISADORES	18
3.2. EXECUÇÃO E TRABALHO DE CAMPO	19
B. RESULTADOS	21
1. MORADORES DE RUA COMO “QUESTÃO”	21

2.	CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA	25
2.1.	IDADE, SEXO E COR	25
2.2.	ESCOLARIDADE	29
2.3.	VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS: 2010 E 2000	32
2.4.	COMPARAÇÃO COM PESQUISAS DE OUTRAS LOCALIDADES	34
2.5.	LOCAL DE ORIGEM	34
2.6.	TEMPO DE MORADIA EM SÃO PAULO	36
2.7.	LOCAL DE ORIGEM: COMPARAÇÃO 2010 E 2000	38
3.	FAMÍLIA E VÍNCULOS FAMILIARES ATUAIS	40
4.	ALTERNATIVAS DE PERNOITE E MORADIA ANTERIOR	52
4.1.	ALBERGUE E RUA	52
4.2.	MORADIA ANTERIOR	60
5.	TRABALHO E RENDA	72
5.1.	OCUPAÇÃO ANTERIOR POR SEXO	74
5.2.	TRABALHO COM REGISTRO EM CARTEIRA	74
5.3.	BENEFÍCIOS	76
5.4.	RENDA AUFERIDA E VALOR GASTO NO DIA DA ENTREVISTA	76
5.5.	FORMAS DE OBTENÇÃO DE RENDA	78
6.	SAÚDE E SERVIÇOS	80
6.1.	PROBLEMAS DE SAÚDE E ATENDIMENTO PELOS SERVIÇOS	81
6.2.	USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS - ÁLCOOL E DROGAS	83
6.3.	INSTITUIÇÕES DE INTERNAÇÃO	90
6.4.	INSTITUIÇÕES DE SERVIÇO E CONVIVÊNCIA	93
7.	CIDADANIA	96

7.1.	POSSE DE DOCUMENTOS _____	96
7.2.	VIOLÊNCIA NA RUA _____	98
7.3.	QUEM PRATICA A VIOLÊNCIA _____	103
7.4.	TIPO DE VIOLÊNCIA _____	106
7.5.	PARTICIPAÇÃO _____	109
8.	TEMPO DE RUA _____	112
8.1.	PROCEDIMENTOS ADOTADOS _____	113
8.2.	AS ESTIMATIVAS OBTIDAS _____	115
8.3.	IDADE COM QUE CHEGOU ÀS RUAS _____	122

ANEXOS

Anexo I

- Tabelas

Anexo II

- Jovens, Mulheres e Idosos

Anexo III

- Instrumento de coleta das informações

ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 2.1 - Número de moradores de rua encontrados nos logradouros da região central	14
Tabela 2.2 - Número de moradores de rua encontrados nos logradouros da região central	15
Tabela 2.3 - Descrição dos estratos a serem utilizados no plano amostral	16
Tabela 2.4 - Distribuição das entrevistas segundo os distritos municipais	17
Tabela 2.1 - Idade: Média, Mediana, Desvio Padrão e Quartis	26
Tabela 2.2 - Idade e Sexo	27
Tabela 2.3 - Cor	28
Tabela 2.4 - Leitura e Escrita	29
Tabela 2.5 - Grau de Escolaridade por Sexo	30
Tabela 2.6 - Grau de Escolaridade	32
Tabela 2.7 - Sexo	32
Tabela 2.8 - Cor	32
Tabela 2.9 - Idade	33
Tabela 2.10 - Região de Origem	35
Tabela 2.11 - Município de Origem	36
Tabela 2.12 - Tempo de Moradia em São Paulo: Média, Mediana, Desvio Padrão e Quartis	37
Tabela 2.13 - Tempo de permanência no Município de São Paulo	38
Tabela 2.14 - Região de Origem, 2010 e 2000	39
Tabela 2.15 - Migrantes e Paulistanos	39
Tabela 3.1 - Vivem acompanhados ou sozinhos nas ruas	41
Tabela 3.2 - Distribuição dos moradores que vivem acompanhados ou sozinhos nas ruas, por grupo etário	42
Tabela 3.3 - Com quem vive na rua, 2000 e 2010	43

Tabela 3.4 - Distribuição dos moradores de rua com idade de 50 anos ou mais, segundo ‘com quem vive na rua’ _____	43
Tabela 3.5 - Com filhos e sem filhos _____	44
Tabela 3.6 - Com filhos, distribuição por número de filhos declarados _____	45
Tabela 3.7 - Média, mediana e quartis para o número de filhos _____	45
Tabela 3.8 - Distribuição por grupo etário dos moradores de rua que declararam o número de filhos _____	46
Tabela 3.9 - Distribuição percentual dos moradores de rua que possuem e dos que não possuem filhos, por idade _____	46
Tabela 3.10 - Distribuição por grupo etário dos moradores de rua que atualmente têm companheira (o) ou esposa (o), dos que não têm, mas já tiveram e dos que nunca tiveram _____	47
Tabela 3.11 - Presença de parentes de moradores de rua na cidade de São Paulo que não vivem com eles na rua _____	48
Tabela 3.12 - Presença de parentes na cidade de São Paulo em relação ao município de origem _____	49
Tabela 3.13 - Intervalos de tempo do último contato feito por moradores de rua com familiares residentes na cidade de São Paulo que não moram com eles na rua _____	50
Tabela 3.14 - Média, mediana e quartis para o tempo em meses do último contato com parentes na cidade de São Paulo _____	50
Tabela 3.15 - Intervalos de tempo do último contato feito por moradores de rua paulistanos e migrantes, com parentes na cidade de São Paulo _____	51
Tabela 4.1 - Proporção dos que já dormiram em albergue _____	53
Tabela 4.2 - Proporção dos que dormiram na rua antes de dormir pela primeira vez em albergue _____	54
Tabela 4.3 - Procura por vaga em albergue na semana anterior _____	55
Tabela 4.4 - Onde tem dormido desde que está na rua _____	57
Tabela 4.5 - Distribuição da população por locais onde tem dormido desde o último Natal _____	58
Tabela 4.6 - Distribuição da população por local onde costuma dormir - (Respostas múltiplas) _____	59

Tabela 4.7 - Distribuição da população por Município onde perdeu a última moradia _____	61
Tabela 4.8 - Localização da última moradia fixa na cidade de São Paulo _____	63
Tabela 4.9 - Região do país em que perdeu a última moradia, excluindo a cidade de São Paulo __	64
Tabela 4.10 - Distribuição da população por localização da última moradia e município de nascimento _____	65
Tabela 4.11 - Distribuição dos domicílios por tipo e por área urbana e rural _____	66
Tabela 4.12 - Última moradia na área urbana, por tipo de domicílio e localização _____	67
Tabela 4.13 - Condição de ocupação da última moradia _____	68
Tabela 4.14 - Condição de ocupação da última moradia, por tipo de habitação _____	69
Tabela 4.15 - Distribuição da população que morava só ou com outras pessoas na última moradia	70
Tabela 4.16 - Distribuição da população por composição familiar na última moradia fixa _____	71
Tabela 4.17 - Distribuição da população segundo pessoas com as quais morava na última moradia fixa (Respostas múltiplas) _____	72
Tabela 5.1 - Ocupação Exercida Antes de Viver na Rua _____	73
Tabela 5.2 - Ocupação principal antes de ir para rua, por sexo _____	74
Tabela 5.3 - Trabalhou com Registro em Carteira segundo Grupos Etários _____	75
Tabela 5.4 - Tempo de Trabalho sem Registro em Carteira _____	75
Tabela 5.5 - Benefícios _____	76
Tabela 5.6 - Estatísticas sobre a renda ganha no dia da entrevista _____	77
Tabela 5.7 - Despesas realizadas no dia da entrevista, respostas múltiplas _____	78
Tabela 5.8 - Fontes de Obtenção de Dinheiro _____	79
Tabela 5.9 - Atividade de Trabalho para Obtenção de Renda _____	79
Tabela 5.10 - Gastos Realizados com a Renda Ganho no Dia da Entrevista _____	80
Tabela 6.1 - Último Problema de Saúde que Teve na Rua _____	82

Tabela 6.2 - O que Fez para Resolver o Problema de Saúde _____	83
Tabela 6.3 – Uso de Álcool e Drogas _____	84
Tabela 6.4 – Uso de Álcool e Drogas por Moradores de Rua e Acolhidos _____	84
Tabela 6.5 – Uso de Álcool e/ou Drogas por Grupos Etários _____	85
Tabela 6.6 – Uso de Álcool e Drogas por Grupos Etários _____	86
Tabela 6.7 – Uso de Substâncias por Tipo _____	87
Tabela 6.8 – Uso de Substâncias por Tipo e Faixa Etária (respostas múltiplas) _____	88
Tabela 6.9 – Uso de Álcool e Drogas antes de ir para Rua por Tempo de Rua _____	89
Tabela 6.10 – Uso de Substâncias Antes e Depois de Ir para a Rua por Tipo (%) (respostas múltiplas) _____	90
Tabela 6.11 – Internação em Instituições por Tipo (respostas múltiplas) _____	91
Tabela 6.12 – Internação em Alguma Instituição por Grupos Etários _____	92
Tabela 6.13 – Internação em Instituições por Grupos Etários (respostas múltiplas) _____	93
Tabela 6.14 – Tipos de Serviço que Frequenta _____	94
Tabela 6.15 – Serviços Frequentados por Tipo _____	94
Tabela 7.1 - Posse de documentos (Respostas Múltiplas) _____	97
Tabela 7.2 - Distribuição da população em situação de rua, por posse de documentos em 2000 e 2010 (Respostas Múltiplas) _____	98
Tabela 7.3 - Distribuição da população por violência na rua _____	99
Tabela 7.4 - Distribuição da população segundo violência sofrida por faixa etária _____	100
Tabela 7.5 - Distribuição da população por sexo e violência na rua _____	101
Tabela 7.6 - Distribuição da população, por cor e violência sofrida _____	103
Tabela 7.7 - Distribuição da população segundo autores da violência sofrida (Respostas múltiplas) _____	104

Tabela 7.8 - Comparação da proporção dos agentes de violência citados nas duas pesquisas (Respostas múltiplas)	106
Tabela 7.9 - Distribuição da população por tipo de violência sofrida (Respostas Múltiplas)	107
Tabela 7.10 - Comparação da proporção do tipo de violência sofrida pela população em situação de rua 2000/2010 (Respostas Múltiplas)	109
Tabela 7.11 - Distribuição da população por conhecimento do Movimento Nacional da População de Rua	110
Tabela 7.12 - Conhece o Movimento e participa de suas atividades	111
Tabela 8.1 - Onde foi morar após perder a residência, respostas múltiplas	116
Tabela 8.2 - Estatísticas do Tempo de Rua*, Grupo 1 e Grupo 2, em anos	117
Tabela 8.3 - Estatísticas do Tempo de Rua*, Grupo 1 e Grupo 2, em anos	118
Tabela 8.4 - Estatísticas do Tempo de Rua*, em anos	119
Tabela 8.5 - Tempo de rua*, por intervalos	120
Tabela 8.6 - Estatísticas do Tempo de Rua*, 2000 e 2010	121
Tabela 8.7 - Idade com que se tornou morador de rua	122

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico 2.1 - Idade e Sexo _____	28
Gráfico 2.2 - Cor _____	29
Gráfico 2.3 - Leitura e Escrita _____	30
Gráfico 2.4 - Grau de Escolaridade por Sexo _____	31
Gráfico 2.5 - Município de Origem _____	36
Gráfico 2.6 - Tempo de permanência no Município de São Paulo _____	38
Gráfico 3.1 - Vivem acompanhados ou sozinhos nas ruas _____	41
Gráfico 3.5 - Com filhos ou sem filhos _____	44
Gráfico 3.11 - Presença de parentes na cidade de São Paulo que não vivem com eles na rua _____	48
Gráfico 1 Tab. 4.1 – Proporção dos que já dormiram em albergue _____	53
Gráfico 2 – Tab. 4.2 – Proporção dos que dormiram na rua antes de dormir pela primeira vez em albergue _____	54
Gráfico 3 – Tab. 4.3 – Procura por vaga em albergue na semana anterior _____	56
Gráfico 4 – Tab. 4.4 – Locais em que tem dormido desde que está na rua _____	57
Gráfico 5 - Tab. 4.6 - Local onde costuma dormir _____	59
Gráfico 6 - Tab. 4.7 - Município onde perdeu a última moradia _____	62
Gráfico 5.1 - Distribuição da renda ganha no dia da entrevista _____	77
Gráfico 6.5 - Uso de substâncias psicoativas por grupos etários _____	85
Gráfico 6.6 - Uso de álcool e drogas por grupos etários _____	86
Gráfico 6.7 – Uso de substâncias por tipo _____	87
Gráfico 6.11 - Internação em instituições por tipo _____	91
Gráfico 6.12 - Internação em instituições por grupo etário _____	92
Gráfico 6.15 - Serviços frequentados por tipo _____	95

Gráfico 1 - Tab. 7.3 - Distribuição da população por violência na rua	99
Gráfico 2 - Tab. 7.4 - Distribuição da população segundo violência sofrida por faixa etária (apenas os que sofreram violência)	101
Gráfico 3 - Tab. 7.5 - Distribuição da população por sexo e violência na rua (apenas os que sofreram violência)	102
Gráfico 4 - Tab.7.6 - Distribuição da população por cor e violência sofrida (apenas os que sofreram violência)	103
Gráfico 5 – Tab. 7.7 - Distribuição da população segundo autores da violência sofrida (apenas os que sofreram violência)	105
Gráfico 6 - Tab. 7.9 - Distribuição da população por tipo de violência sofrida (Respostas múltiplas apenas dos que sofreram violência)	108
Gráfico 7 - Tab. 7.11 - Distribuição da população por conhecimento do Movimento Nacional da População de Rua	110
Gráfico 8 – Tab. 7.12 - Distribuição da população que conhece o Movimento e participa de suas atividades	112
Gráfico 8.1 - Tempo de rua, por intervalos	121

APRESENTAÇÃO

A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, FIPE, encaminha à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social o relatório da pesquisa “Perfil Socioeconômico da População Adulta na Cidade de São Paulo”. O presente relatório constitui o último produto do contrato FIPE/SMADS, cujo objeto de estudo é a população de moradores de rua de São Paulo.

Os trabalhos foram iniciados em Setembro de 2009, com o planejamento e posterior execução do segundo censo de moradores de rua no município de São Paulo. Os dados do levantamento censitário, número de moradores e sua distribuição espacial, permitiram a realização de pesquisa amostral para caracterização do perfil da população, cujos resultados são agora apresentados.

O presente relatório encontra-se dividido em três partes. Em primeiro lugar é apresentado um resumo dos resultados encontrados, permitindo ao leitor uma visão geral das condições socioeconômicas da população pesquisada. A segunda parte descreve os procedimentos metodológicos adotados para obtenção da amostra e execução do trabalho de campo, seguidos da análise dos dados levantados. A última, Anexos, parte contem o instrumento de coleta das informações e dados adicionais que complementam as análises da segunda parte.

A FIPE agradece a colaboração recebida de SMADS, interlocutores técnicos durante todas as etapas do trabalho. Igualmente relevante foi a colaboração recebida pela FIPE no trabalho de planejamento das atividades de campo e contatos institucionais. Aos técnicos que acompanharam o trabalho de campo reiteramos nosso reconhecimento pela valiosa colaboração.

A FIPE agradece e destaca a importância de ter contado com membros do Movimento Nacional de Moradores de Rua integrando suas equipes de campo. Os agradecimentos se estendem à equipe de entrevistadores, cujo trabalho, competente e responsável, permitiu assegurar o levantamento de dados com a qualidade definida pela FIPE.

Sem temer lançar mão de clichês, deixamos registrados nossos agradecimentos aos moradores de rua. Atores de uma luta diária pela sobrevivência nas adversas condições de rua colaboraram com suas informações para a obtenção do seu próprio perfil. Esperamos que essa colaboração lhes seja devolvida sob a forma de políticas públicas destinadas a minorar seu sofrimento.

PARTE I - RESUMO DOS RESULTADOS ENCONTRADOS

1. INTRODUÇÃO

O perfil socioeconômico dos moradores de rua foi obtido mediante amostra aleatória da população da “Área Central” da cidade de São Paulo. O recorte espacial decorreu da fortíssima concentração da população recenseada nos dez distritos municipais que compõem essa área e das limitações de tempo e recursos que as pesquisas de campo sempre enfrentam.

A população amostrada foi definida como “moradores de rua, homens e mulheres, com mais de 17 anos, capazes de responder as questões a eles dirigidas”. Ou seja, somente os moradores de rua aptos a dialogar com os pesquisadores fizeram parte do universo amostrado. Assim, foram excluídas pessoas incapazes de manter conversação por serem portadores de possíveis transtornos mentais ou excessivamente alcoolizados.

As informações levantadas visavam conhecer o perfil atual da população de rua, nos seus aspectos demográficos: cor, sexo, idade, escolaridade e origem. O objetivo aqui foi não apenas descritivo, mas, também, de comparação com os dados obtidos no censo de 2000 e estimar possíveis alterações. Houve mudanças?

As condições de reprodução da vida diária dos moradores de rua também foram contempladas. Procurou-se conhecer como, hoje, essa população gera renda monetária para seus gastos diários, como resolve seus problemas de saúde, quais as violências físicas e verbais sofridas, contatos que mantêm com a família, assim como as alternativas de pernoite de que lançam mão. O uso de drogas e álcool integrou o conjunto de questões desse item, pois, para aqueles que delas fazem uso, perpassa todas as dimensões da sua vida cotidiana.

Foram abordadas, também, questões de cidadania, como porte de documentos, e possíveis passagens por instituições correcionais. A esses aspectos, juntou-se perguntas sobre o Movimento Nacional de Moradores de Rua e a possível participação nessa organização.

As questões mais ambiciosas da pesquisa procuraram obter uma estimativa segura da distribuição da variável “tempo de rua” e conhecer as condições associadas à perda da moradia. São questões que envolvem dificuldades significativas para a obtenção das informações necessárias para respondê-las e interpretá-las.

A variável “tempo de rua” é tratada, no âmbito da pesquisa realizada, como o fator diferenciador mais relevante para constituição da heterogeneidade da população de moradores de rua. O passar do tempo provoca fortes modificações no comportamento, percepções e possibilidades de saída da rua, constituindo-se, assim, em informação indispensável para o desenho de políticas públicas eficientes. Tempos de rua distintos traduzem-se em condições distintas que exigem, por sua vez, distintas intervenções públicas.

Conhecer as condições que levam às ruas é desejável para que se possa pensar em políticas preventivas e de saída. Sem pretender encontrar relações de causalidade, a pesquisa procurou identificar fatores presentes nos momentos de ruptura da vida familiar e da chegada às ruas. Entre esses fatores, a composição do grupo familiar da “última moradia” mereceu particular atenção.

Obtidos os dados de campo, foi possível visualizar um perfil dos moradores de rua que, embora já conhecido, vem se tornando cada vez mais nítido. As sucessivas pesquisas realizadas permitem acumular um acervo de informações que constituem base indispensável para o entendimento da situação de rua, as mudanças que ocorrem e suas possíveis soluções. É tarefa que se estende pelo horizonte de tempo em que perdurar a penosa e inaceitável condição de moradores de rua da cidade.

2. OS RESULTADOS ENCONTRADOS

Os dados levantados na pesquisa de campo permitiram traçar o perfil dos moradores de rua da Área Central da cidade de São Paulo. Os resultados são apresentados, primeiramente, sob a forma de um sumário geral, onde é privilegiada a descrição das características gerais

da população, sem buscar precisão da descrição. Os dados que dão origem a esse retrato geral são apresentados na sequência, com os valores obtidos para cada uma das variáveis pesquisadas. Sempre que pertinente, foram feitas comparações com os dados do perfil socioeconômico de 2000, realizado como complemento ao censo da população executado pela FIPE também nesse ano.

2.1. CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA

Os moradores de rua da Área Central da cidade de São Paulo são predominantemente do sexo masculino e têm, como média, 40 anos de idade. Na sua grande maioria são “não brancos”, incluindo-se aí os pretos, pardos, amarelos e indígenas, segundo classificação realizada pelos pesquisadores de campo. A porcentagem de analfabetos na população é superior à do Município de São Paulo e a maioria não chegou a completar o ensino fundamental.

Quanto à região de origem, predomina o Sudeste brasileiro, com forte concentração de paulistas, seguidos por migrantes da Bahia e de Minas Gerais que superam os demais estados brasileiros. Os migrantes que vieram para São Paulo uma única vez e então permaneceram estão na cidade há, em média, 18 anos, independentemente do seu estado ou município de origem. Os que vieram mais de uma vez estão, em média, há 7 anos, desde a última vez que vieram para São Paulo.

Na comparação com a pesquisa de 2000 destaca-se, em 2010, a menor presença dos que têm entre 26 e 45 anos e um incremento na dos jovens e dos mais idosos.

Quanto à escolaridade registrou-se uma queda na proporção de analfabetos no conjunto da população de rua. Outra mudança significativa foi o aumento da participação da capital como local de origem da população.

2.2. FAMÍLIA E VÍNCULOS FAMILIARES ATUAIS

A maioria dos moradores de rua, da área central da cidade de São Paulo, vive sozinha nas ruas. Tal situação já havia sido constatada no levantamento realizado no Censo de População de Rua de 2000, porém, atualmente, verificou-se um aumento de pessoas nesta situação.

Dentre aqueles que vivem acompanhados nas ruas, esta pesquisa mostra que a maioria vive com pessoas sem nenhum grau de parentesco, porém a comparação com dados do Censo de População de Rua de 2000 aponta que houve um aumento no número de moradores que vivem com companheira (o) nas ruas da cidade. Por outro lado, também se observa que, quanto maior a idade do morador, menor a presença de companheira (o) vivendo com ele na rua.

Ainda assim, de um modo geral, o número de moradores que atualmente possui companheira (o), é significativamente baixo. Constatou-se que a maioria das pessoas entrevistadas já teve, em algum momento de sua vida, uma companheira (o) ou esposa (o), embora, atualmente, estejam sozinhas.

A maioria desta população tem filhos, porém somente um percentual ínfimo de moradores declarou viver com eles nas ruas.

A maioria da população entrevistada possui parentes residindo na cidade de São Paulo, percentual este bastante elevado se considerarmos somente os paulistanos. Entretanto, as informações obtidas mostram que, independentemente da origem do morador, existem laços familiares ainda ativos, uma vez que mais da metade dos entrevistados teve contato com familiares nos últimos 6 meses.

2.3. ALTERNATIVAS DE PERNOITE E ÚLTIMA MORADIA

Rua e albergue são faces da mesma moeda. São os lugares habitualmente utilizados pela população em situação de rua desde que perdeu a última moradia. Eventualmente podem pernoitar em outros locais como casa de amigos/parentes/namorada, ou mesmo em quartos

de pensão, hotéis, cortiços ou local de trabalho, quando conseguem meios para tais alternativas.

Há uma pequena parcela de moradores de rua que dizem nunca ter dormido em albergue. E a procura por vaga em albergue, na semana que antecedeu a pesquisa de campo não é significativa, demonstrando que não se trata de lugar ideal para essa população.

A maioria dos que perderam a última moradia, foi diretamente para a rua ou albergue; poucos contaram com o apoio de parentes e amigos ou tiveram condição de ir para uma pensão ou cômodo, antes de chegarem à situação de rua.

A referência à última moradia reconstitui em parte o passado, distante para alguns e não tão distante para outros, quando tinham uma moradia e nela viviam com a família de origem ou conjugal, com ou sem a presença de outros parentes e agregados sem relação de parentesco. Poucos viviam sós em seus domicílios.

A maioria perdeu a última moradia na cidade de São Paulo, seja na condição de proprietário ou de inquilino do imóvel, em favela ou fora de favela. A proporção de moradias próprias era maior que as alugadas e poucas eram cedidas ou invadidas. Localizavam-se nos bairros mais distantes de todas as zonas de São Paulo e quando em áreas mais centrais, eram em bairros com maior presença de moradias precárias e de baixo custo.

Há ainda uma parcela significativa da população em situação de rua que perdeu a moradia em outros municípios de várias regiões do país e migrou para São Paulo já na condição de desabrigados.

Dentre os que perderam a última moradia na cidade de São Paulo, 36% eram paulistanos. Os demais eram migrantes que aqui se estabeleceram e por vários motivos estão em situação de rua.

A maioria perdeu o último domicílio em área urbana; pequena parcela, em área rural. Eram domicílios predominantemente do tipo uni familiar, com maior proporção fora de favela,

mas com uma parcela significativa em favela. Poucos viviam em domicílios coletivos como cortiço, pensão, quando tiveram que ir para a rua.

A perda da moradia significou, sobretudo, a ruptura de vínculos afetivos e a perda quase definitiva do convívio familiar e da própria identidade.

2.4. TRABALHO E RENDA

A população de rua tem um histórico de perdas e o emprego é uma das mais importantes; extingue-se, de imediato, a fonte de rendimentos podendo gerar instabilidade familiar/econômica que nem todos sabem, ou têm condições de enfrentar.

É importante constatar que a maioria de homens e mulheres entrevistados trabalhava antes de perder a moradia e chegar à vida de rua. O elenco de ocupações que exerciam abrange desde as categorias mais simples e de menor exigência de qualificação, até serviços técnicos e administrativos mais especializados.

Cabe ressaltar que a maioria estava inserida no mercado formal de trabalho com registro em carteira, situação quase inexistente na atual condição de rua. Há pessoas com mais de 10 anos sem trabalho registrado, sem qualquer direito trabalhista e cobertura previdenciária. Nessa condição, enquadram-se entre os que seriam alcançados pelos benefícios sociais criados pelo governo para inclusão da população de baixa renda. No entanto, quase a totalidade dos entrevistados informou não receber qualquer benefício.

Embora sobrevivam sem empregos regulares ou formais, geram renda monetária para satisfazer algumas de suas necessidades. No dia da entrevista, quase a metade tinha auferido pequena renda em atividades típicas de rua, incluindo a mendicância. E gastaram no mesmo dia para consumir o que consideram essencial: comida, cigarro, bebida e drogas.

A renda foi obtida mediante atividades informais, sendo a mais comum a coleta de material reciclável, venda de alguns produtos de baixo custo, serviços de carga e descarga, guardador de carro, entre outros. Situação similar foi constatada na pesquisa de 2000, revelando que sob este aspecto, praticamente nada mudou em 10 anos, para essa população.

2.5. SAÚDE E SERVIÇOS

A rua cria condições extremamente adversas para a saúde dos moradores de rua, ainda que a maioria deles não considere que tenha problemas nesta área. Entre os que se referem a algum problema o destaque fica com os acidentes provocados por condições específicas da rua: quedas, brigas e atropelamentos e também problemas respiratórios.

A estratégia que recorrem para o tratamento das questões de saúde são principalmente os pronto-socorros e hospitais públicos e, em segundo lugar, os postos de saúde. Outros serviços como agentes de saúde, CRATOD, CAPS AD, são utilizados apenas por uma pequena minoria.

O uso de substâncias psicoativas é uma constante na rua. A grande maioria (74%) declara utilizar: álcool, drogas ou ambos. Entre os jovens de 18 a 30 anos a proporção atinge 80%. O consumo entre os moradores de rua é superior ao encontrado entre os que frequentam os centros de acolhida.

O álcool é a substância mais utilizada (65%) sendo mais frequente entre os mais velhos. Mas o consumo de drogas atinge também um grupo significativo (37%) alcançando 66% dos jovens até 30 anos. A droga consumida mais frequentemente pelos jovens é o crack, mais da metade deles declara utilizá-lo.

O histórico institucional da população de rua da cidade é importante já que mais da metade dos moradores de rua foi internado em alguma instituição, predominando casas de detenção, clínicas de recuperação de álcool e drogas e FEBEM. Entre os jovens 70% passou por alguma instituição.

O uso de serviços da rede de assistência pelos moradores de rua da área central é bastante restrito. 33% não utilizam nenhum dos seguintes serviços: restaurante popular, centros de convivência, núcleos de serviço/tenda, albergues. O serviço mais utilizado, por quase metade (44%), é o restaurante popular. Em relação aos demais a proporção dos que usam é

sempre inferior a 30%: Centros de convivência (28%) albergues (23%) e núcleos de serviços/Tenda (19%).

D ponto de vista de políticas públicas é possível afirmar que os serviços de atendimento da população em situação de rua estão atingindo um grupo bastante restrito do grupo do segmento de moradores de rua da área central da cidade.

2.6. CIDADANIA

Um aspecto importante e facilmente mensurável em relação à cidadania da população em situação de rua, é a posse de documentos pessoais.

Quase a metade dessa população não possui qualquer documento, o que as exclui da vida civil, deixando de ter direitos e de serem reconhecidas como cidadãos. Outros têm alguns documentos, mas é alta a proporção dos que não têm documentos essenciais como a carteira de identidade, o CPF, título de eleitor e carteira de trabalho. Além de excluídos da vida civil, porque a maioria é inexistente como cidadão, são discriminados e estão expostos à violência.

Constatou-se que não há diferença ou discriminação por idade, sexo ou cor das vítimas, quando se trata de morador de rua. A violência é praticada por vários agentes contra os moradores de rua em geral, porque nessa condição, eles formam uma massa de pessoas iguais, o que reforça a perda da própria identidade e a situação de total exclusão social. Tornam-se também, alvo fácil da violência praticada por vários agentes, inclusive por moradores de rua, porque passam a disputar entre eles, um espaço vital e também as migalhas que restam para que continuem sobrevivendo.

Em relação a 2.000, o nível de violência aumentou em todos os sentidos. O número de vítimas foi proporcionalmente maior; aumentou a proporção dos agressores citados pela população, assim como os tipos de violência.

Quanto à participação no Movimento Nacional da População de Rua, são poucos os que participam das suas atividades, ainda que uma parcela um pouco maior dos pesquisados

conheça o Movimento. Talvez lhes falte condição de participar ou talvez não se sintam com força suficiente porque lhes parece muito distante a possibilidade de reconquistar a própria cidadania.

2.7. TEMPO DE RUA

Estimar o tempo de rua foi, desde o levantamento do perfil socioeconômico dos moradores de rua realizado em 2000¹, um dos objetivos centrais das pesquisas realizadas pela FIPE com essa população. A razão dessa ênfase repousa no entendimento de que a duração da permanência na rua altera o comportamento das pessoas, suas percepções, projetos e possibilidades de saída.

Os resultados obtidos descrevem uma distribuição da variável “tempo de rua” com 25% da população morando nas ruas até 1 ano (primeiro quartil). Por outra parte, 25% permanecem nas ruas há mais de 10 anos (terceiro quartil) e o restante da população se distribui em um intervalo entre 1 e 9 anos. A média, para a população como um todo, é de 5,8 anos, com mediana ligeiramente menor, 4 anos.

¹ Caracterização Socioeconômica dos Moradores de Rua da Cidade de São Paulo, FIPE/SAS, 2000.

PARTE II - RESULTADOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. IDENTIFICAÇÃO DA POPULAÇÃO: AS QUESTÕES “FILTRO”

Para identificação da população de “moradores de rua, homens e mulheres, com mais de 17 anos, capazes de responder as questões a eles dirigidas”, quatro questões “filtro” foram aplicadas a todas as pessoas cuja aparência, postura, local e hora onde eram encontradas sugeriam tratar-se de um morador de rua. A aplicação das questões precedia a aplicação do questionário para levantamento do perfil sócio econômico, assegurando que os informantes pertenciam, de fato, à população a ser pesquisada.

A primeira questão endereçada às pessoas abordadas referia-se à idade. Menores de 18 anos eram excluídos, e o contato finalizado. Se maior de 17 anos, três questões adicionais² eram formuladas, todas referentes ao local de pernoite, em consonância com a definição de morador de rua adotada em todo o trabalho. Assim, perguntava-se onde a pessoa havia dormido no dia anterior, onde costumava dormir e onde iria dormir naquela noite. As alternativas permitiam identificar o “morador de rua” pelo seu local de pernoite.

O treinamento da equipe de campo dedicou especial atenção às alternativas de pernoite dos moradores de rua, em razão das possíveis combinações de que lançam mão. Assim, a relação de possíveis locais incluiu: albergue/Abrigo, rua/prça/parque, casa de amigos/parentes, baixos de viaduto, alojamento, na própria casa, pensão/hotel, Imóvel abandonado/terreno, mocó, outro local não incluído na relação. A combinação das alternativas e sua frequência permitiam identificar³ se a pessoa abordada devia ser considerada “morador de rua”.

² As mesmas questões foram aplicadas no levantamento censitário, exclusive a restrição quanto à idade.

³ As “questões filtro” possibilitaram, também, a análise de consistência em escritório, excluindo as pessoas cuja combinação de alternativas de pernoite e frequência não permitia sua inclusão na população.

2. O ESQUEMA AMOSTRAL

2.1. A ÁREA PESQUISADA

A pesquisa socioeconômica foi realizada com os moradores de rua encontrados nos logradouros dos distritos da área central do município de São Paulo. Essa região abarca os distritos municipais da Subprefeitura Sé e os distritos Pari e Brás. Segundo Censo de População de Rua, realizado em 2009, 62% dos moradores encontrados nas ruas da cidade encontram-se nessa área – em 2000, eram 56%.

A forte concentração da população nos distritos centrais da cidade foi forte razão para definir a área como o recorte espacial da pesquisa a ser realizada. Ademais, a dispersão de moradores de rua nos demais distritos exigiria, para obtenção de uma amostra que possibilitasse inferência estatística, um montante de recursos e tempo não compatíveis com a disponibilidade da pesquisa.

Por essas razões, julgou-se importante concentrar esforços no conhecimento da realidade dessa população na área central. Assim, a população alvo da pesquisa para obtenção do perfil socioeconômico foi composta por moradores de rua que pernoitam ou circulam durante a noite nos distritos centrais da cidade, no período em que a pesquisa foi realizada.

A Tabela 2.1 descreve o número de moradores de rua encontrados nos logradouros dos distritos pesquisados.

Tabela 2.1 - Número de moradores de rua encontrados nos logradouros da região central

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Distrito	Número de moradores de rua	%
República	1570	38,4
Se	1195	29,2
Santa Cecília	309	7,5
Brás	249	6,1
Consolação	175	4,3
Bom retiro	165	4,0
Bela vista	138	3,4
Liberdade	128	3,1
Parí	111	2,7
Cambuci	53	1,3
Total	4093	100

Os dados do censo balizaram o planejamento amostral da pesquisa socioeconômica e uma das informações importantes é a quantidade de moradores de rua existentes nos distritos da região amostrada. Assumiu-se que o intervalo de tempo entre o censo e a pesquisa amostral tenha sido curto suficiente para que não houvesse grandes alterações na distribuição espacial da população nessa área.

O levantamento censitário mostrou que, quatro pontos com mais de 60 pessoas, no distrito República, deveriam ser excluídos da referência amostral. Esses pontos localizam-se na região da Nova Luz, popularmente conhecida como Cracolândia e há razões para supor que as pessoas que lá foram encontradas não necessariamente pernoitem, ou circulem, regularmente na região central, mas que permanecem nessa área em busca de drogas. Assim, trata-se de uma população flutuante, cuja presença na região depende, entre outras coisas, do grau de fiscalização na área. Desse modo, para efeito do planejamento amostral,

utilizou-se como referência a distribuição espacial obtida com a exclusão desses pontos e expressa na Tabela 2.2.

Tabela 2.2 - Número de moradores de rua encontrados nos logradouros da região central

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

	Número presumido de moradores de rua, excluindo-se 4 pontos do distrito República, com mais de 60 moradores	%
República	1204	32,3
Sé	1195	32,1
Santa Cecília	309	8,3
Brás	249	6,7
Consolação	175	4,7
Bom retiro	165	4,4
Bela vista	138	3,7
Liberdade	128	3,4
Parí	111	3,0
Cambuci	53	1,4
Total	3727	100

2.2. PLANO AMOSTRAL

O sistema de referência sobre o qual se planejou a amostra é constituído pelos 31 roteiros utilizados na realização do Censo de 2009. Esses roteiros abrangem a região central e foram percorridos pelos recenseadores em 2009.

Visando aumentar a eficiência das estimativas, os roteiros/trajetos foram agrupados em estratos segundo o perfil da população de rua encontrada durante o censo. Em dez trajetos foram encontrados menos do que 13 moradores de rua. Esses constituíram um estrato à parte. Para os demais, foi aplicada uma análise de agrupamentos, pelo método do vizinho

mais longe⁴, utilizando como variáveis, a porcentagem de homens, crianças/adolescentes e adultos encontrados durante o censo. Esse processo sugere a criação de seis estratos. A Tabela 2.3 traz uma descrição dos estratos a serem utilizados no processo amostral, sendo o estrato sete formado pelos 10 trajetos mencionados anteriormente.

Tabela 2.3 - Descrição dos estratos a serem utilizados no plano amostral

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Estrato	Homens			Crianças/ adolescentes			Adulto			Número de Roteiros	Número de Moradores de Rua
	Média	Mínimo	Máximo	Média	Mínimo	Máximo	Média	Mínimo	Máximo		
1	80,3%	76,6%	84,0%	19,0%	17,4%	20,6%	73,2%	70,4%	76,1%	2	265
2	73,7%	72,3%	75,9%	12,5%	8,0%	15,4%	83,4%	82,7%	84,2%	3	557
3	83,7%	79,4%	86,0%	2,8%	1,6%	4,2%	88,7%	86,3%	90,4%	6	1058
4	86,7%	83,0%	89,1%	5,2%	1,1%	9,6%	83,7%	77,1%	86,3%	8	1358
5	91,2%	91,2%	91,2%	1,0%	1,0%	1,0%	92,9%	92,9%	92,9%	1	106
6	88,7%	88,7%	88,7%	16,9%	16,9%	16,9%	79,5%	79,5%	79,5%	1	322
7	77,7%	50,0%	100,0%	5,9%	0,0%	25,0%	87,3%	58,3%	100,0%	10	61
Total	81,8%	50,0%	100%	6,8%	0,0%	25,0%	85,3%	58,3%	100%	31	3727

Os roteiros foram percorridos pelas equipes de campo que, mediante uma amostragem sistemática com fração de amostragem constante, selecionaram os moradores de rua a serem entrevistados. O Apêndice traz detalhes técnicos do plano amostral.

2.3. PROCEDIMENTO DE CAMPO

Os roteiros foram organizados segundo os distritos municipais tendo sido percorridos por duplas de pesquisadores. Os pesquisadores foram instruídos a entrevistarem a primeira pessoa encontrada a partir do início pré-estabelecido do trajeto. Em seguida, continuavam a percorrer o roteiro, adotando a seguinte estratégia:

- a) Entrevistar o primeiro morador de rua encontrado após o início do trajeto.
- b) Continuar a percorrer o trajeto e não entrevistar os quatro moradores seguintes.

⁴ Johnson, R.A. & Wichern, W. Applied Multivariate Statistical Analysis. 6th Ed. Prentice Hall.

- c) Entrevistar o quinto morador de rua
- d) Repetir os passos (b) e (c) até que fosse atingido o número esperado de entrevistas.

A Tabela 2.4 traz a distribuição final da amostra segundo os distritos municipais.

**Tabela 2.4 - Distribuição das entrevistas segundo os distritos municipais
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Distrito Municipal	Tamanho amostral	%
Sé	155	29,5
República	154	29,3
Santa Cecília	55	10,5
Brás	40	7,6
Bom retiro	30	5,7
Consolação	25	4,8
Liberdade	20	3,8
Pari	20	3,8
Bela Vista	17	3,2
Cambuci	10	1,9
Total	526	100

2.4. DETALHES TÉCNICOS DO PLANO AMOSTRAL

Considere y_{hj} o valor observado de uma característica de interesse para o morador j , no estrato h . Seja n_h o número de trajetos presentes no estrato h , M_h o número de moradores no estrato h e m_h o número de moradores sorteados nesse trajeto. Um estimador da média dessa característica para o estrato h é dado por:

$$\bar{y}_h = \frac{\sum_{j=1}^{m_h} y_{hj}}{m_h} .$$

A variância desse estimador pode ser estimada por

$$\text{Var}_h = \frac{M_h^2 \left(1 - \frac{m_h}{M_h}\right) s_h^2}{m_h}$$

sendo s_h^2 a variância amostral dos dados observados no trajeto i do estrato h ⁵.

O estimador da média para a população de rua existente nos estratos considerados nesta fase é dado por

$$\bar{y} = \sum_{h=1}^H W_h \bar{y}_h,$$

no qual H é o número de estratos e $W_h = \frac{M_h}{M}$, sendo M_h o número de moradores no estrato h e M o número de moradores na área de abrangência da pesquisa.

3. CONSTITUIÇÃO DA EQUIPE DE CAMPO

3.1. SELEÇÃO E TREINAMENTO DOS PESQUISADORES

Os resultados de uma pesquisa dependem em grande parte, da qualidade e seriedade dos pesquisadores de campo. Daí a relevância do papel que desempenham e a necessidade de uma seleção criteriosa, porque nem mesmo um bom treinamento poderá superar os erros de uma seleção mal feita. Os pesquisadores devem ter não só a qualificação exigida para a função, como também um interesse pelo objetivo da pesquisa.

- *Seleção dos pesquisadores*

Para esta pesquisa, foram selecionados 21 pesquisadores, dentre os que já haviam participado do último Censo de População de Rua na Cidade de São Paulo, realizado no final de 2009. Dado o grande número de pesquisadores que trabalharam nesse censo, foi possível fazer uma seleção criteriosa daqueles com melhor perfil para a pesquisa de campo nesta fase de caracterização da população de rua, que demandava um tempo mais prolongado de entrevista.

⁵ Maiores detalhes sobre o plano amostral podem ser encontrados em Bolfarine, H. e Bussab, W.O. (2005). Elementos de Amostragem. Edgard Blucher.

Além do desempenho do pesquisador na abordagem das pessoas durante o Censo, foi considerada sua experiência em pesquisa e em trabalho como educador ou outra atividade com essa população, o que facilitaria a aproximação e o contato com as pessoas a serem entrevistadas. Não houve dificuldade para encontrar pessoas com a qualificação exigida.

- ***Treinamento***

O treinamento foi realizado em duas etapas. A primeira foi teórica e os pesquisadores receberam todas as orientações gerais que incluíram regras, esquema de supervisão, áreas com a presença de acompanhantes, horário de campo e formação de duplas; rotina de retirada e entrega de material de campo. Além disso, foram passadas verbalmente e entregue a cada um, o manual de instrução sobre os instrumentais de pesquisa e sobre procedimentos para escolha aleatória dos entrevistados.

A segunda etapa do treinamento foi um teste de campo. Cada pesquisador aplicou dois questionários e foi marcado um retorno para análise dos questionários aplicados, esclarecimento de dúvidas e discussão das dificuldades encontradas.

A familiaridade dos pesquisadores com o tema tratado e com as questões filtro, pela experiência anterior no Censo, facilitou de forma considerável o treinamento para o trabalho de campo.

3.2. EXECUÇÃO E TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo foi planejado para ser executado em 7 dias, no máximo, incluindo final de semana, no horário das 21:00h. às 24:00h. Esse horário alcançaria os moradores já acomodados em algum lugar, mas ainda acordados, para que pudessem responder ao questionário.

Os pesquisadores foram a campo em dupla, por uma questão de segurança, mas cada um tinha uma cota de cinco entrevistas por noite. As duplas foram orientadas a não se distanciarem muito um do outro, de forma que pudessem se comunicar em caso de algum

imprevisto. Em algumas áreas com população mais esparsa, havia necessidade de um pesquisador aguardar o término da entrevista de sua dupla para continuarem o percurso.

A área a ser percorrida foi distribuída a cada noite com mapa e roteiro de percurso que cada dupla de pesquisadores deveria cobrir até completar 5 entrevistas cada um, dentro do horário previsto. Nas regiões consideradas de maior risco, como na chamada “Cracolândia”, nos baixos de viadutos, os pesquisadores contaram com acompanhantes do Movimento de População de Rua e de técnicos de instituições conveniadas com SMADS que trabalham diretamente com os moradores de rua, o que foi fundamental para assegurar a realização do trabalho e a aceitação dos pesquisadores.

Houve alguns locais em que o percurso foi longo e um ou outro entrevistador não conseguiu encontrar, pelo critério amostral estabelecido, os cinco moradores para serem entrevistados, o que foi compensado com um dia de repescagem para garantir a amostragem.

A supervisão foi realizada por membros da equipe de planejamento a partir do escritório da FIPE, de onde monitoravam os percursos de cada roteiro, orientando os pesquisadores que encontrassem alguma dificuldade.

O trabalho de campo teve início pelos distritos da Sé e República onde era proporcionalmente maior o número de entrevistas a serem realizadas. Esses dois distritos foram subdivididos em vários roteiros a serem percorridos pelo conjunto dos entrevistadores, até que fossem realizadas todas as entrevistas. Em seguida foram percorridos os demais distritos do entorno da Sé e República.

A equipe de planejamento e coordenação dos trabalhos da FIPE ficou sediada na Av. Paulista⁶, facilitando o deslocamento dos entrevistadores. Diariamente, a partir das 18h30min. os pesquisadores se dirigiam à base para entrega dos questionários preenchidos na noite anterior e retirada do material e roteiro do dia. Os questionários aplicados eram examinados e avaliados pela equipe de planejamento, quanto à consistência dos dados.

⁶ Escritório da FIPE para seus cursos de MBA.

O trabalho de campo foi realizado dentro do período previsto de 7 dias, com interrupção apenas de dois dias em que houve ocorrência de chuva. No último dia houve retorno em algumas áreas onde o número de entrevistas definido na amostra, não tinha sido completado.

B. RESULTADOS

1. MORADORES DE RUA COMO “QUESTÃO”

Moradores de rua são, certamente, uma das inúmeras faces da pobreza urbana. Vivem em estado de total privação, condição primeira para a definição de pobreza.

Outros grupos partilham das restrições impostas pela deficiência de renda e recursos materiais necessários à sobrevivência: os moradores de favela, os encortiçados, as crianças trabalhadoras nas zonas rurais e muitos outros.

A pobreza dos moradores de rua, entretanto, é singular, pois abrange todas as dimensões da sua vida e se estabelece em um grau absoluto de privação; os favelados, em domicílios precários e irregulares, dispõem de uma área privativa, abrigo contra as intempéries e sua moradia cumpre, com diferentes graus de qualidade, suas funções básicas. Encortiçados, por sua vez, geram renda monetária, sem a qual não poderiam arcar com os custos do aluguel, indicando inserção, mesmo que informal, no mercado de trabalho. Reproduzem suas vidas precariamente, mas com inserção nos espaços de trabalho, família, vizinhança e, não menos importante, privacidade.

Os moradores de rua geram simulacros das condições de reprodução da vida diária: a moradia é substituída pela proteção do viaduto, o trabalho é eventual e, na maioria dos casos, resume-se à catação de lixo reciclável, bicos eventuais e esmola. A grande maioria vive só, principalmente os mais idosos, e substituem as relações de parentesco por uma sociabilidade de vínculos eventuais. O futuro encolhe e cessam os projetos de vida.

A presença dos moradores de rua no espaço público, reproduzindo suas vidas “publicamente”, chama atenção para o problema e o coloca como “questão a ser resolvida”.

Menos que a privação das pessoas, a “questão” se define pelo uso indevido do espaço público e por todas as externalidades negativas que daí decorrem.

A questão dos moradores de rua ocupa, hoje, espaço na agenda do poder público nos países da União Européia, Estados Unidos e começa a se tornar um ponto importante no Japão. A visibilidade que o espaço público confere ao problema, aspectos de equidade levantados pelas organizações que trabalham com a população e procura pelas causas que levam ao crescimento dessa população vem ocupando espaço crescente na agenda de pesquisa da academia e organizações sociais que procuram responder, basicamente, duas perguntas: o que leva as pessoas às ruas e o que fazer.

As pesquisas realizadas e a experiência acumulada de quem trabalha com a população ainda não conseguiu uma resposta que expressasse, de forma consistente, relações de causalidade. Sabe-se que alguns fatores encontram-se sempre associados ao momento em que se rompe uma forma de vida, mesmo precária, e a rua passa a ser alternativa de vida. Assim, álcool, desemprego e rompimento de relações familiares surgem repetidamente nas histórias pessoais daqueles que foram viver nas ruas. As combinações se modificam e o peso de cada um desses fatores se altera. Mais ainda, os arranjos familiares no momento da passagem à rua são distintos e muitas pessoas já se encontravam sós.

A afirmação de que a ida para a rua resulta de um processo de perdas e rupturas é uma constatação, mas não uma explicação. Por outro lado, a multiplicidade de fatores identificados aponta os elementos que podem ser considerados na investigação, mas não fornece nenhum critério de seleção.

O melhor conhecimento das causas exige investigações dirigidas especificamente para este objetivo, combinando técnicas de pesquisa qualitativa e quantitativa. Isto porque, reconstituir histórias de vida, apenas, não permite generalizações indispensáveis à identificação de causalidades, embora constituam importante fonte para formulação de hipóteses. Por outra parte, as análises quantitativas capturam sempre uma síntese da

trajetória que leva às ruas, deixando escapar fatores intervenientes que, talvez, possam constituir fortes condições causais.

Entre as pesquisa quantitativas que podem ser realizadas, a análise das condições dos chamados “grupos de risco” é de fundamental importância. Pobreza, dissolução dos vínculos familiares e desemprego são condições que muitas famílias, e pessoas, enfrentam. Nem todas, contudo, levam à perda das condições mínimas que impedem a chegada às ruas. Quais essas condições?

A importância da identificação de relações de causalidade permite atuar preventivamente, reduzindo o número de pessoas que chegam às ruas e antecipando a ação pública. A partir da chegada às ruas, a pergunta que se coloca é: o que fazer?

Como toda política de redução da pobreza, as intervenções junto aos moradores de rua deve ser multidimensional. Isto porque, todas as dimensões de vida dessas pessoas encontram-se atingidas: saúde, emprego, família, moradia, sociabilidade. Articuladas organicamente, o conjunto de condições estabelece um modelo circular, onde mudança em qualquer um dos elos da cadeia se propaga pelos demais. A forte atuação em qualquer um deles, certamente beneficia o conjunto, mas é na sinergia entre as ações que os melhores resultados podem ser esperados. A percepção da circularidade exige políticas ambiciosas e, certamente, mais difíceis de serem implementadas que as dirigidas para apenas uma das carências da população.

Isoladamente, é possível identificar alguns fatores que podem condicionar as políticas públicas dirigidas aos moradores de rua. Sem pretender uma enumeração exaustiva, pode-se, entretanto, apontar duas condições: a diversificação da rede de atendimento e a provisão de serviços de moradia social, notadamente para aqueles que estão chegando às ruas.

A diversificação da rede é a contrapartida natural da diversidade da população. Pessoas com graves problemas de saúde, drogados, portadores de distúrbios mentais, mães com filhos, migrantes que perderam seus documentos, trabalhadores excluídos do mercado de trabalho, idosos, crianças e adolescentes fugidos de casa exemplificam a pluralidade dessas

condições. A separação do atendimento a esses grupos é indispensável: a atenção diferenciada a distintas condições deve, certamente, ser um dos critérios de atendimento.

O acesso à habitação social permite a saída das ruas, ao menos momentaneamente. A atenção à saúde, drogas e requalificação para o mercado de trabalho pode se tornar mais promissora, pois passam a ser dispensadas sem ter que competir com as forças contrárias que a rua põe em movimento. Notadamente para os jovens e para aqueles recém chegados às ruas, a habitação social pode ser o abrigo necessário para que a dinâmica da vida nas ruas não leve à desestruturação das referências que possibilitam sua saída.

Algumas observações finais.

A rede do tráfico de drogas, competência da área de Segurança Pública, é uma das dimensões do problema. O consumo e a venda de drogas não são, certamente, a causa que leva as pessoas às ruas. São, entretanto, um importante elemento da dinâmica das ruas que possibilita a geração de renda, reduz a eficácia das ações públicas, degrada as condições físicas e seduz jovens e adolescentes. Sem a redução dessa fonte de atração, a eficácia das políticas pública será, certamente, menor.

Cabe observar, em segundo lugar, que a questão dos moradores de rua não é uma “questão de polícia”, mas uma “questão social”. O crescimento dessa população em todas as grandes cidades do mundo vem provocando um forte esforço para identificar as causas desse aumento. Assim, a simultaneidade desse crescimento em vários países e a tentativa de entendê-lo como um processo social supõe que a presença de fatores estruturais estão presentes. A suposição é de que, descontadas as características individuais das pessoas que chegam às ruas, a forma como a sociedade hoje se organiza para produzir, consumir e distribuir o que é produzido é parte integrante do problema.

Sempre houve, no passado recente e remoto, pessoas vivendo nas ruas. Os moradores de rua hoje, entretanto, carregam as determinações da época em que vivemos. É utopia pretender, portanto, que políticas públicas possam reintegrar toda a população e impedir que novos moradores de rua surjam nos centros urbanos, e até mesmo em zonas rurais. É

dever do Estado, contudo, dispensar atenção a essa população e procurar reduzir as condições que estão na origem desse processo.

A pesquisa sobre as condições socioeconômicas dos moradores de rua da Área Central de São Paulo descreve o multivariado perfil dessa população. Espera-se que os dados e análises apresentados a seguir integrem o acervo das informações necessárias para ganhar entendimento do problema e subsidiar políticas públicas eficientes.

2. CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA

As variáveis demográficas selecionadas pretendem caracterizar os moradores de rua quanto à idade, sexo e cor, bem como ao local de origem e o grau de escolaridade. Nesse item será incluída também, sempre que aplicável, a comparação com os indicadores demográficos da caracterização socioeconômica dos moradores de rua de 2000.

No censo dos moradores de rua realizado pela FIPE em novembro/dezembro de 2009, as variáveis idade, sexo e cor também foram levantadas. Elas foram novamente pesquisadas na presente caracterização com vistas ao controle da amostra. Os resultados obtidos nessa pesquisa apresentam ampla compatibilidade com os do levantamento censitário de 2009.

2.1. IDADE, SEXO E COR

A maioria dos moradores de rua é formada por homens, não brancos, com a idade média de 40 anos. Esses são os traços mais gerais identificados tanto na pesquisa de 2010 como na de 2000.

De acordo com a metodologia adotada em 2010 a idade foi declarada pelos entrevistados, ao contrário do Censo de moradores de rua de 2009, onde essa variável foi atribuída pelo entrevistador. Na caracterização socioeconômica as informações foram obtidas por meio de entrevista com os moradores de rua. Assim, foi possível perguntar a idade e caso a pessoa tivesse alguma dificuldade de responder, podia ser perguntado o ano em que nasceu. Acredita-se que dessa forma as informações obtidas foram mais precisas, em face da

dificuldade de se atribuir a idade para pessoas que normalmente aparentam ser mais idosas, por causa das condições em que vivem.

A tabela a seguir mostra os valores médios e os quartis para a distribuição da idade.

**Tabela 2.1 - Idade: Média, Mediana, Desvio Padrão e Quartis
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Estatística	Valor
Média	40,2
Mediana	39
Desvio Padrão	12,4
Primeiro quartil	30
Segundo quartil	39
Terceiro quartil	49
N	526

A amostra incluiu somente os adultos a partir de 18 anos e foram encontradas pessoas de 18 a 85 anos, ainda que em proporção muito menor nas faixas etárias extremas⁷. Mais da metade dos moradores de rua (54,2%) estão na faixa etária de 26 a 45 anos, período em que as pessoas apresentam maior potencial de trabalho. Mas também é significativa a participação dos que estão entre 46 e 55 anos (21,9%). Os mais jovens de 18 a 25 anos são apenas 12,9% dessa população, enquanto os mais velhos, de 56 anos e mais, representam 11% (Anexo I – Tabela 2.1).

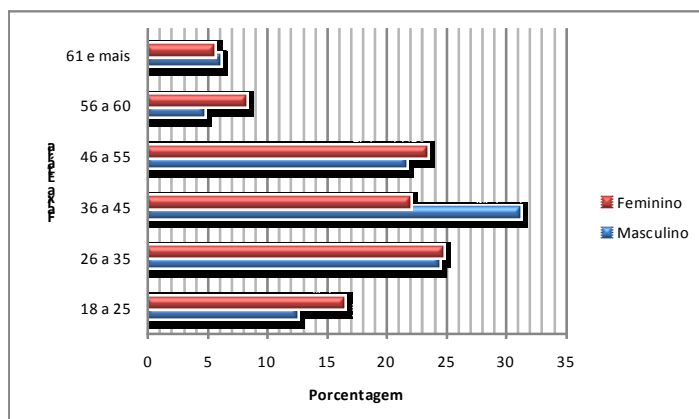
⁷ Foram entrevistados somente os maiores de 17 anos em decorrência do objetivo da pesquisa que é fazer a caracterização socioeconômica dos moradores de rua adultos. Avaliou-se desnecessária a inclusão de crianças e adolescentes, pois SMADS dispõe dos resultados da contagem e caracterização desse segmento da população de rua, realizados pela FIPE em 2007. Da mesma forma, não foram incluídos os moradores que pernoitam em albergues, objeto de estudo recente, realizado pela FIPE em 2006.

Tabela 2.2 - Idade e Sexo
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Faixa Etária	Sexo		
	Feminino	Masculino	Total
	%	%	%
18 a 25	16,4	12,4	12,9
26 a 35	24,7	24,3	24,3
36 a 45	21,9	31,1	29,9
46 a 55	23,3	21,6	21,9
56 a 60	8,2	4,6	5,1
61 e mais	5,5	6,0	5,9
Total	100,0	100,0	100,0

As mulheres compõem apenas 13,9% do total dos moradores encontrados nas ruas, enquanto os homens são 86,1% (Anexo I – Tabela 2.2). A distribuição da população pesquisada por sexo e faixa etária indica que ambos os sexos tem concentração na faixa de 26 a 55 anos, embora em menor proporção no sexo feminino. Por outro lado, nas faixas etárias extremas, as mulheres apresentam percentuais pouco mais elevados do que os homens: 16,4% entre as mais jovens em face de 12,4% dos homens e 13,7% entre as mais velhas em face de 10,6% dos homens.

Gráfico 2.1 - Idade e Sexo
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



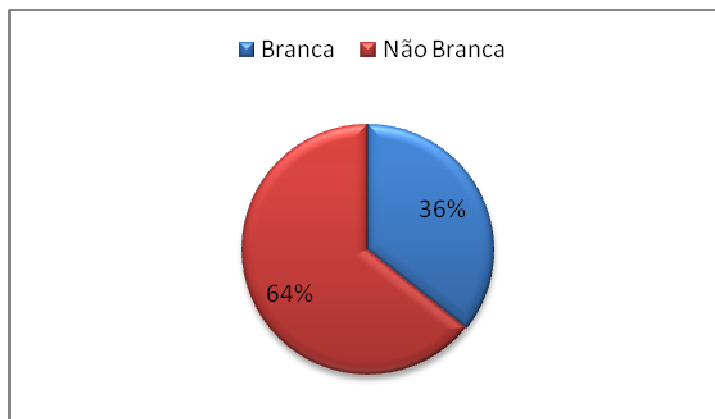
Diferentemente da idade, a cor foi atribuída pelo entrevistador. Optou-se por essa forma devido às dificuldades de fazer a pergunta e obter resposta adequada, conforme foi verificado no pré-teste do questionário, onde foi incluída a pergunta para o entrevistado declarar sua cor.

Quase 36% dos moradores de rua são brancos, enquanto pouco mais de 64% são caracterizados como não brancos. Essa proporção de não brancos é substancialmente maior na população de rua do que no conjunto da população da cidade de São Paulo, onde de acordo com o último Censo Demográfico do IBGE de 2000, os negros, pardos, amarelos e indígenas representavam 32,2% do total (Anexo I - Tabela 2.3).

Tabela 2.3 - Cor
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Cor	Frequência	%
Branca	188	35,7
Não Branca	338	64,3
Total	526	100,0

Gráfico 2.2 - Cor
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



2.2. ESCOLARIDADE

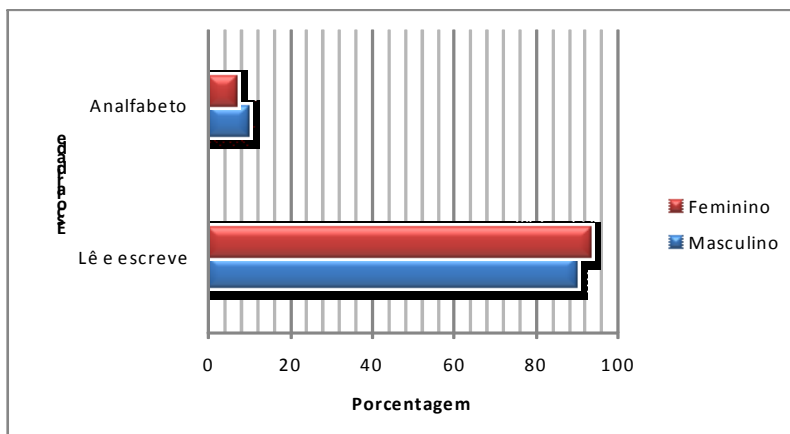
O nível de escolaridade dos moradores de rua é de modo geral baixo o que representa um fator de dificuldade para o desempenho de atividades remuneradas, mesmo no mercado informal de trabalho.

Tabela 2.4 - Leitura e Escrita
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Escolaridade	Feminino	Masculino	Total
	%	%	%
Analfabeto	6,9	9,9	9,5
Sabe ler e escrever	93,1	90,1	90,5
Total	100,0	100,0	100,0

A porcentagem de analfabetos no total dessa população (9,5%) é elevada e significativamente superior à verificada para a população do Município de São Paulo (3,7%). Entre as mulheres a taxa de analfabetismo é pouco menor do que entre os homens: respectivamente 6,9% e 9,9%. Ao mesmo tempo, a porcentagem das mulheres que sabem ler e escrever (93%) é maior do que a dos homens (90,5%) (Anexo I – Tabela 2.4).

Gráfico 2.3 - Leitura e Escrita
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

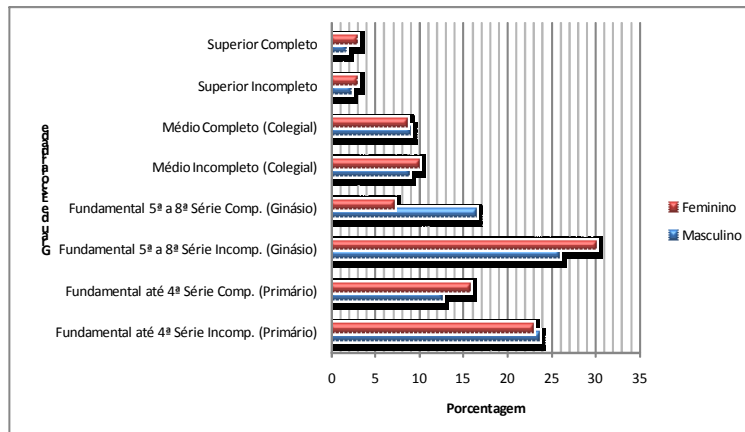


Dos 92% que frequentaram a escola, a maioria não chegou a completar o ensino fundamental até a 8ª série (62,8%). Os que completaram e estudaram além desse nível, correspondem a 37,2%. Nesse grupo estão incluídos os 2,3% com superior incompleto e 1,9% com superior completo (Anexo I – Tabela 2.5).

Tabela 2.5 - Grau de Escolaridade por Sexo
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Grau de escolaridade	Feminino	Masculino	Total
	%	%	%
Fundamental de 1ª a 4ª Série Incompleto (Primário)	22,9	23,5	23,4
Fundamental de 1ª a 4ª Série Completo (Primário)	15,7	12,5	12,9
Fundamental de 5ª a 8ª Série Incompleto (Ginásio)	30,0	25,9	26,5
Fundamental de 5ª a 8ª Série Completo (Ginásio)	7,1	16,4	15,0
Médio Incompleto (Colegial)	10,0	8,8	9,0
Médio Completo (Colegial)	8,6	9,0	9,0
Superior Incompleto	2,9	2,2	2,3
Superior Completo	2,9	1,7	1,9
Total	100,0	100,0	100,0

**Gráfico 2.4 - Grau de Escolaridade por Sexo
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



Entre as mulheres a escolaridade é mais baixa do que entre os homens, sendo que 75% delas têm o ensino fundamental completo, em face de 78% dos homens. Os dados comparativos por sexo são apresentados na Tabela 2.5

O baixo grau de escolaridade fica evidenciado quando se compara com as médias do Município de São Paulo. Entre os que vivem nos logradouros é elevada a proporção dos que não tem escolarização ou tem apenas primário incompleto: 29,6% frente a 21,9% no Município de São Paulo. Nessa comparação destaca-se também que entre os moradores é significativamente maior o percentual dos que têm ginásio (5ª a 8ª série) incompleto e colegial incompleto. Da mesma forma, eles ficam muito distantes da média da cidade quanto ao ensino médio completo, pois apenas 10% atinge esse grau de escolaridade em face de 28% do conjunto dos moradores do município de São Paulo.

Tabela 2.6 - Grau de Escolaridade
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Referência	Não- Alfabetizado / Primário Incompleto	Primário Completo / Ginásio Incompleto	Ginásio Completo / Colegial Incompleto	Colegial Completo / Superior Incompleto	Superior Completo	Total
Moradores de rua/2010	29,6	36,3	22,1	10,4	1,7	100,0
Município de São Paulo/2007*	21,9	21,4	16,6	28,0	12,0	100,0

*Fonte: Companhia do Metropolitano de São Paulo/Metro, Pesquisa Origem Destino, 2007.

2.3. VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS: 2010 E 2000

Os resultados das pesquisas de 2010 e 2000 são muito semelhantes com relação à distribuição dos moradores de rua por sexo e cor, conforme tabelas abaixo. Em ambas o sexo masculino representa 86% e os não brancos, pouco mais do que 60%.

Tabela 2.7 - Sexo
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010 e 2000

Sexo	2000	2010
Masculino	86,2	86,1
Feminino	13,8	13,9
Total	100,0	100,0

Tabela 2.8 - Cor
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010 e 2000

Cor	2000	2010
Branca	38,9	35,7
Não Branca	61,1	64,3
Total	100,0	100,0

Com relação à idade, a comparação entre as duas pesquisas indica que, em ambas, a idade média dos moradores de rua é de 40 anos. No entanto, em 2010 ocorreram mudanças na

participação relativa das diversas faixas etárias no conjunto da população, conforme tabela abaixo.

Tabela 2.9 - Idade
Moradores de rua na Área Central, 2010 e 2000

Faixa Etária	2000	2010	2010/2000
	%	%	%
18 a 25	7,84	12,9	5,1
26 a 45	63,64	54,2	-9,4
46 a 55	19,75	21,9	2,1
56 e mais	8,78	11,0	2,2
Total	100,0	100,0	–

O grupo de 18 a 25 anos apresentou um crescimento de 5,1%. Essa expansão pode estar relacionada com o incremento do uso de drogas pelos jovens e seus desdobramentos em termos de desorganização das relações familiares. Na pesquisa de 2010 foram numerosos os relatos de entrevistados que apontaram o consumo de drogas como o principal motivo que os levou às ruas. Uns afirmaram ter sido expulsos pela família, outros decidiram abandonar a casa em que moravam para evitar os conflitos familiares gerados por aquele consumo.

Por outro lado observa-se no mesmo período uma redução relativa de 9,4% na faixa etária de 26 a 45 anos que, como vimos, representa mais da metade da população estudada em 2010. Essa mudança pode ser parcialmente resultado do processo de envelhecimento dos moradores de rua, pois se verifica que as faixas etárias de 46 a 55 anos e de 56 anos e mais apresentaram um crescimento de 4,4% em relação a 2000.

Em síntese verifica-se que os extremos da escala etária (os mais jovens e os mais velhos) tiveram um incremento na sua participação no conjunto da população estudada e a situação contrária ocorreu com o grupo intermediário de 26 a 45 anos.

2.4. COMPARAÇÃO COM PESQUISAS DE OUTRAS LOCALIDADES

Cabe observar que com relação a essas três variáveis demográficas – idade, sexo e cor – a presente caracterização socioeconômica dos moradores de rua na cidade de São Paulo, chegou a resultados semelhantes aos de estudos realizados em cidades como Belo Horizonte, Porto Alegre, Santos e as cidades incluídas no Censo Nacional da População em Situação de Rua⁸.

Em que pesem as especificidades metodológicas e o ano da realização, esses levantamentos registraram significativa concentração de pessoas na faixa etária de 25 a 45 anos; participação relativamente reduzida de mulheres face à dos homens (entre 10% e 18%); e predominância dos não brancos no conjunto da população pesquisada. Outro resultado comum a essas pesquisas é a presença muito forte de migrantes na composição da população de moradores de rua. (Anexo I – Tabela 2.6).

2.5. LOCAL DE ORIGEM

O local de nascimento dos entrevistados é informação útil para identificar etapas na trajetória dessas pessoas até se tornarem moradores de rua. Permite também dimensionar a participação dos migrantes e dos naturais de São Paulo na composição dessa população.

A Região Sudeste é o principal local de origem com 57,7% do total de moradores, seguida pela Região Nordeste com 33,1%. As demais regiões pouco contribuem para o total, destacando-se entre elas, a Região Sul com 6,5%.

⁸ População em Situação de Rua, Vidas Privadas em Espaços Públicos: o caso de Belo Horizonte 1998 -2005, Ferreira, Frederico P. Martins, Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de Minas Gerais. Cadastro e Estudo do Mundo da População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre/RS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Laboratório de Observação Social - UFRGS. Censo da População em Situação de Rua, 2009, Prefeitura Municipal de Santos/Secretaria Municipal de Assistência Social. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Sumário Executivo 2008, Meta Instituto de Pesquisa de Opinião, Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

**Tabela 2.10 - Região de Origem
Moradores de rua na Área Central, 2010**

Região	Frequência	%	% Válida
Norte	3	0,6	0,6
Nordeste	174	33,1	33,1
Centro-Oeste	8	1,5	1,5
Sudeste	303	57,6	57,7
Sul	34	6,5	6,5
Outro país	3	0,6	0,6
Não sabe/Sem informação	1	0,2	100,0
Total	526	100,0	

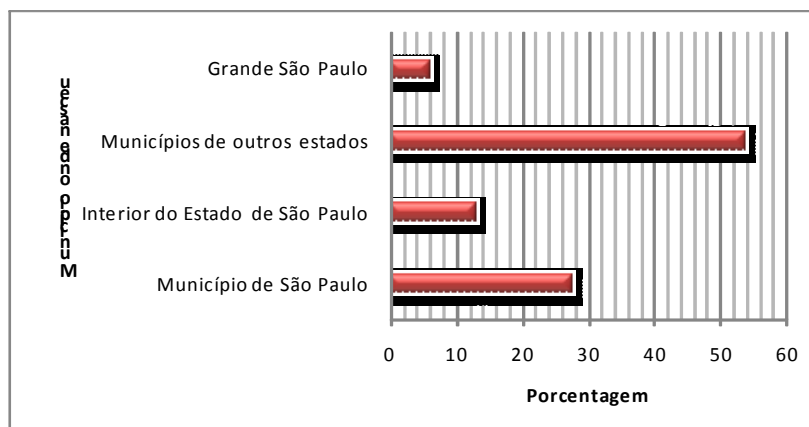
Desagregando-se os dados por estados, São Paulo é o estado de origem do maior percentual de moradores de rua da capital (45,9%). Outras unidades da federação contribuem em proporção muito menor: Bahia (12,6%), Minas Gerais (8,2%), Pernambuco (7,2%), Ceará (5,1%), Paraná (4,6%), além do Rio de Janeiro e Alagoas, cada um com 2,7%. Os demais estados juntos representam 10% do total.

Considerando o estado paulista, observa-se na tabela a seguir que os nascidos na capital são maioria com 27,4%; os nascidos na Grande São Paulo representam 5,9% e os do interior do estado são 12,8%. Em que pese a significativa participação do Estado de São Paulo nesse quadro, mais da metade dos moradores de rua (53,8%) são originários de municípios de outros estados.

**Tabela 2.11 - Município de Origem
 Moradores de rua na Área Central, 2010**

Município onde nasceu	Frequência	%	% Válida
Município de São Paulo	143	27,2	27,4
Municípios do interior do Estado de São Paulo	67	12,7	12,8
Municípios de outros estados	281	53,4	53,8
Grande São Paulo	31	5,9	5,9
Não sabe/Sem informação	4	0,8	100,0
Total	526	100,0	

**Gráfico 2.5 - Município de Origem
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



2.6. TEMPO DE MORADIA EM SÃO PAULO

Cerca de 70 % dos que hoje estão vivendo nas ruas de São Paulo é formada por migrantes, os quais apresentam situações diferenciadas em sua trajetória. Em grande parte, vieram apenas uma vez para a cidade de São Paulo (53%), ou seja, migraram e aqui se fixaram, enquanto outros vieram mais de uma vez (17,7%), retornando para seus estados de origem ou continuando sua trajetória de migrantes.

Os que vieram apenas uma vez vivem na capital paulistana, em média, há 18 anos, enquanto os que vieram mais de uma vez têm em média 7 anos desde que aqui chegaram pela última vez. A média, mediana, desvio padrão e quartis para o tempo de moradia em São Paulo estão na tabela abaixo.

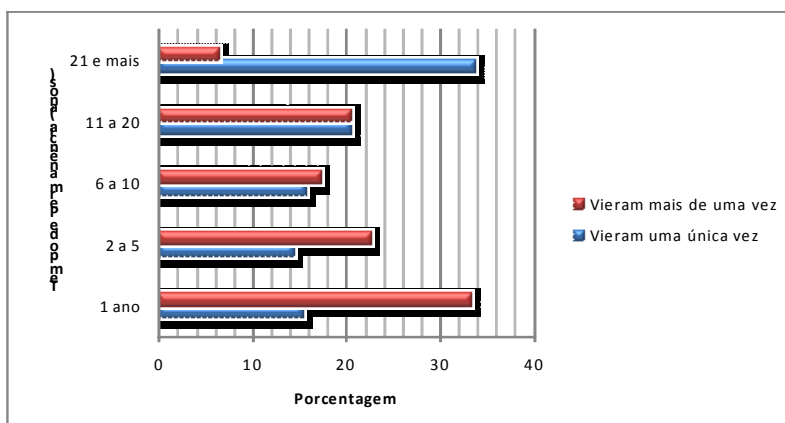
Tabela 2.12 - Tempo de Moradia em São Paulo: Média, Mediana, Desvio Padrão e Quartis

Moradores de rua na Área Central, 2010

Estatística	Quando veio morar em São Paulo	
	Primeira vez	Última vez
Média	18,6	7,3
Mediana	16	4
Desvio Padrão	14,4	7,8
Primeiro quartil	5,8	1
Segundo quartil	16	4
Terceiro quartil	30	11
N	374	93

O migrante que vive nas ruas de São Paulo não é recém chegado na cidade. Apenas 15,5% dos que vieram uma única vez vivem na capital há um ano, enquanto mais da metade (54,3%) veio há mais de 10 anos. Por outro lado, os migrantes que saíram da cidade e depois retornaram, tendo em sua trajetória mais de uma mudança para São Paulo, chegaram à capital há menos tempo: 33,3% vivem aqui há um ano e quase 40%, de 2 a 10 anos. (Anexo I – Tabela 2.7).

**Gráfico 2.6 - Tempo de permanência no Município de São Paulo
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



**Tabela 2.13 - Tempo de permanência no Município de São Paulo
 Moradores de rua na Área Central, 2010**

Anos	Moradores de rua migrantes	
	Vieram uma única vez	Vieram mais de uma vez
	%	%
1 ano	15,5	33,3
2 a 5 anos	14,4	22,6
6 a 10 anos	15,8	17,2
11 a 20 anos	20,5	20,4
21 anos e mais	33,8	6,5
Total	100,0	100,0

2.7. LOCAL DE ORIGEM: COMPARAÇÃO 2010 E 2000

A comparação com a pesquisa de 2000 indica que ocorreram algumas mudanças significativas com relação ao local de origem dos moradores de rua na cidade de São Paulo.

A região Nordeste que era responsável por 43,2% dos moradores de rua em 2000, apresentou uma redução de 10% em 2010. Essa região, historicamente a principal responsável pelos saldos migratórios positivos de São Paulo, continua sendo o segundo

maior local de origem da população em estudo, mas em menor proporção (33%). Ao mesmo tempo a Região Sudeste aumentou em 11,4% a sua já elevada participação como local de procedência, chegando a 57,6% do total.

Tabela 2.14 - Região de Origem, 2010 e 2000
Moradores de rua na Área Central, 2010

Região de Origem	2000	2010	2010/2000
	%	%	%
Norte	0,9	0,6	-0,3
Nordeste	43,2	33,1	-10,1
Centro-Oeste	1,5	1,5	0,0
Sudeste	46,2	57,6	11,4
Sul	5,8	6,5	0,7
Outro país	1,5	0,6	-0,9
Não sabe/Sem informação	0,9	0,2	-0,7
Total	100,0	100,0	

A posição do Estado de São Paulo também mudou sensivelmente: de 15,8% em 2000, passou a ser responsável por 45,9% do total dos que migraram e hoje vivem nas ruas. Essa situação pode estar relacionada à nova dinâmica dos fluxos migratórios para São Paulo que, no entanto, continua como importante pólo de atração para moradores de cidades do interior paulista e da própria Região Metropolitana.

Tabela 2.15 - Migrantes e Paulistanos
Moradores de rua na Área Central, 2010

Procedência	2000	2010
	%	%
Migrante veio apenas uma vez	48,9	53,0
Migrante veio mais de uma vez	29,8	17,7
Total de Migrantes	78,7	70,7
Paulistanos	18,5	27,2
Sem informação	2,7	2,1
Total geral	100,0	100,0

A proporção dos migrantes na composição da população moradora de rua era maior em 2000. A redução em 2010 pode estar associada em parte, à queda da migração para o Estado de São Paulo e para a capital, principalmente no período de 2001 a 2008, quando os saldos migratórios se tornaram negativos⁹. Os migrantes que vieram uma única vez para a cidade de São Paulo têm participação pouco maior no conjunto da população pesquisada, em comparação com 2000. Mas com relação aos moradores de rua que migraram mais de uma vez para a capital constata-se uma proporção significativamente menor em 2010.

Cabe destacar ainda que nesse quadro de mudanças, tornou-se mais significativa a participação de paulistanos na composição da população moradora nas ruas: de 18,5% em 2000, para 27,4% em 2010.

3. FAMÍLIA E VÍNCULOS FAMILIARES ATUAIS

A população que vive nas ruas é aquela que perdeu sua última moradia. Em geral tem um histórico de desemprego, desestruturação familiar, não raras vezes precedida ou seguida de dependência ao álcool e droga, conforme foi verificado nesta pesquisa.

É provável que a vida nas ruas por muito tempo faça romper os laços afetivos que muitos mantinham com a família. É provável também, que muitos ainda mantenham alguns vínculos familiares. Nessa perspectiva, foram levantadas informações sobre existência de filhos, se têm ou já tiveram companheira (o), se contam com parentes na cidade que não os acompanham na vida de rua e quando foi a última vez que tiveram algum contato. Tais variáveis permitem retratar a situação atual dessa população quanto aos seus vínculos familiares atuais.

Foi constatada a presença de 67% de moradores de rua vivendo sós em São Paulo. Apenas 33% disseram estar acompanhados. Frente à situação encontrada na pesquisa de 2000,

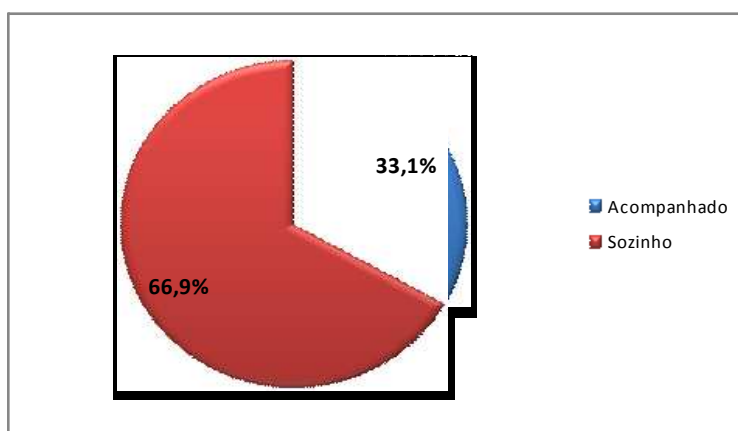
⁹ IPEA. Comunicado da Presidência nº 32. PNAD 2008: Primeiros Resultados. Instituto de pesquisa Econômica Aplicada, Brasília, 2009.

quando 55,7% dos moradores de rua viviam sós e 44,3%, acompanhados, constata-se um aumento significativo de pessoas sós.

Tabela 3.1 - Vivem acompanhados ou sozinhos nas ruas
Moradores de rua na Área Central, 2010

Com quem vive na rua	Frequência	%
Acompanhado	174	33,1
Sozinho	352	66,9
Total	526	100,0

Gráfico 3.1 - Vivem acompanhados ou sozinhos nas ruas
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



As informações levantadas indicam, ainda, que a frequência de pessoas que vivem sós nas ruas, aumenta proporcionalmente conforme o aumento das faixas etárias. Entre os entrevistados com idade entre 18 e 30 anos, 57,4% declararam viver sozinhos, número este que aumenta para 67% na faixa etária de 31 e 49 anos e atinge 77% entre os moradores com 50 anos ou mais.

Tabela 3.2 - Distribuição dos moradores que vivem acompanhados ou sozinhos nas ruas, por grupo etário

Moradores de rua na Área Central, 2010

Com quem vive na rua	Grupos etários						Total	
	Até 30		31 a 49		50 e mais			
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Acompanhado	58	42,6	87	33,0	29	23,0	174	33,1
Sozinho	78	57,4	177	67,0	97	77,0	352	66,9
Total por grupo etário	136	100,0	264	100,0	126	100,0	526	100,0

Dentre os moradores que estão acompanhados, 59,6% vivem com pessoas sem vínculos familiares (amigos), enquanto 48% declararam viver na rua com pessoas com algum grau de parentesco: 43,9% vivem com companheiro (a), pais, e/ou filhos e 4,1% com outros membros da família. Cabe ressaltar que somente 2,3% dos entrevistados que vivem acompanhados, moram com os filhos na rua.

Comparando com os dados levantados no Censo de População de Rua de 2000, verifica-se um aumento na incidência de moradores vivendo na rua com pessoas que tenham algum tipo de vínculo familiar. No levantamento de 2000, 78% dos moradores entrevistados que viviam acompanhados nas ruas declararam viver com amigos, enquanto que somente 28,4% declararam viver nas ruas com pessoas com algum grau de parentesco.

Tabela 3.3 - Com quem vive na rua, 2000 e 2010
Moradores de rua na Área Central, 2010 e 2000

Vive na rua com	2000		2010	
	Frequência	%	Frequência	%
Companheira/o	33	22,8	69	40,4
Filho	4	2,8	4	2,3
Pai	-	-	2	1,2
Mãe	-	-	5	2,9
Outro membro da família	4	2,8	7	4,1
Amigo	113	78,0	102	59,6
Outro	-	-	1	0,6
Respostas	154	106,4	190	111,1
Respondentes	145	-	171	100

Com relação ao grupo de moradores que possui 50 anos ou mais, verificou-se que 15,9% vivem nas ruas com pessoas sem vínculos familiares e, uma proporção ainda menor, 6,3%, com companheiro (a). Não foi identificado nenhum morador, nesta faixa etária, que vivesse nas ruas com qualquer membro da família de origem.

Tabela 3.4 - Distribuição dos moradores de rua com idade de 50 anos ou mais, segundo 'com quem vive na rua'

Moradores de rua na Área Central, 2010

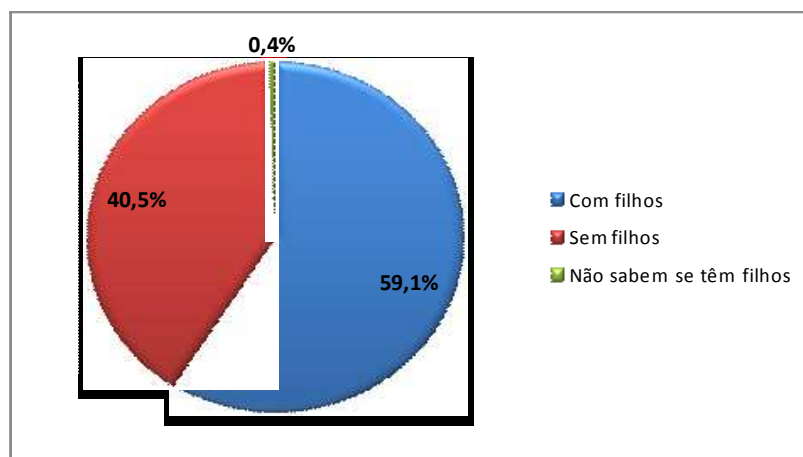
Com quem vive na rua – Grupo etário 50 anos ou mais	Frequência	% Válida
Companheira/o	8	6,3
Amigo	19	15,1
Outro	1	0,8
Sem informação	1	0,8
Não se aplica	97	77,0
Total	126	100,0

A maioria dos moradores entrevistados, 59,1%, declarou ter filhos, sendo que um número significativo, 80,7%, possui até 3 filhos. Na média, o número de filhos dos entrevistados é de 2,44, superando o número médio de filhos na Região Metropolitana de São Paulo que, segundo o Dieese, em 2008, era de 1,9.

Tabela 3.5 - Com filhos e sem filhos
Moradores de rua na Área Central, 2010

Moradores de rua	Frequência	%
Com filhos	311	59,1
Sem filhos	213	40,5
Não sabem se têm filhos	2	0,4
Total	526	100,0

Gráfico 3.5 - Com filhos ou sem filhos
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



**Tabela 3.6 - Com filhos, distribuição por número de filhos declarados
Moradores de rua na Área Central, 2010**

Quantidade de filhos	Frequência	% Válida	% Cumulativa
1	96	30,9	30,9
2	102	32,8	63,7
3	53	17,0	80,7
4	29	9,3	90,0
5	11	3,5	93,6
6	11	3,5	97,1
7	1	0,3	97,4
8	2	0,6	98,1
9	4	1,3	99,4
Não declarou	2	0,6	100,0
Total de moradores de rua com filhos	311	100,0	

**Tabela 3.7 - Média, mediana e quartis para o número de filhos
Moradores de rua na Área Central, 2010**

Estatística	Valor
Média	2,44
Mediana	2,00
Primeiro quartil	1,00
Segundo quartil	2,00
Terceiro quartil	3,00
N	309

Dados referentes à faixa etária da população de moradores de rua com filhos apontam que a maioria, o correspondente a 56%, possuem idade entre 31 e 49 anos. Apenas 20,1% possuem idade entre 18 e 30 anos; e 23,9%, 50 anos ou mais.

Tabela 3.8 - Distribuição por grupo etário dos moradores de rua que declararam o número de filhos

Moradores de rua na Área Central, 2010

Grupos etários dos moradores de rua que declararam o número de filhos						Total	
Até 30		31 a 49		50 e mais			
Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
62	20,1	173	56,0	74	23,9	309	100,0

Ainda, tomando por base a faixa etária dos entrevistados, verificou-se que 45,9% dos moradores com idade entre 18 e 30 anos declararam ter filhos; este percentual sobe para 65,8% para aqueles entre 31 e 49 anos e atinge 59,7% entre aqueles que possuem 50 anos ou mais.

Tabela 3.9 - Distribuição percentual dos moradores de rua que possuem e dos que não possuem filhos, por idade

Moradores de rua na Área Central, 2010

Possui filhos	Faixa Etária		
	Até 30 anos	31 a 49 anos	50 anos ou mais
Sim	45,9	65,8	59,7
Não	54,1	34,2	40,3
Total	100,0	100,0	100,0

As informações obtidas mostram que apenas 16,5% dos moradores têm, atualmente, companheira (o) ou esposa (o). Há que se destacar que somente 10,3% deste universo encontram-se na faixa etária acima dos 50 anos. A pesquisa indica a predominância de moradores de rua (67,1%) que, embora não tenham atualmente companheira (o) ou esposa (o), declararam já ter tido no passado, enquanto 16,3% nunca tiveram.

Tabela 3.10 - Distribuição por grupo etário dos moradores de rua que atualmente têm companheira (o) ou esposa (o), dos que não têm, mas já tiveram e dos que nunca tiveram

Moradores de rua na Área Central, 2010

Atualmente tem companheira (o) ou esposa (o)	Grupos etários						Total	
	Até 30		31 a 49		50 e mais			
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Sim	41	30,1	37	14,0	9	7,1	87	16,5
Não, mas já teve	70	51,5	189	71,6	94	74,6	353	67,1
Nunca teve	25	18,4	38	14,4	23	18,3	86	16,4
Total	136	100,0	264	100,0	126	100,0	526	100,0

Cerca de dois terços da população entrevistada, 61,3%, declararam possuir parentes na cidade de São Paulo que não vivem com elas na rua e 38,7% declararam não possuir parentes na cidade. Comparando estes dados, com os de 2000 verifica-se uma pequena elevação do número de moradores que possuem parentes na cidade. Naquele ano, 55,8% de moradores tinham parentes na cidade que não viviam com eles na rua, enquanto 44,2% declararam não ter parentes na cidade.

Estes números, quando comparados com os dados da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua¹⁰, realizada em 2008, apontam que na capital paulista a presença de parentes residindo na cidade é significativamente maior que a média nacional, na qual apenas 51,9% dos moradores possuíam parentes na cidade onde se encontravam.

¹⁰ Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (Abril 2008). Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. MDS, Brasília, p.10

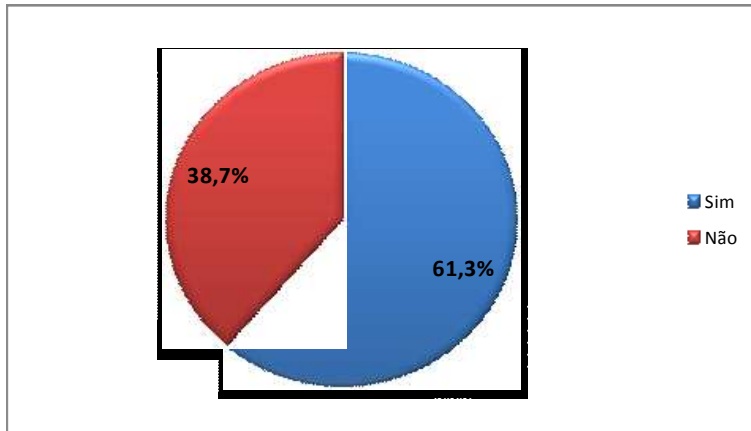
Tabela 3.11 - Presença de parentes de moradores de rua na cidade de São Paulo que não vivem com eles na rua

Moradores de rua na Área Central, 2010

Têm parentes na cidade de São Paulo	Frequência	%	% Válida
Sim	322	61,2	61,3
Não	203	38,6	38,7
Sem informação	1	0,2	
Total	526	100,0	100,0

Gráfico 3.11 - Presença de parentes na cidade de São Paulo que não vivem com eles na rua

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



A presença de parentes residentes na cidade de São Paulo, que não vivem com eles na rua, é mais freqüente para o conjunto dos moradores de rua paulistanos (77,5%). Para o conjunto de migrantes, 49,3% dos oriundos do interior do Estado de São Paulo; 56,9% dos que vieram de outros estados e 58,1% dos que vieram dos municípios da Região Metropolitana de São Paulo têm parentes na capital.

Tabela 3.12 - Presença de parentes na cidade de São Paulo em relação ao município de origem

Moradores de rua na Área Central, 2010

Município de origem	Sim		Não		Total	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Município de São Paulo	110	77,5	32	22,5	142	100,0
Municípios do interior do Estado de São Paulo	33	49,3	34	50,7	67	100,0
Municípios de outros estados	160	56,9	121	43,1	281	100,0
Municípios da Grande São Paulo*	18	58,1	13	41,9	31	100,0
Total	321	61,6	200	38,4	521	100,0

* exclusive município de São Paulo

A existência de vínculos com familiares e parentes foi identificada através de pergunta sobre o período de tempo que estavam sem ter contato com essas pessoas. Verificou-se uma grande variedade de situações, de alguns meses até mais de 10 anos sem ter contato com parentes que moram na cidade de São Paulo, mas não vivem com eles na rua.

Destes, 62,7% mantiveram contato no período de um ano, dos quais 31,2% tiveram o último contato no último mês, 21,2% , no período de 2 a 6 meses e 10,3%, de 7 a 12 meses. Os que tiveram o último contato entre 13 meses e 5 anos, correspondem a 24,8%. Uma parcela menor (5,8%) ficou entre 6 e 10 anos sem contato e 6,7% já estão há mais de 10 anos sem ter contato com familiares.

Comparativamente com os dados obtidos no Censo realizado em 2000, existe uma pequena variação com relação ao último contato desta população com seus parentes residentes na cidade. Na ocasião, 68,2% dos moradores declararam ter feito o último contato com seus

familiares residentes na capital no período de um ano; 17,6% entre 2 e 5 anos; 8,2% entre 6 e 10 anos e 6,0% com mais de 10 anos.

Tabela 3.13 - Intervalos de tempo do último contato feito por moradores de rua com familiares residentes na cidade de São Paulo que não moram com eles na rua

Moradores de rua na Área Central, 2010

Tempo	Frequência	%
Até 1 mês	97	31,2
De 2 a 6 meses	66	21,2
De 7 meses a 1 ano	32	10,3
Sub-Total até 1 ano	195	62,7
1 a 5 anos	77	24,8
6 a 10 anos	18	5,8
Mais de 10 anos	21	6,7
Total	311	100,0

Independentemente do morador de rua ser ou não paulistano, as médias do último contato são muito próximas, indicando que este não é fator determinante para que esta população mantenha contato freqüente com seus familiares, inclusive, foi verificado que metade da população entrevistada, independente de sua origem, teve seu último contato com familiares há seis meses.

Tabela 3.14 - Média, mediana e quartis para o tempo em meses do último contato com parentes na cidade de São Paulo

Moradores de rua na Área Central, 2010

Estatística	Valor
Média	31,91
Mediana	6,00
Primeiro quartil	1,00
Segundo quartil	6,00
Terceiro quartil	36,00
N	311

Entre os moradores paulistanos também não houve grande variação de tempo do último contato com familiares que residem na capital, em relação ao Censo realizado em 2000. Na ocasião, 73,1% dos entrevistados declararam ter realizado o último contato no período de um ano, enquanto que, dados desta pesquisa apontam um percentual de 68,0%.

Tabela 3.15 - Intervalos de tempo do último contato feito por moradores de rua paulistanos e migrantes, com parentes na cidade de São Paulo
Moradores de rua na Área Central, 2010

Tempo	Paulistano	Migrante		
		Município da Grande São Paulo*	Município do interior de São Paulo	Município de outro Estado
1	37,8	50,0	18,8	27,5
2 a 6 meses	19,8	16,7	18,7	23,3
7 meses a 1 ano	10,4	11,1	6,3	11,0
Subtotal até 1 ano	68,0	77,8	43,8	61,8
1 a 5 anos	23,6	16,6	37,5	23,9
6 a 10 anos	2,8	0	6,2	7,8
Mais de 10 anos	5,6	5,6	12,5	6,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

* exclusive município de São Paulo

4. ALTERNATIVAS DE PERNOITE E MORADIA ANTERIOR

4.1. ALBERGUE E RUA ¹¹

A população em situação de rua que por várias razões perdeu a moradia é, também, desprovida de proteção familiar, de amigos e de uma rede social de apoio. Para essas pessoas, o albergue é, sem dúvida, uma opção mais segura e confortável de pernoite.

Contudo, por inúmeras razões, não são todos que procuram esse serviço, e muitos, quando procuram não conseguem uma vaga em local próximo ao espaço da rua em que está habituado a permanecer durante o dia e onde já estabeleceu suas relações de amizade. Ao procurar saber quantas pessoas em situação de rua já recorreram a esse serviço, constatou-se que 79,1 %, dos entrevistados já tinham dormido em albergue enquanto 20,9% nunca o fizeram.

Na pesquisa de 2.000¹², era bem menor a proporção dos que já tinham pernoitado em albergue (59,1%), o que significa que houve um aumento de 20%, no decorrer de 10 anos. O acréscimo pode ter ocorrido seja porque foram ampliadas as vagas ofertadas nesse serviço¹³, seja porque em determinadas situações, como frio intenso, convalescença, stress causado pela insegurança na rua, o albergue ainda é a alternativa de pernoite às pessoas desabrigadas.

¹¹ Nesta pesquisa, o termo albergue refere-se ao atual Centro de Acolhida, nova denominação que passou a ser usada por SMADS nesta Administração .

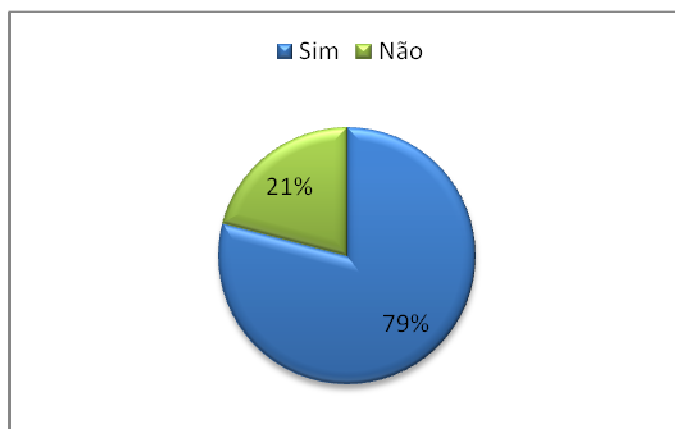
¹² Caracterização Socioeconômica dos Moradores de Rua da Cidade de São Paulo. FIPE/SMADS, 2000.

¹³ Em 2000 havia 3693 vagas em albergue; em 2003 foram aumentadas para 6186 e em 2009 eram 7079 vagas incluindo hotéis sociais e repúblicas conveniados e não conveniados, conforme dados do último censo de população de rua, FIPE/SMADS de dezembro de 2009.

**Tabela 4.1 - Proporção dos que já dormiram em albergue
 Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Já dormiu em albergue	Frequência	% Válida
Sim	416	79,1
Não	110	20,9
Total	526	100,0

**Gráfico 1 Tab. 4.1 – Proporção dos que já dormiram em albergue
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



Interessava saber, no entanto, se ao perder a moradia essas pessoas foram diretamente para o albergue ou se antes teriam passado pela experiência de dormir na rua.

Considerando apenas as pessoas que já haviam dormido em albergue, verificou-se que 76,5% delas tiveram a experiência de dormir na rua, antes da primeira experiência de pernoitar em albergue. Somados aos que nunca ficaram em albergue, pode-se afirmar que a perda da moradia leva quase a totalidade dessa população diretamente para as ruas. Apenas uma parcela de 23,5% informou ter ido diretamente para o albergue, assim que perdeu a moradia.

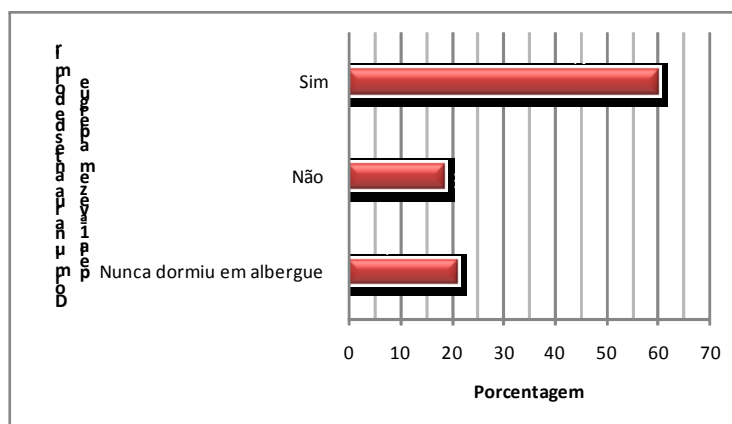
Tabela 4.2 - Proporção dos que dormiram na rua antes de dormir pela primeira vez em albergue

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Dormiu na rua antes de dormir no albergue pela primeira vez	Frequência	% Válida	% Válida
Sim	315	59,9	76,5
Não	97	18,4	23,5
Total	412	78,3	100,0
Sem informação	4	0,8	
Nunca dormiu em albergue	110	20,9	
Total	526	100,0	

Gráfico 2 – Tab. 4.2 – Proporção dos que dormiram na rua antes de dormir pela primeira vez em albergue

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



- *Procura por vaga em albergue*

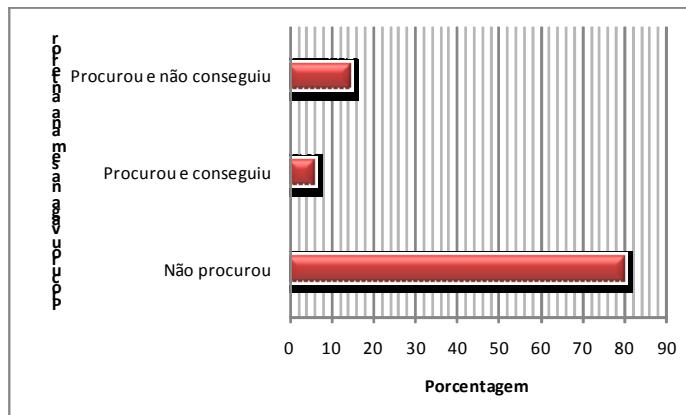
A população pesquisada era a que estava dormindo em logradouro público e para saber se estavam nessa condição por falta de vaga em albergue, foi feita a pergunta se haviam procurado vaga em albergue na semana anterior ao dia da entrevista. Nesse período, quase 80% dos entrevistados não tiveram interesse por vaga em albergue. Uma parcela de 14,3% procurou e não conseguiu. Apenas 5,9% informaram ter sido bem sucedidos ao procurar pernoite em algum albergue. O principal motivo alegado pela maioria dos que não conseguiram, foi a falta de vaga nos serviços procurados. Alguns afirmaram que o albergue não aceita pessoas alcoolizadas ou drogadas; outros alegaram que as regras e os horários são muito rígidos e por isso preferem a rua, o que foi bem ilustrado por um dos entrevistados:

“o albergue é uma prisão fechada e a rua é uma prisão aberta”.

Tabela 4.3 - Procura por vaga em albergue na semana anterior
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Procurou vaga na semana	Frequência	%	% Válida
Não procurou	419	79,7	79,8
Procurou e conseguiu	31	5,9	5,9
Procurou e não conseguiu	75	14,3	14,3
Sem informação	1	0,2	-
Total	526	100,0	100,0

**Gráfico 3 – Tab. 4.3 – Procura por vaga em albergue na semana anterior
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



- **Locais de pernoite**

Conforme constatado nesta pesquisa, é grande a variação do tempo que essa população vive na rua, de menos de 1 mês a mais de 20 anos. Sobreviver dormindo nas calçadas, praças, sob viadutos, terrenos abandonados, mocós e outros logradouros por vários anos, submetendo-se a condições adversas à saúde e permanente risco de vida, é muito difícil, por mais que a pessoa se acostume a essa situação. É de se supor, portanto, que aqueles com maior tempo de rua tenham tido alguns pernoites em outros lugares tais como albergue, pensão, quarto, alojamento ou local de trabalho, alguma instituição de maior permanência como abrigo, hospital.

Para verificar se depois de estar morando na rua, essas pessoas dormem uma vez ou outra em outros locais, foi feita uma pergunta de múltipla escolha com apresentação das alternativas. Em relação ao total dos entrevistados, 36% mencionaram mais de um local em que têm dormido, desde que estão em situação de rua.

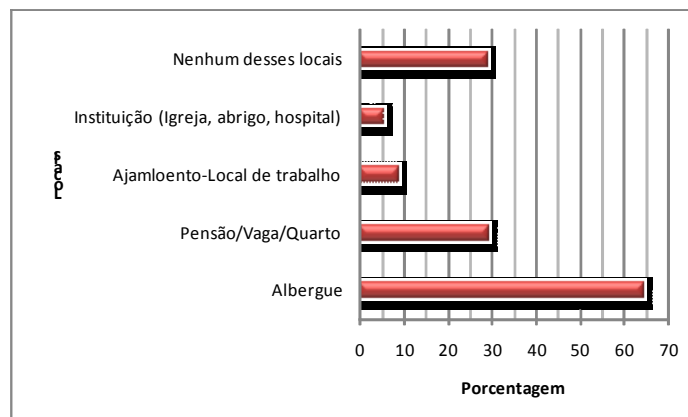
Uma parcela de 28,8 % afirmou que não dormiu em nenhum dos locais mencionados, o que pode significar tanto só ter dormido na rua, como também, em algum local não previsto no rol de alternativas apresentado, que poderia ser a casa de amigos, de parentes, um mocó, ou mesmo um local invadido.

Dentre os locais mencionados pelos que intercalaram pernoites em outros locais, o albergue foi a alternativa com 64,2% de menções feitas pelos entrevistados, seguida da pensão ou vaga com 29,1%, cuja possibilidade depende da obtenção de alguma renda para pagar. São poucos os que tiveram temporariamente algum trabalho com direito a pernoite ou que permaneceram em uma instituição porque se trata também de situações muito específicas. A alternativa local de trabalho foi mencionada em 8,6% das respostas e a instituição em 5,3%.

**Tabela 4.4 - Onde tem dormido desde que está na rua
 Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Locais em que tem dormido	N	%
Albergue	337	64,2%
Pensão/Vaga/Quarto	153	29,1%
Alojamento-Local de trabalho	45	8,6%
Instituição (Igreja, abrigo, hospital)	28	5,3%
Nenhum desses locais	151	28,8%
Respostas	714	136,0%
Respondentes	525	100,0%

**Gráfico 4 – Tab. 4.4 – Locais em que tem dormido desde que está na rua
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



- **Local de pernoite desde o último Natal**

Para confirmar essa alternância entre o pernoite na rua e em outros locais, foi verificado onde os moradores têm dormido num período de tempo mais próximo: do último Natal até a data da pesquisa (março). A pergunta feita admitia respostas múltiplas e 31,0% das pessoas mencionaram mais de um lugar em que dormiram nesse curto período de tempo.

A rua foi o local mais citado, correspondendo a 96,8% das menções feitas pelos entrevistados e o albergue a 21,8%. A casa, seja de parentes ou amigos, foi o local que teve 7,1% das indicações e a pensão, 6,7%. A rua e o albergue foram poucas vezes e em menor proporção, substituídos por outros locais.

Tabela 4.5 - Distribuição da população por locais onde tem dormido desde o último Natal

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Local de pernoite	Frequência	%
Albergue	114	21,8%
Rua	507	96,8%
Pensão	35	6,7%
Casa	37	7,1%
Outro	12	2,3%
Respostas	705	134,5%
Respondentes	524	100,0%

- **Locais em que costuma dormir**

Como mencionado no item 1, no início da entrevista, foram aplicadas questões-filtro para o entrevistador se certificar de que a pessoa abordada era um morador de rua. Uma dessas questões, admitindo respostas múltiplas, perguntava onde o entrevistado costuma dormir, para saber onde ele dorme normalmente. Apenas 6,5% mencionaram mais de um local.

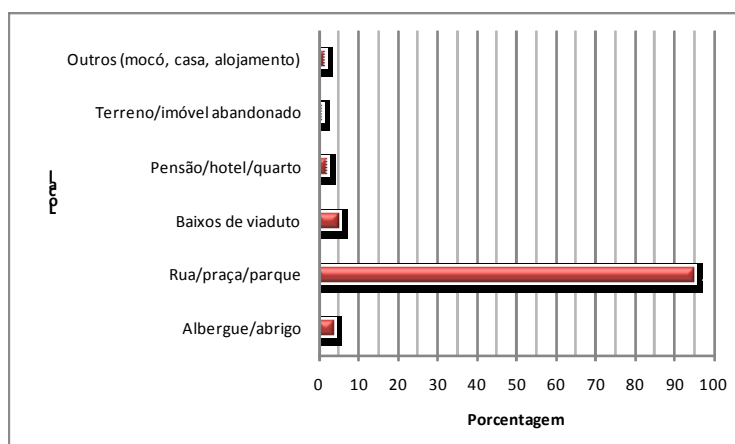
A rua/prça/parque é, para a maioria dessa população, o lugar em que dorme habitualmente. Foi o logradouro citado por 94,9% dos moradores de rua e os baixos de viaduto, por 4,9% . O albergue foi mencionado por 3,8% e poucos citaram as demais alternativas como pensão, hotel, quarto, imóvel abandonado e outros locais.

Tabela 4.6 - Distribuição da população por local onde costuma dormir - (Respostas múltiplas)

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Local	Frequência	%
Albergue/abrigo	20	3,8%
Rua/prça/parque	499	94,9%
Baixos de viaduto	26	4,9%
Pensão/hotel/quarto	10	1,9%
Terreno/imóvel abandonado	3	0,6%
Outros (mocó, casa, alojamento)	7	1,3%
Total de respostas	565	107,4%
Total respondentes	526	100,0%

**Gráfico 5 - Tab. 4.6 - Local onde costuma dormir
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



É importante esclarecer os diferentes resultados encontrados nesta pesquisa, em relação ao albergue. Isso ocorre em função de perguntas sobre diferentes períodos de tempo. Assim,

há perguntas com tempo indeterminado: já dormiu em albergue? E também, onde costuma dormir? Conforme mencionado, 79,1% das pessoas que vivem na rua já dormiram em albergue em algum momento que pode ter sido logo ao perder a moradia, ou depois de um certo tempo na rua. E como um dos locais que dorme habitualmente, o albergue foi mencionado por 3,8% dos entrevistados que foram encontrados na rua, no dia da pesquisa. Isso significa que uma parcela costuma dormir no albergue, mas eventualmente dorme na rua.

Outras questões referem-se a períodos de tempo que variam conforme o tempo de rua dos entrevistados, ou a intervalos determinados de 3 meses, ou de uma semana para saber locais alternativos de pernoite. Desde que passou a morar na rua, o albergue foi mencionado como um dos locais alternativos de pernoite, por 64% dos moradores de rua. Porém, no período de 3 meses contados a partir do último Natal até a data da pesquisa, 21,8% dos entrevistados mencionam o albergue como um dos locais onde dormiu nesse intervalo de tempo. Na semana anterior à pesquisa, apenas 20% dessa população havia procurado vaga em albergue.

4.2. MORADIA ANTERIOR

Para a população em estudo, a perda da última moradia fixa é um marco significativo porque olhando retrospectivamente, é o início de sua trajetória para a atual situação de rua. A moradia, enquanto local privado da família é tão essencial quanto a alimentação, saúde, educação, vestuário e demais condições para a reprodução da força de trabalho, devendo apresentar condições mínimas não só do ponto de vista físico, como também da infraestrutura de saneamento e serviços. No caso desta pesquisa, não foram levantadas informações dessa ordem por se tratar de uma população com certa dificuldade para responder a muitas perguntas. Nesse sentido, foram levantadas algumas informações, com o objetivo de reconstituir as condições dessa última moradia nos seguintes aspectos: localização em área urbana ou rural, tipo de habitação, condição de ocupação, e pessoas com as quais morava.

Conforme registrado nesta pesquisa, 82,5% das pessoas que perderam sua última moradia foram diretamente para a rua ou albergue, enquanto 16,2% foram temporariamente acolhidas em casa de parentes, de amigos, ou passaram a morar em pensão, ou em alguma instituição, até irem para a rua. Os dados apresentados a seguir, referem-se à última moradia que perderam antes de irem diretamente para a rua ou para algum lugar temporário.

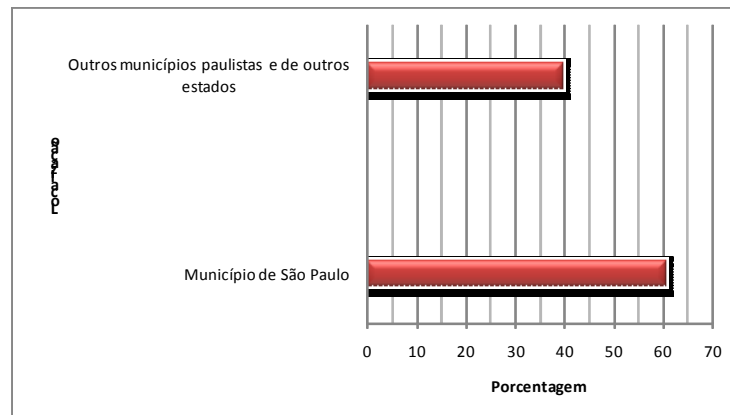
- *Localização da última moradia*

A maioria das pessoas em situação de rua (60,4%) perdeu a última moradia no município de São Paulo; 39,4% em outros municípios paulistas e de outros estados. Embora a maioria tivesse perdido a moradia na cidade de São Paulo, é significativa a proporção dos que a perderam em outros municípios e aqui já chegaram sem moradia (39,6%).

**Tabela 4.7 - Distribuição da população por Município onde perdeu a última moradia
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Localização da última moradia	Frequência	%	% válida
Município de São Paulo	316	60,1	60,4
Outros municípios paulistas e de outros estados	207	39,4	39,6
Total válido	523	99,5	100,0
Sem informação	3	0,5	
Total geral	526	100,0	

**Gráfico 6 - Tab. 4.7 - Município onde perdeu a última moradia
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



- ***Bairro da última moradia na cidade de São Paulo***

Entre os que perderam a última moradia em São Paulo, nem todos souberam responder em qual bairro ficava e foram mencionados muitos nomes de bairros homônimos, dificultando a identificação da zona. Contudo, o levantamento feito com as respostas válidas, permitiu confirmar que os moradores de rua perderam sua última moradia em bairros de todas as zonas da cidade de São Paulo: 30,6% na zona leste, onde os bairros mais citados foram Guaianazes, São Mateus, São Miguel, Sapopemba e Tatuapé; 24,3% na zona centro, localizadas principalmente na Bela Vista, Liberdade, Glicério, Centro e Brás; 23,8% na zona norte, tendo a maior incidência em Brasilândia, Pirituba, Freguesia do Ó, Jaçanã e Vila Nova Cachoeirinha. Na zona sul, registrou-se uma proporção menor, com a menção de 18% de bairros representados por Santo Amaro, Jabaquara e Jardim Ângela. Apenas 3,4% dos que informaram tiveram sua última casa na zona oeste, com maior incidência na Barra Funda.

Constata-se, portanto, que a última moradia da maior parte dessa população ficava nas zonas mais distantes da cidade, onde normalmente é mais baixo o custo da moradia e onde se concentra a população migrante e mais pobre, com menor nível de escolaridade e qualificação profissional. Nas áreas mais centrais, os bairros mencionados são os que têm

uma grande quantidade de lugares deteriorados e habitações precárias como cortiços e imóveis invadidos.

Se a perda da moradia, por qualquer que seja o motivo, é uma situação extremamente difícil de ser enfrentada por qualquer pessoa, pois implica em recomeçar a vida e até mesmo reconstituir laços afetivos, pode-se imaginar o quanto se torna penoso para aquelas que não contam com uma rede de serviços de proteção social, nem com o apoio de parentes e amigos. Para sobreviver a essa situação crítica, saem em busca de oportunidades de trabalho, de moradia, de serviços de assistência, distanciando-se do bairro em que tiveram seu último domicílio. Sem sucesso, muitos não conseguem reconstruir a vida e reatar laços familiares e afetivos. A rua passa a substituir a antiga moradia tornando-se o espaço apropriado para fazer amigos e desenvolver novas estratégias de sobrevivência. Além disso, podem viver incognitadamente, assumir novos hábitos e comportar-se conforme a ética dos que vivem nas ruas, porque estão distantes dos olhares e das cobranças de familiares e da comunidade.

Tabela 4.8 - Localização da última moradia fixa na cidade de São Paulo
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Região de São Paulo	Frequência	%
Zona Centro	50	24,3%
Zona Leste	63	30,6%
Zona Norte	49	23,8%
Zona Oeste	7	3,4%
Zona Sul	37	18,0%
Total	206	100,0%
Sem identificação da zona	110	
Total geral	316	

- **Localização da última moradia em outros municípios**

Na distribuição por estado e região da federação, é na região sudeste que a maioria dos moradores de rua perdeu sua última casa (73,9%), onde é significativa a participação do Estado de São Paulo (60,9%), seguido por Minas Gerais (7,7%) e Rio de Janeiro (4,8%). As demais regiões têm uma participação bem menor: Nordeste, 13% , com incidência maior da Bahia (4,8%) e de Pernambuco (3,9%); Sul, 6,7% dos quais 4,8% são do Paraná e 1,9% de Santa Catarina; Centro-oeste, 3,4% e Norte, 1,5%. Essa mesma proporção foi encontrada entre os que perderam a última moradia em seu país de origem. Note-se, portanto, que a maioria da população em situação de rua, perdeu sua última residência em municípios do estado de São Paulo, com grande incidência na própria capital. (Anexo I - Tabela 4.1)

Contudo, os dados demográficos levantados nesta pesquisa revelam que apenas 27,4% dessa população é constituída de paulistanos e quase 18% são nascidos em outros municípios do estado de São Paulo; isso indica que mais de 50% dos que perderam sua última residência fixa na capital paulista, eram pessoas que migraram de outros municípios do interior de São Paulo ou de outros estados e aqui se fixaram até chegarem à situação de rua.

Tabela 4.9 - Região do país em que perdeu a última moradia, excluindo a cidade de São Paulo

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Região do país	Frequência	%	% válida
Região Norte	3	0,6	1,5
Região Nordeste	27	5,1	13,0
Região Sudeste	153	29,1	73,9
Região Centro-oeste	7	1,3	3,4
Região Sul	14	2,7	6,7
Outro país	3	0,6	1,5
Total	207	39,3	100,0
Município de São Paulo	316	60,3	
Não sabe/ sem informação	3	0,4	
Total geral	526	100	

- **Local da última moradia e local de nascimento**

Conhecer o local de nascimento e de moradia das pessoas é um dado importante porque informa a respeito da mobilidade espacial de uma população em estudo. No caso dos moradores de rua, é necessário confirmar quantos são paulistanos e quantos são migrantes de outros municípios que perderam na cidade de São Paulo, sua última moradia.

Ao verificar o local de nascimento daqueles que perderam a última moradia na cidade de São Paulo, constatou-se que 36,2% eram paulistanos. Os demais eram constituídos por 11,7% de paulistas e 52,1% de naturais de municípios de outros estados. Portanto, 63,8% dessas pessoas migraram de outros municípios para a capital paulista, aqui tiveram suas moradias e acabaram, por várias circunstâncias, em situação de rua.

Entre os que perderam a última moradia fora da cidade de São Paulo, 62,4% nasceram em outros estados; 26,3% são paulistas e apenas 11,3% são paulistanos. Essas pessoas são aquelas que provavelmente chegaram à cidade de São Paulo já sem ter onde morar.

Tabela 4.10 - Distribuição da população por localização da última moradia e município de nascimento

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Localização da última moradia		Município em que nasceu			Total
		Município de S.Paulo	Outros municípios do estado de S.P	Municípios de outros estados	
Município de S.Paulo	Frequência	114	37	164	315
	%	36,2%	11,7%	52,1%	100,0%
Outros municípios	Frequência	28	60	117	205
	%	11,3%	26,3%	62,4%	100,0%
Total	Frequência	142	97	281	520
	%	27,3%	18,7%	54,0%	100,0%

- **Tipo de moradia**

Além da localização geográfica, foram coletadas algumas informações para melhor caracterizar a última moradia. Constatou-se que a maioria dessa população teve a última moradia em área urbana (96,2%) e apenas 3,8% em área rural.

Na área urbana foram identificadas entre as últimas moradias, habitações em favela e fora dela, em hotéis, pensões, cortiços e cômodos.

Estamos denominando por domicílio unifamiliar a moradia destinada ao uso privativo de uma família, seja ela de pessoa só, família nuclear ou família extensa, com ou sem agregados, ou apenas com pessoas sem relação de parentesco. Encontram-se nessa categoria, as moradias em favela ou fora de favela. Por domicílio coletivo, estamos designando as moradias que abrigam diferentes pessoas em acomodações com espaços de uso comum, como hotel/pensão, cortiço/cômodo.

Na área urbana, a última moradia da população em situação de rua era predominantemente domicílio unifamiliar (87,4%); apenas 10% eram domicílios coletivos. Na área rural, os domicílios eram 100% unifamiliares.

Tabela 4.11 - Distribuição dos domicílios por tipo e por área urbana e rural
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Tipo de domicílio	Área urbana		Área rural		Total	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Domicílio unifamiliar	439	87,4	20	100,00	459	87,9
Domicílio coletivo	50	10,0	-	-	50	9,6
Outros	13	2,6	-	-	13	2,5
Total (*)	502	100,0	20	100,0	522	100,0

(*) Excluídos 4 casos sem informação

Tomando por base somente o total de domicílios em área urbana, constata-se que a maioria dos domicílios do tipo uni familiar (60,7%) e do tipo coletivo (88%), localizavam-se no

município de São Paulo. Nos demais municípios estavam localizados respectivamente 39,3% e 12% dos domicílios. (Anexo I - Tabela 4.2)

Em uma distribuição mais detalhada, observa-se que das moradias fixas que os moradores de rua tiveram pela última vez, 67% eram habitações fora da favela; 17% ficavam em favelas e 3,8% em área rural. Viviam em pensão-hotel, 4,8% da população em estudo e em igual proporção viviam em cortiço ou cômodo antes de irem para a rua. (Anexo I - Tabela 4.3.)

Considerando o total dos domicílios em área urbana por tipo de habitação e localização geográfica, verifica-se que do total localizado no município de São Paulo, 84,2% eram moradias do tipo uni familiar (63,0% fora de favela e 21,2% em favela) e 13,9% eram domicílios do tipo coletivo (7,3% eram hotéis/pensões e 6,6%, cortiços/cômodos).

Do total de moradias localizadas nos outros municípios, 93% eram do tipo uni familiar, (81,1% fora de favela e 11,9% em favela) e 3,3% eram do tipo coletivo.

Note-se que a proporção de domicílios em favela é quase 10% maior em São Paulo do que em outros municípios, enquanto nestes, a proporção de domicílios unifamiliares fora de favela é 18% maior do que em São Paulo.

Tabela 4.12 - Última moradia na área urbana, por tipo de domicílio e localização
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Tipo de domicílio na área urbana	Localização da última moradia em área				Total	
	Município de São		Outros municípios			
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Favela	67	21,2	22	11,9	89	17,8
Fora de favela	199	63,0	150	81,1	349	69,7
Cortiço/cômodo	23	7,3	2	1,1	25	5,0
Pensão/ hotel	21	6,6	4	2,2	25	5,0
Outro	6	1,9	7	3,7	13	2,5
Total (*)	316	100,0	185	100,0	501	100,0

(*) Excluídos os de área rural

- ***Condição de ocupação da última moradia***

A condição de ocupação é um dado que ao lado dos demais, ajuda a traçar um panorama da situação habitacional da população. Normalmente a condição de ocupação se classifica em três categorias: própria, alugada e cedida e é utilizada para avaliar a situação de propriedade do imóvel. No caso desta pesquisa, foi utilizada mais uma categoria: domicílio ocupado/invadido, para classificar uma situação que não encontra respaldo legal por se tratar de invasão ou ocupação irregular, seja de áreas para construção de habitação precária, seja de edificações deterioradas e sem uso.

Na distribuição da última moradia dessa população, quanto à condição de ocupação, foram registrados 45,5% de domicílios declarados como sendo próprios, ainda que se referissem à propriedade de alguém da família, não propriamente do entrevistado. Há que se destacar o fato de que podem ter considerado próprio, até mesmo o imóvel não regularizado como no caso de favela em área invadida. Significava que não era um imóvel alugado, não pagava para morar. Na condição de imóvel alugado encontravam-se 39,3% das moradias enquanto 7,3% eram cedidas, seja por parentes, amigos, ou em local de trabalho. Em menor proporção, 6,0% declararam que a última moradia era um local ocupado/invadido. Esses dois últimos grupos, embora isentos de despesa com locação, encontravam-se em situação de maior fragilidade, seja pela possibilidade de lhes ser retomado o local cedido, seja pelo risco de reintegração de posse do imóvel invadido.

**Tabela 4.13 - Condição de ocupação da última moradia
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Condição de ocupação	Frequência	%	% Válida
Própria	237	45,1	45,5
Alugada	205	39,0	39,3
Cedida	38	7,2	7,3
Ocupada-invadida	31	5,9	6,0
Outra	10	1,9	1,9
Total	521	99,0	100,0
Sem informação	5	1,0	
Total	526	100,0	

As habitações em favela que foram a última moradia dessa população, estão distribuídas em todas as condições de ocupação na seguinte proporção: 49,4% eram próprias, 29,2% alugadas, 6,7% cedidas e 13,5% ocupadas/invadidas.

As habitações localizadas fora de favela foram declaradas próprias, por 51% dos entrevistados; alugadas por 39,5%; cedidas por 6% e ocupadas/invadidas por 1,7%. A totalidade dos que moravam em domicílio coletivo como pensão, pagavam aluguel, o que ocorria com 64% dos moradores de cortiço/cômodo. Neste tipo de habitação, foi identificada uma incidência de 32% de imóvel ocupado/invadido.

Dentre os que perderam a última moradia em área rural, 60% tinham casa própria, 20% cedida, 15% viviam em imóvel ocupado/invadido e apenas uma pessoa declarou que pagava aluguel. Cabe destacar que é significativa a parcela de moradores de rua que tinham uma casa própria, seja em favela, fora dela ou em área rural.

**Tabela 4.14 - Condição de ocupação da última moradia, por tipo de habitação
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Tipo de habitação Tipo de assentamento e de habitação		Condição de ocupação					Total
		Própria	Alugada	Cedida	Ocupada- invadida	Outra	
Favela	Frequência	44	26	6	12	1	89
	%	49,4	29,2	6,7	13,5	1,1	100,0
Fora de favela	Frequência	178	138	21	6	6	349
	%	51,0	39,5	6,0	1,7	1,7	100,0
Pensão-hotel	Frequência	-	24	-	-	-	24
	%	-	100,0	-	-	-	100,0
Cortiço- cômodo	Frequência	-	16	1	8	-	25
	%	-	64,0	4,0	32,0	-	100,0
Área rural	Frequência	12	1	4	3	-	20
	%	60,0	5,0	20,0	15,0	-	100,0
Outro	Frequência	3	-	5	2	3	13
	%	23,1	-	38,5	15,4	23,1	100,0
Total	Frequência	237	205	37	31	10	520
	%	45,6	39,4	7,1	6,0	1,9	100,0

- ***Com quem morava na última moradia***

Um dos aspectos mais importantes a conhecer sobre a última moradia, além das características já apontadas, refere-se à composição familiar dessa população em situação de rua, antes de perder o domicílio. Trata-se das pessoas que constituíam a família existente e com as quais mantinha laços afetivos, mesmo que fosse sem qualquer relação de parentesco.

Na última residência fixa dessa população, 83,7% moravam em companhia de outras pessoas. Apenas uma parcela de 16,3% vivia só, tendo-se registrado o caso de uma pessoa que nasceu na rua e nunca teve essa moradia anterior. Essa situação quase não apresenta diferença em relação à pesquisa de 2.000, quando se constatou que 84,2% da população moravam com outras pessoas e 15,8% viviam sós.

Tabela 4.15 - Distribuição da população que morava só ou com outras pessoas na última moradia

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Com quem morava	Frequência	%	% Válida
Sozinho	85	16,2	16,3
Com outras pessoas	437	83,0	83,7
Total	522	99,2	100,0
Sem informação	4	0,8	
Total	526	100,0	

A perda da última moradia para essa população não tem o significado apenas da perda de um espaço físico privado, mas, sobretudo, da ruptura de laços afetivos e da exclusão do convívio familiar. De fato, conforme revelam os dados desta pesquisa, atualmente, 66,9% das pessoas sem domicílio vivem sós nas ruas, o que não ocorria com a grande maioria deles (83,7%) quando viviam na última residência fixa, onde 84,0% moravam com pessoas da família; 13,5%, com pessoas sem relação de parentesco e 2,5% com familiares e outras pessoas sem parentesco.

Em comparação com o levantamento de 2000, as diferenças são pouco relevantes, observando-se apenas 2% a mais dos que moravam com membros da família (Anexo I - Tabela 4.4).

Tabela 4.16 - Distribuição da população por composição familiar na última moradia fixa

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Com quem morava	Frequência	%	% válida
Membros da família	367	69,8	84,0
Pessoas sem relação de parentesco	59	11,2	13,5
Membros da família e pessoas sem parentesco	11	2,1	2,5
Total	437	83,0	100,0
Total dos que viviam sós	85	16,2	
Sem informação	4	0,8	
Total	526	100,0	

Em uma pergunta que admitia respostas múltiplas discriminando os membros conviventes que compunham a família, é interessante observar que a figura do companheiro ou cônjuge foi mencionada por 35% dos entrevistados, seguida da mãe (31,8%) e dos filhos (30,7%). Irmãos e outros parentes, citados em menor proporção, ainda estão mais presentes que a figura do pai (15,1%).

Em 2000, a figura do cônjuge/companheiro foi a mais mencionada (37,6%), apresentando uma proporção ligeiramente superior à da pesquisa atual, ao contrário da presença dos pais, incluindo pai e mãe, (25,2%), irmãos (19,6%) e filhos (23%), que foram citados em proporção bem menor do que em 2010. (Anexo I- Tabela 4.5)

Tabela 4.17 - Distribuição da população segundo pessoas com as quais morava na última moradia fixa (Respostas múltiplas)

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Pessoas com as quais morava na última casa	Frequência	%
Companheiro-cônjuge	153	35,00%
Mãe	139	31,80%
Filhos	134	30,70%
Irmãos	126	28,80%
Outros parentes	93	21,30%
Outras pessoas sem relação de parentesco	70	16,00%
Pai	66	15,10%
Padrasto/madrasta	16	3,70%
Respostas	797	182,40%
Respondentes	437	100,00%

Portanto, poucos viviam sós na última moradia. Sob o mesmo teto, a maioria tinha uma família constituída por pessoas da família de origem onde a figura da mãe está muito presente, assim como da família conjugal com a presença significativa de companheiro/cônjuge e filhos. Hoje, vivendo a solidão da rua essa população construiu suas estratégias de sobrevivência para suportar a dura realidade de uma vida em que perdeu tudo que tinha, inclusive, a família e a própria identidade.

5. TRABALHO E RENDA

Para conhecer as condições de vida dessa população antes de chegar à situação de rua, é de fundamental importância investigar de que forma essas pessoas auferiam renda para garantir o sustento próprio e da família; ou seja, em que trabalhavam antes de perder a última moradia. Uma pequena parcela nunca trabalhou (3%), estando entre estes, os que eram menores de idade antes de chegarem à rua. E apenas uma pequena parcela (4%) dos que trabalhavam não informaram qual era sua principal atividade.

Quase a totalidade (94%) exerceu alguma atividade profissional, desde as mais simples e sem muita qualificação, como ajudante geral, serviços domiciliares de limpeza, comércio informal, até serviços técnicos e administrativos, ou ocupações que exigem alguma especialização na indústria e na construção civil.

As ocupações que mais se destacam, proporcionalmente, estão na área da construção civil, sendo exercida por 28%. Em seguida aparece o setor de serviços onde predominam os domiciliares e de limpeza (14%) e os serviços administrativos e técnicos (13%) que inclui funções administrativas e serviços de conserto e reparação. O comércio informal e atividades de rua também se destacam (12%). No comércio formal trabalhavam 7% e em empregos na indústria totalizavam apenas 4%. As ocupações são, na quase totalidade, urbanas. Apenas 4% tiveram como atividade principal o trabalho rural. (tab 5.1)

**Tabela 5.1 - Ocupação Exercida Antes de Viver na Rua
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Principal trabalho antes de viver na rua	Frequência	%	% valido
Construção civil	146	27,8	28,3
Serviço domiciliares limpeza	71	13,5	13,8
Serviços técnicos e administrativos	67	12,8	12,9
Comercio informal	65	12,4	12,5
Comercio formal	34	6,5	6,6
Ajudante geral	24	4,6	4,7
Indústria	22	4,2	4,3
Trabalho rural	19	3,6	3,7
Serviços na área de transporte	15	2,8	3
Serviços de segurança	14	2,6	2,8
Sem informação da ocupação	21	3,9	4
Nunca trabalhou	18	3,5	3,4
Total	516	98,2	100
Sem informação	3	0,5	
Sempre morou na rua	7	1,3	
Total	526	100	

Em relação aos grupos etários, observa-se em todos eles, uma maior proporção de pessoas empregadas no setor da construção civil, antes de irem para a rua. (Anexo I – tab 5.1)

5.1. OCUPAÇÃO ANTERIOR POR SEXO

A distribuição da população de ambos os sexos, de acordo com a principal ocupação exercida antes de ir para a rua, revela os setores em que a presença da mão de obra feminina tinha maior inserção. Quase metade das mulheres (44%) estava empregada em serviços domiciliares, de limpeza e zeladoria. Entre os homens predominam as ocupações ligadas à construção civil (32%).

Tabela 5.2 - Ocupação principal antes de ir para rua, por sexo

Moradores de rua na área central de São Paulo, 2010

Setor da ocupação	Feminino		Masculino		Total	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Construção civil	2	2,8	144	32,4	146	28,3
Serviços domiciliares, limpeza, zeladoria	32	44,4	68	15,3	100	19,4
Serviços técnicos /administrativos	10	13,9	57	12,8	67	13,0
Comércio informal / serviço de rua	7	9,7	58	13,1	65	12,6
Comércio formal	6	8,3	28	6,3	34	6,6
Indústria	3	4,2	19	4,3	22	4,3
Ajudante geral sem especificação	2	2,8	22	5,0	24	4,6
Trabalho rural	1	1,4	18	4,1	19	3,7
Nunca Trabalhou	4	5,6	14	3,2	18	4,1
Outros	5	6,9	16	3,6	21	3,5
Total	72	100,0	444	100,0	516	100,0

5.2. TRABALHO COM REGISTRO EM CARTEIRA

Um dado importante sobre a participação dessa população no mercado de trabalho refere-se ao emprego formal com registro em carteira, para assegurar direitos trabalhistas e previdenciários. A maioria dos entrevistados (67,1%) teve emprego formal com registro em carteira. Essa condição nos três grupos etários revela que entre os mais velhos, acima de 49

anos, é maior a proporção dos que já tiveram registro em carteira (83,9%), enquanto entre os mais jovens, grupo de 18 a 30 anos, apenas 40% tiveram esse tipo de vínculo de trabalho.

Tabela 5.3 - Trabalhou com Registro em Carteira segundo Grupos Etários
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

Trabalhou registrado		Grupos etários			Total
		18 a 30	31 a 49	50 e mais	
Sim	Frequência	54	195	104	353
	%	40,0	74,1	83,9	67,6
Não	Frequência	81	68	20	169
	%	60,0	25,9	16,1	32,4
Total		135	263	124	522
		100,0	100,0	100,0	100,0

- **Tempo de trabalho sem registro em carteira**

Foi verificado também, entre os que já tiveram e atualmente não têm registro em carteira, há quanto tempo estão sem trabalho registro. Do total de entrevistados, 58% souberam informar esse tempo. Tomando por base somente esse grupo de pessoas, 59,4% estão sem registro em carteira há mais de 5 anos sendo que entre eles, 28% respondem por um tempo de mais de 10 anos sem qualquer cobertura previdenciária. Os que deixaram de trabalhar com registro mais recentemente, até 1 ano, correspondem a 17% .

Tabela 5.4 - Tempo de Trabalho sem Registro em Carteira
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

Tempo de trabalho sem registro	Frequência	%	% valido
Até 1 ano	51	9,7	16,7
2 a 5 anos	73	13,9	23,9
6 a 10 anos	96	18,2	31,3
Mais de 10 anos	86	16,3	28,1
Total	306	58,2	100,0
Sem informação/não sabe	53	10,1	
Nunca trabalhou registrado	169	31,7	
Total	526	100,0	

5.3. BENEFÍCIOS

Uma série de benefícios sociais instituídos pelo poder público alcançam pessoas cobertas por direitos trabalhistas e previdenciários e também aquelas que, por estarem excluídas do mercado formal de trabalho, necessitam de políticas de proteção social. Há benefícios que visam a transferência de renda com o objetivo de garantir a proteção e inclusão social da população de baixa renda. Nesse sentido, é de se esperar que essa população tenha acesso a tais benefícios. Contudo, no levantamento efetuado, 93% não recebem nenhum desses benefícios. Apenas 2% recebem aposentadoria ou pensão e 0,6% recebem o BPC- Benefício de Proteção Continuada, um programa de transferência de renda a pessoas com deficiência ou idosos, sem condições de manter o seu próprio sustento. É um benefício de assistência social pago pelo governo federal e assegurado por lei.

Entre os que têm mais de 49 anos, 7% são aposentados e 1,6% recebem o BPC. (Anexo I – tab 5.2)

Tabela 5.5 - Benefícios

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

Categorias	Frequência	%
Não recebem benefício	491	93,3
Recebem algum tipo	32	6,1
Sem informação	3	0,6
Total	526	100,0

5.4. RENDA AUFERIDA E VALOR GASTO NO DIA DA ENTREVISTA

Pesquisas anteriores da FIPE¹⁴ mostraram quão difícil e imprecisa é a estimativa de renda mensal, ou mesmo semanal, da população inserida no mercado informal. Em particular, o levantamento do perfil socioeconômico da população de moradores de rua confirmou essa dificuldade, bem como o levantamento das condições de trabalho e renda em 2003. Tendo em vista essa dificuldade, optou-se por perguntar quanto tinham ganhado no dia da

¹⁴ Pesquisas realizadas não apenas com população de rua, mas, também, com favelados e encortiçados.

entrevista, qual o valor. Em caso afirmativo, interessava saber de que maneira conseguiu aquela renda do dia, quanto gastou e o que consumiu.

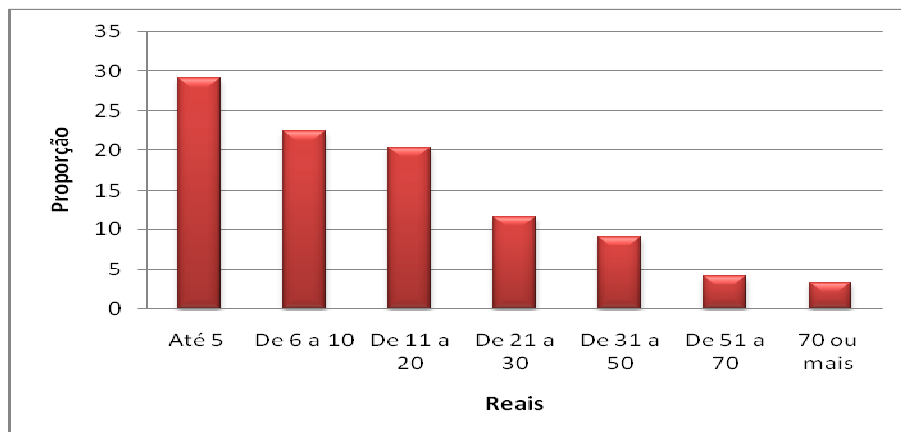
Quase a metade declarou ter ganhado algum dinheiro no dia (46,7%); a renda média auferida foi de R\$ 19,39 e a mediana foi de R\$10,00.

**Tabela 5.6 - Estatísticas sobre a renda ganha no dia da entrevista
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Estatísticas	Renda
Média	19,30
Mediana	10,00
Valor mínimo	1,00
Valor máximo	120,00
Primeiro quartil	5,00
Terceiro quartil	29,50
Número de observações ¹⁵	241

O Gráfico 5.1 apresenta a renda obtida no dia, por intervalos:

**Gráfico 5.1 - Distribuição da renda ganha no dia da entrevista
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



As informações sobre a renda monetária obtida foi complementada com a obtenção da descrição dos gastos realizados, no mesmo dia. A intenção foi avaliar as transações monetárias dos moradores de rua, tornando mais nítida as estratégias de atendimento das

¹⁵ Foram excluídos quatro casos de valores extremos máximos de R\$200,00 e \$500,00.

necessidades da população. Cerca de 63% declararam ter gasto a renda recebida no mesmo dia, e o fizeram despesas nos seguinte itens:

Tabela 5.7 - Despesas realizadas no dia da entrevista, respostas múltiplas

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

Em que você gastou	Frequência	%
Alimento	232	69,0
Bebida	139	41,4
Cigarro	113	33,6
Droga	66	19,6
Remédio	6	1,8
Outro	22	6,5
Respostas	578	172,0
Respondentes	336	100,0

5.5. FORMAS DE OBTENÇÃO DE RENDA

O fato de pouco menos da metade dos entrevistados terem conseguido algum dinheiro no dia da entrevista indica que a obtenção de rendimentos pelos moradores de rua não é permanente, diário. No entanto, a quase totalidade declara que, em geral, consegue obter dinheiro de alguma forma, sendo que 26% realizam duas ou mais atividades para obtê-la. Apenas 4% declararam não fazer nada para obter renda. (Anexo I, tab. 5.3)

Foi perguntado aos entrevistados como conseguiram o dinheiro obtido no dia da entrevista e o que fazem geralmente para consegui-lo.

O rendimento monetário da grande maioria (82%) é fruto de alguma atividade de trabalho, sendo que 67% apenas trabalham e 15% combinam esta atividade com pedido de esmola. O conjunto dos que pedem esmolas corresponde a 29% do total sendo que 14% realizam apenas esta atividade para obter algum dinheiro (tab 5.8).

Tabela 5.8 - Fontes de Obtenção de Dinheiro

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

Geralmente, o que fazem para ganhar	Frequência	%
Trabalho	351	66,9
Trabalho e esmola	80	15,2
Esmola	74	14,0
Não faz nada	21	3,9
Total	526	100,0

A estratégia mais freqüente utilizada pelos moradores de rua para obtenção de renda é a coleta e venda de materiais recicláveis – papel, alumínio, vidros, etc. Grande parte (62%) dos que declararam realizar alguma atividade de trabalho referiram-se a ela. Em seguida, com uma frequência menor, aparecem outras atividades informais propiciadas pela própria rua como lavagem/guarda de carros (13%), carga e descarga de mercadorias (11%), venda de doces, frutas, flores, etc (8%). Alguns ainda se referiram a “bicos” na construção civil (7%) e em atividades de limpeza (2%). Não foi possível obter uma informação precisa sobre algumas atividades realizadas, que nem sempre eram mencionadas claramente pelos entrevistados. No entanto alguns faziam referências a atividades ilegais ou pouco aceitas socialmente como roubo, tráfico de drogas e prostituição (tab 5.9).

Tabela 5.9 - Atividade de Trabalho para Obtenção de Renda

Moradores de Rua da Área Central de São Paulo, 2010

Atividades	Frequência	%
Cata materiais recicláveis	268	62,1
Lava-guarda carros-flanelinha	56	12,9
Carga e descarga	47	10,9
Vendedor (doces, frutas, amendoim, flores, jornais)	37	8,5
Construção civil-pedreiro	30	6,9
Limpeza-Faxina	7	1,6
Distribui panfletos	4	0,9
Sem informação da atividade	80	18,5
Respostas	529	122,7
Respondentes	431*	100,0

* excluídos os que só pedem (74) e não fazem nada (21)

As respostas declaradas (alternativas múltiplas) dos gastos realizados com a renda obtida no dia da entrevista constam da Tabela 5.10

**Tabela 5.10 - Gastos Realizados com a Renda Ganho no Dia da Entrevista
Moradores de Rua da Área Central de São Paulo, 2010**

Gastos realizados	Frequência	%
Alimento	232	69,0%
Bebida	139	41,4%
Cigarro	113	33,6%
Droga	66	19,6%
Remédio	6	1,8%
Outro	22	6,5%
Respostas	578	172,0%
Respondentes	336	100,0%

A comparação das atividades desempenhadas pelos moradores de rua em 2010 e 2000 mostra que as estratégias principais relacionadas ao trabalho não se modificaram no decorrer da década. Em 2000 o percentual de pessoas em situação de rua que lançavam mão da coleta de recicláveis é exatamente o mesmo encontrado em 2010 (62%). São também as mesmas as atividades que aparecem, em seguida, como as mais frequentes - lavagem/guarda de carros, carga e descarga de mercadorias, venda de doces, frutas, flores, etc. (Anexo I, tab.5.4)

6. SAÚDE E SERVIÇOS

A obtenção de informações sobre a saúde da população de rua é uma tarefa complexa uma vez que supõe uma metodologia própria e demanda estudos específicos que não são possíveis em uma caracterização socioeconômica. Nesta pesquisa optou-se pelo levantamento de alguns aspectos do tema da saúde, a saber: o acesso aos serviços diante de problemas de saúde enfrentados na rua, o consumo de álcool e drogas, a passagem por instituições de internação como FEBEM, instituições psiquiátricas, clínicas de recuperação de álcool e drogas, casas de detenção, etc. e a frequência a serviços da rede de assistência que acolhem a população em situação de rua.

6.1. PROBLEMAS DE SAÚDE E ATENDIMENTO PELOS SERVIÇOS

Procurou-se identificar qual o último problema de saúde sofrido pelos pesquisados e de que forma foram resolvidos. O entendimento da questão não foi o mesmo por parte dos entrevistados, que nem sempre se ativeram ao último problema referindo-se, por vezes, a problemas crônicos de saúde que enfrentam.

Apesar das condições adversas da rua para a saúde, quase metade dos pesquisados, (46%), declarou nunca ter tido nenhum problema de saúde. Entre os que mencionaram algum problema, a maior incidência foi para acidentes (12%) que estão relacionados diretamente às condições de vida na rua. Estão incluídos nesta categoria fraturas e ferimentos resultantes de atropelamentos, agressões quedas, etc.

Em segundo lugar (10%) foram citados os problemas respiratórios como pneumonias, gripes, tosses, etc. Alguns se referiram especificamente à tuberculose (3%), que foi classificada separadamente. Provavelmente, este dado não expressa o índice de tuberculose existente entre os moradores de rua, que certamente é superior a este percentual, mas apenas a proporção dos que têm conhecimento da doença e a mencionaram espontaneamente. É possível que muitos dos que se referiram a problemas respiratórios sejam portadores de tuberculose.

Em terceiro lugar (5%) foram citados problemas mentais e neurológicos. Neste item foram agrupados problemas diversos mencionados como psiquiátrico, epilepsia, depressão. Em quarto lugar apareceram os problemas cardiovasculares como pressão alta, infarto, etc. (4%).

Com menor incidência houve menção a problemas ortopédicos (3%), de coluna e dores, problemas do aparelho digestivo (3%), como úlcera, gastrite, problema dermatológico (1%), de pele, coceiras, e problema dentário (1%). 1% declaram serem HIV positivos. (tab 6.1).

**Tabela 6.1 - Último Problema de Saúde que Teve na Rua
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Último problema de saúde	Frequência	%
Nenhum Problema	243	46,1
Acidente / fratura	64	12,2
Problema respiratório	51	9,7
Problema Mental/Psicológico/Neurológico	28	5,3
Problema Cardiovascular	22	4,2
Tuberculose	18	3,4
Problema ortopédico	15	2,9
Problema no aparelho digestivo	10	1,9
Problema dermatológico	8	1,5
HIV positivo/ DST	8	1,5
Problema dentário	7	1,3
Cirrose/Hepatite	5	1,0
Diabete	4	0,8
Outros	41	7,8
Sem informação	2	0,4
Total	526	100,0

Na pesquisa realizada em 2000, a proporção dos que afirmaram não ter nenhum problema de saúde foi menor (32%) do que em 2010 (46%) (Anexo I, tab 5.1)¹⁶. Para os que, em 2010, apontaram já ter tido alguma doença, a estratégia utilizada por 50% foi a procura de pronto-socorros e hospitais públicos e 22% recorreram a postos de saúde; 10% nada fizeram e foram socorridos por terceiros e 10% permaneceram com o problema.

Outras formas de solução citadas foram menos expressivas: 2% foram abordados por agentes de saúde, 2% procuraram o CRATOD, e 0,7% o CAPS AD. Menos de 2% recorreram a ajuda da família, igreja ou entidades sociais (tab 6.2).

¹⁶Caracterização Socio-Econômica dos Moradores de Rua da Cidade de São Paulo. FIPE/SMADS, 2000

**Tabela 6.2 - O que Fez para Resolver o Problema de Saúde
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

O que fez para resolver o problema de saúde	Frequência	%
Procurou Pronto Socorro –Hospital	141	50,0
Procurou Posto de Saúde	61	21,6
Nada. Foi socorrido	28	9,9
Nada. O problema continua	27	9,6
Nada. O problema desapareceu	11	3,9
Foi abordado por agente de saúde	6	2,1
Procurou CRATOD	6	2,1
Procurou a Família	3	1,1
Procurou Igreja	2	0,7
Procurou CAPS – AD	2	0,7
Procurou Albergue,C.Convivência-Entidade social	1	0,4
Outro	27	9,6
Respostas	315	111,7
Respondentes	282	100,0

Comparando os resultados com os obtidos em 2000 tem-se que a procura de Pronto-socorros e hospitais e postos de saúde são os recursos que continuam sendo utilizados com mais frequência pelos que estão na rua. No entanto, atualmente é maior a proporção de pessoas que apontaram a utilização de Postos de Saúde (22%) do que em 2000, em que apenas 6% disseram recorrer a eles. Deve-se lembrar que houve uma pequena ampliação dos serviços de saúde disponíveis para população de rua através dos agentes de saúde e atendimento por alguns locais da rede (ver Anexo I tab 6.2).

6.2. USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS - ÁLCOOL E DROGAS

O uso de drogas e álcool é uma constante entre as pessoas em situação de rua. 74% dos entrevistados declararam usar alguma substância: álcool, drogas ou ambos¹⁷.

O consumo do álcool se destaca sendo utilizado pela maioria (65%), ainda que seja significativo também o percentual dos que declararam ingerir algum tipo de droga (37%),

¹⁷ Cabe observar que esta proporção pode estar subestimada uma vez que parte dos entrevistados pode ter omitido informações sobre o uso por temer represálias.

sendo que a maior parte destes (73%) utiliza simultaneamente álcool e drogas, parcela que corresponde a 28% do total dos entrevistados. (tab 6.3)

**Tabela 6.3 – Uso de Álcool e Drogas
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Uso de álcool e drogas	Frequência	%	% válida
Não usa álcool ou droga	134	25,5	25,6
Usa somente álcool	194	36,9	37,0
Usa somente droga	51	9,7	9,7
Usa droga e álcool	145	27,6	27,7
Total	524	99,6	100,0
Sem informação	2	0,4	
Total	526	100,0	

Não há diferença significativa no uso de álcool e/ou drogas entre brancos e não brancos, mas sim quando se faz a comparação por gênero. A proporção de mulheres que declararam utilizar álcool e/ou drogas é de 46% enquanto que entre os homens o percentual atinge 79%. (Anexo I, tab 6.3 e 6.4).

A proporção dos que declararam usar álcool e/ou drogas entre os que vivem na rua é bastante superior a encontrada entre os albergados em pesquisa realizada em 2005/2006. Certamente as condições de vida na rua tornam esta população mais vulnerável, favorecendo o uso (tab 6.4).

**Tabela 6.4 – Uso de Álcool e Drogas por Moradores de Rua e Acolhidos
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Uso de álcool e drogas	Moradores de Rua (%)	Acolhidos (%)*
Uso de Álcool	64,7	49,6
Uso de Drogas	37,4	24,1

*Fonte: Pesquisa de Albergue FIPE/SMADS, 2006

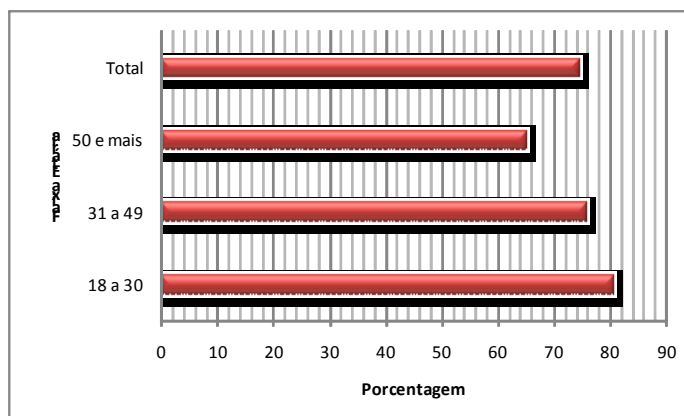
Há diferenças significativas sobre o consumo de substâncias quando se compara grupos etários. Entre os que têm 50 anos ou mais 65% declararam utilizar álcool e/ou drogas. Esta proporção vai crescendo conforme diminui a idade. Entre os que têm 31 a 49 anos, 75%

fazem uso de alguma substância e na faixa de 18 a 30 anos a percentual atinge 80% (tab 6.5 e gráfico 6.5).

**Tabela 6.5 – Uso de Álcool e/ou Drogas por Grupos Etários
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Uso de álcool e/ou drogas	Grupos etários						Total	
	18 a 30		31 a 49		50 e mais			
Sim	108	80,6	110	75,8	82	65,1	390	74,4
Não	26	19,4	64	24,2	44	34,9	134	25,6
Total	134	100,0	264	100,0	126	100,0	524	100,0

**Gráfico 6.5 - Uso de substâncias psicoativas por grupos etários
 moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



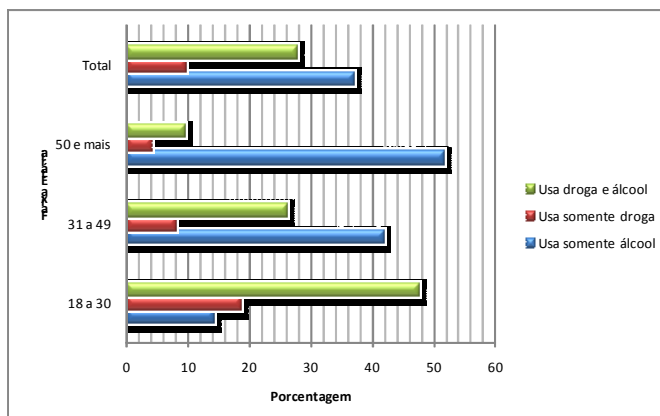
O uso exclusivo do álcool predomina entre os mais velhos, atingindo mais da metade (52%) dos que possuem 50 anos ou mais. No grupo de 31 a 49 anos o percentual é de 42% e nos mais novos, até 30 anos, apenas 14%.

Com relação ao uso de drogas a situação é inversa. Ela está mais presente nas faixas etárias mais baixas, atingindo 66% dos que tem até 30 anos, seja isoladamente (19%) seja em combinação com o álcool (48%). Considerando apenas os que têm entre 18 e 25 anos o percentual dos que usam drogas chega a 75%, sendo 52% associado ao álcool (Anexo I, tab 6.5). Conforme aumenta a idade há uma diminuição proporcional do uso de drogas. (tab 6.6 e gráfico 6.6)

**Tabela 6.6 – Uso de Álcool e Drogas por Grupos Etários
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Uso de álcool e drogas	Grupos etários						Total	
	18 a 30		31 a 49		50 e mais			
Não usa álcool ou droga	26	19,4	64	24,2	44	34,9	134	25,6
Usa somente álcool	19	14,2	110	41,7	65	51,6	194	37,0
Usa somente droga	25	18,7	21	8,0	5	4,0	51	9,7
Usa droga e álcool	64	47,7	69	26,1	12	9,5	145	27,7
Total	134	100,0	264	100,0	126	100,0	524	100,0

**Gráfico 6.6 - Uso de álcool e drogas por grupos etários
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



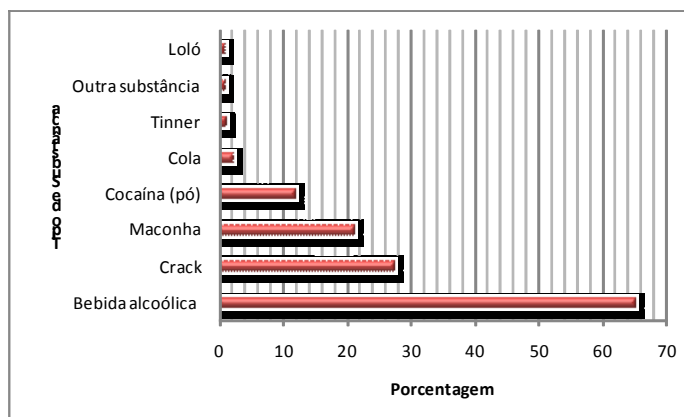
As drogas utilizadas pela população em situação de rua são várias, sendo as de uso mais freqüente o crack (27%) e a maconha (21%). Em terceiro lugar, mas também significativo, aparece a cocaína utilizada por 12% dos entrevistados. Outros produtos como cola, tinner e outras substâncias foram citadas, mas a freqüência do uso é pouco significativa, não ultrapassando 3% (tab 6.7 e gráfico 6.7).

Levantou-se também na pesquisa informações sobre uso de cigarro. 71% dos entrevistados são fumantes.

**Tabela 6.7 – Uso de Substâncias por Tipo
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Tipo de substância	Frequência	%
Cigarro	372	71,0
Bebida alcoólica (cachaça, cerveja, uísque)	341	65,1
Crack	143	27,3
Maconha	110	21,0
Cocaína (pó)	62	11,8
Cola	12	2,3
Tinner	6	1,1
Outra substância	5	1,0
Loló	4	0,8
Não usa	59	11,3
Respostas	1114	212,7
Respondentes	524	100,0

**Gráfico 6.7 – Uso de substâncias por tipo
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



Em geral os moradores de rua não fazem uso de uma única droga havendo várias combinações, sendo a mais freqüente a de crack e maconha.

Entre os mais jovens (até 30 anos) 54% consomem crack, 40% maconha e 22% cocaína (tab 6.8). Até os 25 anos o consumo de crack atinge 64% dos entrevistados (Anexo I, tab 6.6).

Tabela 6.8 – Uso de Substâncias por Tipo e Faixa Etária (respostas múltiplas)

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

Tipo de substância	18 a 30 anos		31 a 49 anos		50 e mais		Total	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Cigarro	105	78,4	183	69,3	84	66,7	372	71,0
Bebida alcoólica	83	61,9	181	68,6	77	61,1	341	65,1
Crack	72	53,7	62	23,5	9	7,1	143	27,3
Maconha	54	40,3	47	17,8	9	7,1	110	21,0
Cocaína	30	22,4	29	11	3	2,4	62	11,8
Loló	3	2,2	-	-	1	8	4	0,8
Cola	8	6	2	0,8	2	1,6	12	2,3
Tinner	3	2,2	2	0,8	1	0,8	6	1,1
Outra substância	2	1,5	3	1,1	-	-	5	1,0
Não usa	14	10,4	31	11,7	14	11,1	59	11,3
Respostas	374	279	540	204,6	200	165,9	1114	212,7
Respondentes	134	100,0	264	100,0	126	100,0	524	100,0

Foi perguntado aos entrevistados se usavam álcool e drogas antes de ir para rua. Identificou-se que as proporções de uso, inclusive do tipo de substância, ficam muito próximas das encontradas no momento atual, o que indica a presença de uso antes da ida para rua. (Anexo I, tab 6.7). O uso de álcool e drogas ocasionando conflitos familiares é mencionado inclusive pelos entrevistados como uma das razões da ida para rua.

Observou-se que entre os que estão há menos tempo na rua é maior a proporção dos que já usavam drogas do que entre os com mais tempo de rua. Entre os que estão há até 2 anos, quase a metade (47%) já usava drogas antes de ir para a rua enquanto que para os demais a proporção é 36%. Cabe observar que, para os dois grupos, o uso de álcool e/ou drogas era anterior a ida para a rua em mais de 77% dos casos, segundo declaração dos entrevistados (tab 6.9)

**Tabela 6.9 – Uso de Álcool e Drogas antes de ir para Rua por Tempo de Rua
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Uso de álcool e drogas	Tempo de rua				Total	
	Até 2 anos		Mais de 2 anos			
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Não usava álcool ou droga	39	19,8	74	24,3	113	22,6
Usava somente álcool	66	33,5	122	40,1	188	37,5
Usava somente droga	19	9,6	23	7,6	42	8,4
Usava droga e álcool	73	37,1	85	28,0	158	31,5
Total	197	100,0	304	100,0	501*	100,0

excluídos os sem informação sobre tempo de rua

Com relação às substâncias utilizadas antes e depois de ir para rua verifica-se algumas mudanças. O uso da cocaína antes de ir para a rua era feito por 17% dos entrevistados, caindo para 12% no momento atual, o que pode estar relacionado ao custo do produto. Em relação à maconha 29% declarou fazer uso antes de ir para rua e 21% atualmente¹⁸. Por outro lado, verifica-se um aumento na proporção dos que usam crack que passa de 21% para 27% (tab 6.10).

¹⁸ Deve-se ter em conta a possibilidade de ter havido, por parte dos entrevistados, omissão sobre o uso atual por temor de represália.

**Tabela 6.10 – Uso de Substâncias Antes e Depois de Ir para a Rua por Tipo (%)
(respostas múltiplas)**

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

Tipo de substância	2000 %	2010 %
Cigarro	72,5	71,0
Bebida alcoólica	68,9	65,1
Maconha	28,8	21,0
Crack	21,2	27,3
Cocaína (pó)	16,6	11,8
Nunca usou/não usa	11,6	11,3
Cola	4,4	2,3
Tinner	2,5	1,1
Loló	2,3	0,8
Outra substância	1,9	1,0
Respostas	230,7	212,7
Respondentes	100,0	524

A presença de uma proporção maior de pessoas em situação de rua que utilizam drogas, principalmente, entre os com menos tempo de rua, aponta para um novo perfil de pessoas chegando às ruas e a necessidade de políticas que atendam esta demanda.

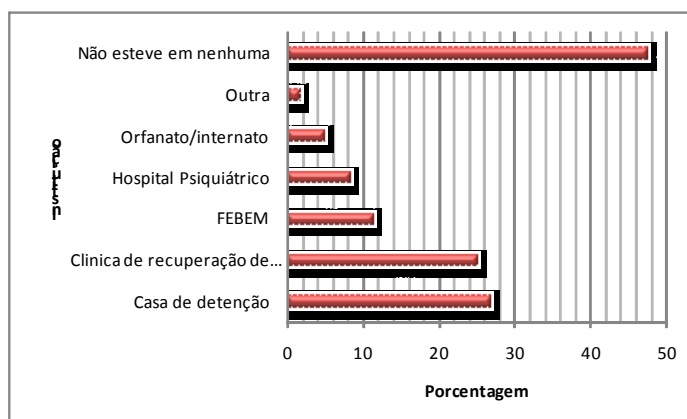
6.3. INSTITUIÇÕES DE INTERNAÇÃO

A internação em instituições é uma realidade para mais da metade (52%) dos pesquisados, sendo que aproximadamente 20% passaram por mais de uma delas. As instituições que se destacam são casas de detenção, onde estiveram 27%, e clínicas de recuperação de dependência de drogas e álcool (25%). São significativos ainda a FEBEM, por onde passaram 11%, e hospital psiquiátrico (8%) (tab 6.11 e gráfico 6.11).

**Tabela 6.11 – Internação em Instituições por Tipo (respostas múltiplas)
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Tipo de instituição	Frequência	%
Casa de detenção	141	26,8
Clinica de recuperação de dependência de drogas ou álcool	132	25,1
FEBEM	59	11,2
Hospital Psiquiátrico	43	8,2
Orfanato/internato	26	4,9
Outra	8	1,5
Não esteve em nenhuma	250	47,5
Respostas	659	125,2
Respondentes	526	100,0

**Gráfico 6.11 - Internação em instituições por tipo
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

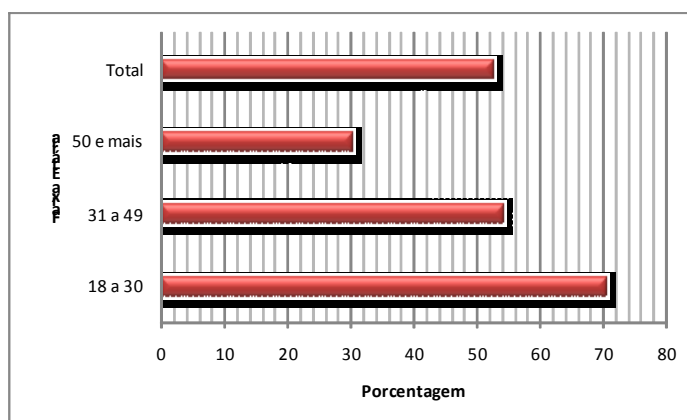


Não há diferença na proporção de pessoas com histórico de internação quando se compara cor/raça - brancos e não brancos - e gênero - sexo feminino e masculino (anexo I, tab 6.8 e 6.9). No entanto, há diferenças significativas entre os grupos etários. A maioria dos jovens (18 a 30 anos) passou por alguma instituição (71 %). A proporção vai decrescendo nas outras faixas de idade. No grupo dos que tem entre 31 a 49 anos, cerca de metade (54%) esteve internada. Entre os mais velhos é bem menor a proporção dos institucionalizados, apenas 30% passaram por alguma internação (tab 6.12 e gráfico 6.12).

Tabela 6.12 – Internação em Alguma Instituição por Grupos Etários
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

Tipo de instituição	Grupos etários						Total	
	18 a 30 anos		31 a 49		50 e mais		Frequência	%
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Sim	96	70,6	143	54,2	38	30,2	277	52,5
Não	40	29,4	121	45,8	88	69,8	249	47,5
Total	136	100,0	264	100,0	126	100,0	526	100,0

Gráfico 6.12 - Internação em instituições por grupo etário
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



No grupo dos mais jovens (18 a 30 anos), em que o histórico de internação é mais presente, 37% estiveram em casa de detenção, 32% em clínicas de recuperação de álcool e drogas e 29% passaram pela FEBEM. O histórico institucional deste grupo é importante de ser considerado ao se pensar em programas e projetos dirigidos a este segmento (tab 6.13)

**Tabela 6.13 – Internação em Instituições por Grupos Etários (respostas múltiplas)
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Tipo de instituição	Grupos etários						Total	
	18 a 30 anos		31 a 49		50 e mais		Frequência	%
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%		
Casa de detenção	50	36,8	73	27,7	18	14,3	141	26,8
Clinica de Recuperação AD	44	32,4	74	28	14	11,1	132	25,1
FEBEM	40	29,4	18	6,8	1	0,8	59	11,2
Hospital psiquiátrico	7	5,1	27	10,2	9	7,1	43	8,2
Orfanato/internato	14	10,3	11	4,2	1	0,8	26	4,9
Outra	3	2,2	4	1,5	1	0,8	8	1,5
Não esteve em nenhuma	40	29,4	121	45,8	89	70,6	250	47,5
Respostas	198		328		133		659	
Respondentes	136	100,0	264	100,0	126	100,0	526	100,0

6.4. INSTITUIÇÕES DE SERVIÇO E CONVIVÊNCIA

Apresentou-se aos entrevistados um conjunto de serviços que acolhem a população em situação de rua, a fim de verificar se são utilizados pelos que estão dormindo na rua. São eles: Restaurante Popular, Centros de Convivência, Albergues, Tenda/Núcleos de serviços. 34% não são atingidos por estes serviços, tendo declarado não freqüentar nenhuma das instituições. 32% fazem um uso restrito freqüentando uma deles. Apenas 34% fazem uso de dois ou mais dos serviços apresentados (tab 6.14).

**Tabela 6.14 – Tipos de Serviço que Frequentam
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

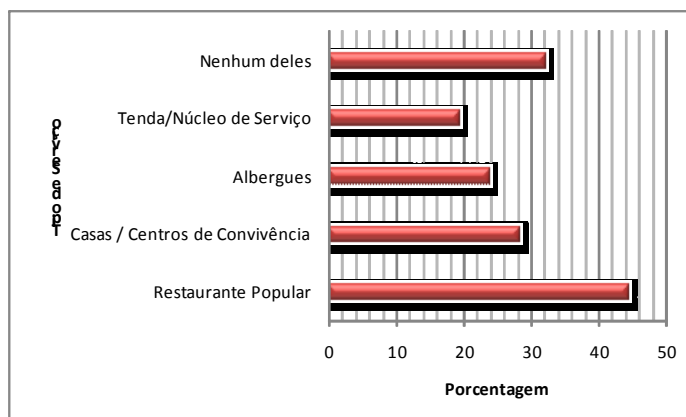
Número de tipo de Serviços frequentados	Frequência	%
Nenhum	177	33,6%
1	167	31,7%
2	116	22,1%
3	51	9,7%
4	13	2,5%
Sem informação	2	0,4%
Total	526	100,0%

Em relação ao tipo de serviço destaca-se em primeiro lugar o restaurante popular, frequentado por 44%. Centros de Convivência e Albergues são procurados por 28% e 24% respectivamente. A Tenda e os Núcleos de Serviço são utilizados por 19% do total. Estas informações mostram que o acesso aos serviços da rede para a parcela da população em situação de rua que dorme nas ruas é bastante limitado (tab 6.15 e gráfico 6.15).

**Tabela 6.15 – Serviços Frequentados por Tipo
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Tipo de serviço	Frequência	%
Restaurante Popular	232	44,3
Casas / Centros de Convivência	147	28,1
Albergues	124	23,7
Tenda/Núcleo de Serviço	101	19,3
Nenhum deles	169	32,1
Respostas	781	149,0
Respondentes	524	100,0

**Gráfico 6.15 - Serviços freqüentados por tipo
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



Não há diferenças significativas na frequência a estas instituições quando se compara os diversos grupos etários. Apenas no grupo com 50 anos e mais a proporção dos que não freqüentam é ligeiramente maior (39%) do que para o conjunto (33%) (Anexo 1, tab 6.10). Nenhuma diferença foi encontrada também na frequência aos serviços na comparação dos que têm até 2 anos na rua ou mais do que 2 anos e no grupo feminino e masculino (Anexo I tab 6.11 e tab 6.12).

Constatou-se ainda que mais da metade dos moradores de rua (54%) frequenta igrejas, ainda que não tenham sido levantados os credos religiosos.

A proporção dos que freqüentam igrejas é bem maior entre as mulheres (68%) do que no grupo masculino (52%). Em relação às faixas etárias, a proporção cresce conforme aumenta a idade: 48% entre os jovens com até 30 anos, 54% na faixa de 31 a 49 anos e 60% entre os que têm 50 anos e mais. (Anexo I, tab 6.13 e tab 6.14).

7. CIDADANIA

A cidadania refere-se ao âmbito dos direitos sociais, políticos, econômicos, que conferem uma vida digna ao ser humano. Em relação à população em situação de rua, apenas alguns dados foram abordados neste item, privilegiando três aspectos bem diferentes, mas igualmente importantes: a posse de documentos; a violência contra a população em situação de rua e a participação em atividades do Movimento Nacional da População de Rua.

O primeiro aspecto diz respeito às condições mínimas para o exercício da cidadania; o segundo, trata dos efeitos perversos da exclusão social e o terceiro, mostra o quanto o Movimento é conhecido por essa população e qual a parcela que se engaja na luta pela conquista de seus direitos.

7.1. POSSE DE DOCUMENTOS

A posse de documentos por essa população foi incluída nesta caracterização, considerando que a deficiência na identificação formal constitui um dos indicadores do progressivo isolamento em que essas pessoas vivem e da perda das condições mínimas de cidadania.

Com relação a esse aspecto destaca-se o elevado percentual de 42,6% de moradores que afirmaram não possuir qualquer tipo de documento. Esse fato constitui mais um agravante nas condições de vida dessa população, pois limita a possibilidade de acesso a determinados serviços públicos, a programas governamentais e ao exercício da cidadania. Vários entrevistados afirmaram que a falta de documento de identidade é um dos motivos pelos quais não são aceitos em albergues.

Os que informaram quais documentos possuem, correspondem a 57,4% dos entrevistados e a maioria citou mais de um documento. Os documentos mais mencionados pelos entrevistados foram a carteira de identidade (50,4%), o CPF (36,9%), a carteira de trabalho (33,2%) , o título de eleitor (31,1%) e a certidão de nascimento (25%). Trata-se dos

documentos mais importantes do ponto de vista do exercício da cidadania e a maior parte dos moradores de rua não os possui.

**Tabela 7.1 - Posse de documentos (Respostas Múltiplas)
Moradores de rua na Área Central, 2010**

Documentos que possui	Frequência	%
Nenhum	218	42,6
Certidão de Nascimento	128	25,0
Carteira de Identidade	258	50,4
Carteira de Trabalho	170	33,2
Carteira de Reservista	105	20,5
Título de Eleitor	159	31,1
Carteira de Motorista	32	6,3
CPF	189	36,9
Outros	38	7,4
Respostas	1297	253,4
Respondentes	512	100

Com relação à posse de documentos, quase não há diferenças em relação a 2000. No decorrer de dez anos, houve uma ligeira redução, de moradores que não possuem qualquer documento: de 45,3% em 2000 para 42,6% em 2010. De qualquer forma, pode-se considerar que é muito alta a proporção dos que não possuem qualquer documento, visto que a pessoa não existe enquanto cidadão, se não tiver como identificar-se.

Tabela 7.2 - Distribuição da população em situação de rua, por posse de documentos em 2000 e 2010 (Respostas Múltiplas)

Moradores de rua na Área Central, 2010

Documentos	2000	2010
	%	%
Não tem documentos	45,3	42,6
Certidão de Nascimento	23,6	25,0
Carteira de Identidade	46,0	50,4
Carteira de Trabalho	37,0	33,2
Carteira de Reservista	22,0	20,5
Título de Eleitor	29,5	31,1
Carteira de Motorista	1,2	6,3
CPF	29,8	36,9
Outros	9,3	7,4
Total de Respostas	243,8	253,4
Total de Respondentes	100,0	100,0

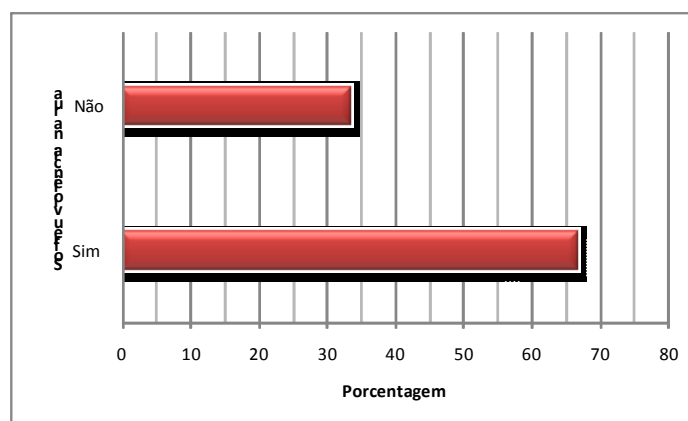
7.2. VIOLÊNCIA NA RUA

A violência contra os moradores de rua, chegando a casos de homicídio, ocupa freqüentemente os noticiários da mídia e revela o quanto existe de preconceito e rejeição contra essa população já desprovida de tudo e em situação de extrema pobreza. A maioria (66,7%) já sofreu algum tipo de violência na rua. No estudo realizado em 2.000, essa situação já estava presente para 60,9% da população de rua. Desde então, essa proporção vem aumentando, tendo-se registrado em 2010, 66,7% de pessoas que sofreram algum tipo de violência nas ruas. Um aumento, portanto, de 5,8% que indica a ausência do Estado na sua função de garantir a segurança dos munícipes. Entende-se que deveria haver uma drástica redução desse tipo de violência. (Anexo I - Tabela 7.1)

**Tabela 7.3 - Distribuição da população por violência na rua
 Moradores de rua na Área Central, 2010**

Sofreu violência na rua	Frequência	%	% válida
Sim	350	66,5	66,7
Não	175	33,3	33,3
Total	525	99,8	100,0
Sem informação	1	0,2	
Total	526	100,0	

**Gráfico 1 - Tab. 7.3 - Distribuição da população por violência na rua
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



A questão da violência é tratada também em outras pesquisas. Em Porto Alegre, pesquisa realizada em 2007¹⁹ com a população adulta de rua, aponta que 66% já tinham sido vítimas de atos violentos, por uma ou mais vezes, proporção semelhante à encontrada na atual pesquisa em São Paulo.

Na pesquisa nacional, a forma de violência é medida por indicadores de discriminação social, o que é feito também na pesquisa de Porto Alegre. O levantamento feito nesses estudos mostra o quanto essa população é rejeitada e discriminada, ao ser impedida de permanecer ou mesmo adentrar em determinados lugares públicos como bancos, shopping

¹⁹ Cadastro e Estudo do Mundo da População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre, RS, 2007

Center, transporte coletivo e até em órgãos públicos, para citar alguns exemplos. Trata-se de uma forma de violência não física, mas que é ofensivamente discriminatória e humilhante para essas pessoas ao terem impedidas de ter acesso a determinados locais públicos.

- **Violência e idade**

Nesta pesquisa constatou-se que a violência praticada contra os moradores de rua independe da idade das vítimas. Em todas as faixas etárias a maioria já sofreu algum tipo de agressão. As maiores incidências ocorrem em duas faixas etárias, de 18 a 25 anos (69,1%) e de 41 a 55 anos (68,1%). Entre os mais velhos a incidência é um pouco menor (59,6%), mas também significativa.

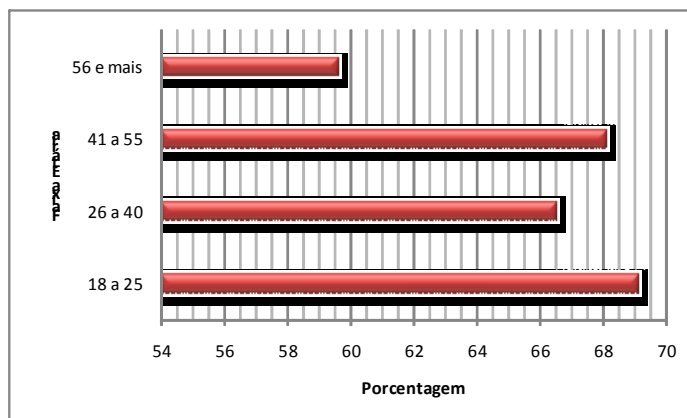
**Tabela 7.4 - Distribuição da população segundo violência sofrida por faixa etária
Moradores de rua na Área Central, 2010**

Faixa etária		Sofreu algum tipo de violência na rua		Total
		Sim	Não	
18 a 25	Frequência	47	21	68
	%	69,1	30,9	100,0
26 a 40	Frequência	139	70	209
	%	66,5	33,5	100,0
41 a 55	Frequência	130	61	191
	%	68,1	31,9	100,0
56 e mais	Frequência	34	23	57
	%	59,6	40,4	100,0
Total (*)		350	175	525
%		66,7	33,3	100,0

(*) Excluído 1 caso sem informação

Gráfico 2 - Tab. 7.4 - Distribuição da população segundo violência sofrida por faixa etária (apenas os que sofreram violência)

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



- **Violência e Sexo**

Os dados levantados indicam que a violência cometida contra a população de rua é ligeiramente maior em relação aos homens. Porém, em ambos os sexos a maioria já sofreu algum tipo de violência: 63% no grupo feminino e 67,3% no masculino.

Na pesquisa realizada em 2000, igualmente a violência atingiu a maioria dos homens e das mulheres, mas foi ligeiramente maior entre as mulheres (67,4%) .(Anexo I - Tabela 7.2)

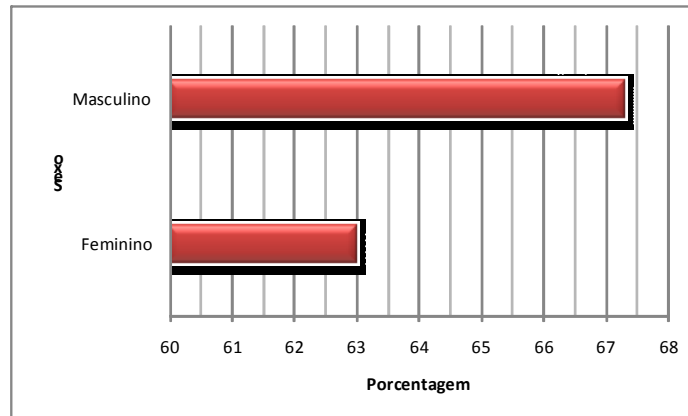
Tabela 7.5 - Distribuição da população por sexo e violência na rua

Moradores de rua na Área Central, 2010

SEXO		Sofreu algum tipo de violência na rua		Total
		Sim	Não	
Feminino	Frequência	46	27	73
	%	63,0	37,0	100,0
Masculino	Frequência	304	148	452
	%	67,3	32,7	100,0
Total	Frequência	350	175	525
	%	66,7	33,3	100,0

Gráfico 3 - Tab. 7.5 - Distribuição da população por sexo e violência na rua (apenas os que sofreram violência)

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



- **Violência e cor**

Os dados de violência em relação à cor do morador de rua apresentam uma distribuição pouco discrepante entre brancos e não brancos. Dentre a população de cor branca, 65,2% afirmaram ter sofrido algum tipo de violência, e dentre os não brancos, essa proporção foi ligeiramente maior (67,5%), mas pouco significativa.

Na desagregação do grupo de não brancos, constata-se a seguinte distribuição entre os que sofreram alguma violência nas ruas: brancos, 34,9%; pretos, 32,6% e pardos 32,3%, o que revela uma grande rejeição ao morador de rua, independente da cor. (Anexo I- Tabela 7.3).

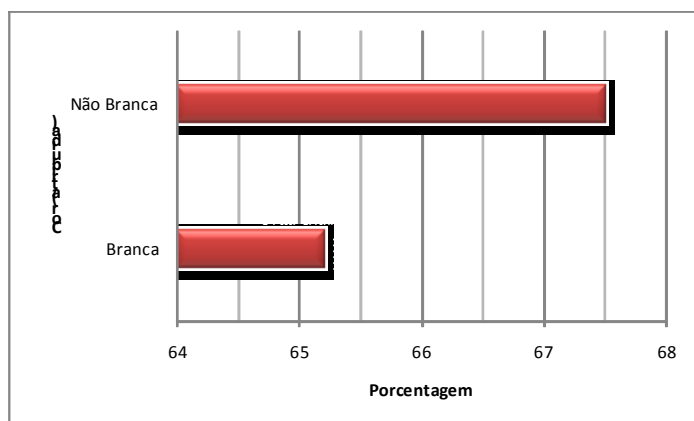
Da análise dos dados sobre a violência, ficou evidente que ela é praticada pelos agressores sem discriminação de idade, gênero ou cor, porque é uma violência que visa atingir os moradores de rua em geral.

**Tabela 7.6 - Distribuição da população, por cor e violência sofrida
 Moradores de rua na Área Central, 2010**

Cor (atribuída)		Sofreu algum tipo de violência na rua		Total
		Sim	Não	
Branca	Frequência	122	65	187
	%	65,2	34,8	100,0
Não branca	Frequência	228	110	338
	%	67,5	32,5	100,0
Total	Frequência	350	175	525
	%	66,7	33,3	100,0

Gráfico 4 - Tab.7.6 - Distribuição da população por cor e violência sofrida (apenas os que sofreram violência)

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



7.3. QUEM PRÁTICA A VIOLÊNCIA

A pergunta formulada para saber quem foram os agressores permitia respostas múltiplas entre os seguintes agentes: polícia, transeuntes, os próprios moradores de rua, comerciantes e outros. Em relação ao total de respondentes, 46,3% foram vítimas dos próprios moradores de rua; 27,9%, da polícia e guarda metropolitana, enquanto 13,6% sofreram violência por

parte de transeuntes e 4,5%, de comerciantes. Uma parcela de quase 34% não sofreu nenhum tipo de violência.

A proporção dos que sofreram agressão por parte dos próprios moradores de rua revela o lado cruel e individualista dessas pessoas na luta pela sobrevivência, o que torna ainda mais difícil a convivência na rua. É constante a ocorrência de brigas, roubos e furtos entre eles, além das violências que sofrem também de outros agentes.

Houve recusa, por parte de alguns entrevistados, vítimas de violência, em informar quem foram os agentes da agressão que sofreram.

**Tabela 7.7 - Distribuição da população segundo autores da violência sofrida
(Respostas múltiplas)**

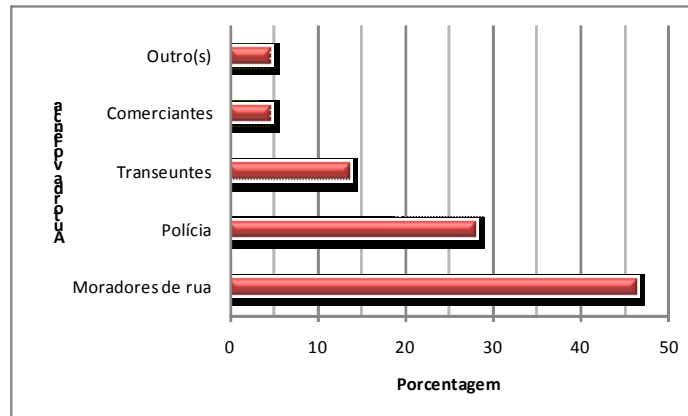
Moradores de rua na Área Central, 2010

Por parte de quem sofreu violência	Frequência	%
Moradores de rua	239	46,3
Polícia	144	27,9
Transeuntes	70	13,6
Comerciantes	23	4,5
Outro(s)	23	4,5
Respostas	499	146,3
Respondentes que sofreram violência	341	66,1
Respondentes que não sofreram violência	175	33,9
Total de Respondentes (*)	516	100,0

(*) excluídos os sem informação

Gráfico 5 – Tab. 7.7 - Distribuição da população segundo autores da violência sofrida (apenas os que sofreram violência)

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



Ao comparar certos aspectos da violência com os resultados da pesquisa de 2000, sobretudo no que se refere àqueles que praticaram essa violência, observa-se que no decorrer de 10 anos, houve um aumento significativo de ações violentas por parte dos próprios moradores de rua e dos agentes de segurança pública.

Em 2000, a proporção dos entrevistados que mencionaram ter sofrido agressão por parte de seus companheiros de rua, era de 32,3%, proporção que chega a 46,3% em 2010, registrando um aumento de 14%. Da parte dos representantes do poder público na função de segurança, houve um aumento da ordem de 15%, passando de 12,7% para 27,9% nesse período. A agressão por parte dos comerciantes teve ligeiro acréscimo (1,7%), enquanto da parte dos transeuntes registrou-se uma queda de 8,4%, passando de 22% para 13,6%.

Tabela 7.8 - Comparação da proporção dos agentes de violência citados nas duas pesquisas (Respostas múltiplas)

Moradores de rua na Área Central, 2010

Por parte de quem sofreu violência	2000	2010
	%	
Moradores de rua	32,3	46,3
Polícia, GCM, funcionários da PMSP	12,7	27,9
Transeuntes	22,0	13,6
Comerciantes	2,8	4,5
Total de respostas	112,0	146,3
Respondentes que sofreram violência	60,9	66,1
Respondentes que não sofreram violência	39,1	33,9
Total de respondentes	322(*)	516 (*)

(*) excluídos os sem informação.

7.4. TIPO DE VIOLÊNCIA

A pergunta sobre o tipo de violência sofrida também admitia respostas múltiplas. Do total de entrevistados, cerca de 67% sofreram violência e responderam a que tipos de agressão foram submetidos e 33% não tinham sofrido qualquer violência nas ruas.

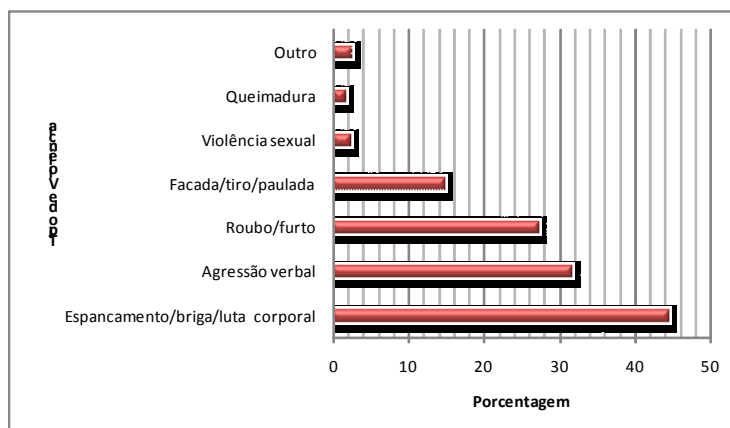
O espancamento, a briga, luta corporal constituem a forma mais frequente de violência, tendo sido apontado por 44,3% do total de respondentes; a agressão verbal na forma de xingamento, palavras ofensivas e depreciativas, foi mencionada por 31,6% dos moradores de rua. Pouco mais de 27% foram roubados ou furtados e 14,7% foram vítimas de arma branca, de arma de fogo ou paulada. Em proporção bem menor foram mencionadas a violência sexual e queimadura.

Tabela 7.9 - Distribuição da população por tipo de violência sofrida (Respostas Múltiplas)

Moradores de rua na Área Central, 2010

Que tipo de violência sofreu?	Frequência	%
Espancamento/briga/luta corporal	233	44,3
Agressão verbal	166	31,6
Roubo/furto	143	27,2
Facada/tiro/paulada	77	14,7
Violência sexual	12	2,3
Queimadura	8	1,5
Outro	13	2,5
Respostas dos que sofreram violência	652	186,3
Respondentes que sofreram violência	350	66,7
Respondentes que não sofreram violência	175	33,3
Total de Respondentes	525	100,0

**Gráfico 6 - Tab. 7.9 - Distribuição da população por tipo de violência sofrida
 (Respostas múltiplas apenas dos que sofreram violência)
 Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**



As informações sobre violência expõem a realidade a que essas pessoas estão sujeitas, enfrentando a agressividade de seus iguais na luta pela sobrevivência, além da agressão física e verbal por parte de órgãos da segurança pública, de pessoas que caminham pelas ruas e de comerciantes. As pessoas em situação de rua são tratadas como indesejadas, sem cidadania, sem direitos.

O tipo de violência sofrida por elas, seja por parte de seus pares e outros agentes, registrou também um significativo aumento em algumas modalidades, em relação a 2000.

O espancamento, briga, luta corporal aumentou de 32% para 44,3% em 2010. A agressão verbal mais que dobrou passando de 13% para 31,6%; os casos de roubo e furto aumentaram em 12%, passando de 15,2% para 27,2% e os de violência sexual e queimadura registraram pequena oscilação, tendo sido pouco mencionados. Houve redução de 4,2% nos casos de uso de arma branca, arma de fogo e paulada.

Tabela 7.10 - Comparação da proporção do tipo de violência sofrida pela população em situação de rua 2000/2010 (Respostas Múltiplas)

Moradores de rua na Área Central, 2010

Tipo de violência sofrida	2000	2010
	%	%
Espancamento, briga, luta corporal	32,0	44,3
Agressão verbal	13,0	31,6
Roubo, furto	15,2	27,2
Facada, tiro, paulada	18,9	14,7
Sexual	1,9	2,3
Queimadura	1,6	1,5%
Outro tipo	0,6	2,5
Respostas dos que sofreram violência	136,0	186,3
Respondentes que sofreram violência	61,0	66,7
Respondentes que não sofreram violência	39,0	33,3
Total de respondentes	323	525

7.5. PARTICIPAÇÃO

O conhecimento da existência de um Movimento Nacional da População de Rua, por parte dos entrevistados indica por um lado, em que proporção esse movimento organizado consegue atingir seu público específico em São Paulo e por outro, identifica a proporção de moradores de rua que conhecem o Movimento e já participaram de alguma de suas atividades.

- **Conhecimento do Movimento Nacional da População de Rua**

Constatou-se que 24% da população em estudo têm conhecimento do Movimento, mas não se sabe o quanto conhecem. Ainda que seja a minoria, pode-se considerar que é uma parcela significativa por se tratar de uma população socialmente excluída, sem acesso aos meios formais de comunicação, e tentando sobreviver em precárias condições. É provável

que muitos tenham apenas ouvido falar, mas o simples fato de terem memorizado o nome do Movimento pode indicar que algo lhes despertou interesse. Porém, foi um interesse que não levou a maioria a se engajar ativamente.

Tabela 7.11 - Distribuição da população por conhecimento do Movimento Nacional da População de Rua

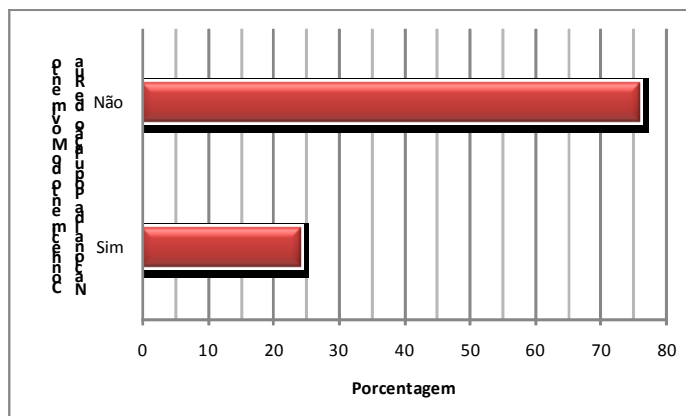
Moradores de rua na Área Central, 2010

Conhece o Movimento Nacional da População de Rua	Frequência	%
Sim	126	24,0
Não	399	76,0
Total	525 (*)	100,0

(*) excluído sem informação

Gráfico 7 - Tab. 7.11 - Distribuição da população por conhecimento do Movimento Nacional da População de Rua

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



- **Participação em atividades do Movimento**

É sabido que a maior dificuldade que as organizações e movimentos sociais enfrentam é a mobilização do seu público específico para participar de suas atividades. A participação em qualquer atividade requer motivação, interesse, esforço e, acima de tudo, vontade de ser o

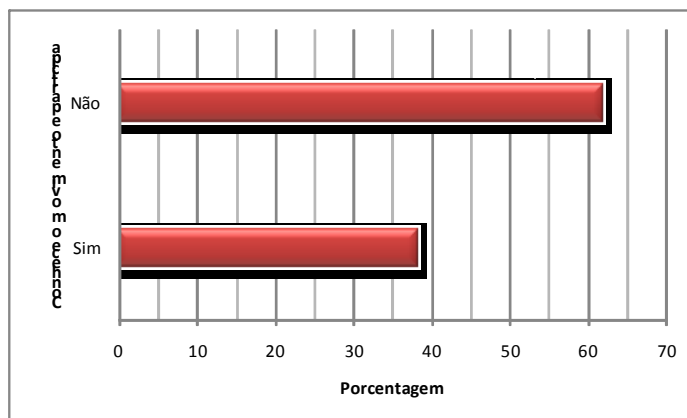
sujeito da ação em um processo de mudança. No caso da população de rua, trata-se de algo muito difícil. Assim, somente 38% dos que conhecem o Movimento, declararam já ter participado de alguma de suas atividades. Essa parcela corresponde a apenas 9% do total da população pesquisada. Ainda que não seja quantitativamente expressiva, tem um grande significado qualitativo, pois participar exige sacrifícios. Além de deslocamentos, requer esforço de acompanhamento, capacidade de compreensão e interpretação dos fatos, o que acaba limitando o engajamento dessa população. Por essas razões, é expressivo o nível de conhecimento e de participação dos moradores de rua de São Paulo, num Movimento que busca reconquistar sua cidadania

Tabela 7.12 - Conhece o Movimento e participa de suas atividades
Moradores de rua na Área Central, 2010

Participa de atividade do Movimento	Frequência	%	% válida
Sim	48	9,1	38,1
Não	78	14,8	61,9
Total	126	24,0	100,0
Não conhece o Movimento	399	75,9	
Sem informação	1	0,2	
Total	400	76,0	
Total geral	526	100,0	

Gráfico 8 – Tab. 7.12 - Distribuição da população que conhece o Movimento e participa de suas atividades

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



O terceiro aspecto da cidadania, referente ao nível de conhecimento e de engajamento em um movimento social que luta pelos interesses da população de rua, traz resultados que revelam a distância entre o Movimento Nacional e a população de rua em São Paulo. Embora se tenha registrado alguns pequenos resultados positivos, a maioria dessa população está longe de saber e de participar de algo que os mobilize coletivamente.

De fato, mesmo em nível nacional²⁰, foi constatado que apenas 2,9% dessa população participam de algum tipo de movimento social, o que torna bastante significativa a participação da população de rua da cidade de São Paulo.

8. TEMPO DE RUA

Estimar o tempo de rua foi, desde o levantamento do perfil socioeconômico dos moradores de rua realizado em 2000²¹, um dos objetivos centrais das pesquisas realizadas pela FIPE com essa população. A razão dessa ênfase repousa no entendimento de que a duração da permanência na rua altera o comportamento das pessoas, suas percepções, projetos e possibilidades de saída.

²⁰ Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua, Meta/MDS, 2008

²¹ Caracterização Socioeconômica dos Moradores de Rua da Cidade de São Paulo, FIPE/SAS, 2000.

Em 2000, a FIPE desenvolveu metodologia para obtenção das informações necessárias para estimar o tempo em que pessoas se encontram nas ruas. No presente trabalho, foram mantidos os mesmos procedimentos, permitindo estrita comparabilidade dos resultados. Tais procedimentos foram definidos com o objetivo de superar as barreiras colocadas pela dificuldade de percepção do tempo cronológico pelos moradores de rua e demais obstáculos para se obter uma estimativa segura dessa variável.

8.1. PROCEDIMENTOS ADOTADOS

Entre²² estudiosos e técnicos das instituições que trabalham com os moradores de rua há um consenso de que a noção de tempo cronológico é imprecisa entre eles. As referências ao calendário se tornam menos freqüentes com o passar do tempo, que passa a ganhar significação quando referido a eventos marcantes: perdas, separações, doenças ou outro acontecimento que altere suas vidas.

A despeito dessa dificuldade, supõe-se que o tempo de permanência na rua é um dado importante para a compreensão das diferenças encontradas entre os moradores de rua e as possibilidades de atuação junto a eles. Há o morador de rua “crônico”, associado a uma longa permanência na rua, com total perda dos vínculos familiares e de trabalho. Há os que, recém chegados à rua, mantêm ainda possibilidade de retorno, bastando para isso que lhe sejam oferecidas condições de trabalho e moradia. Entre os dois extremos, identifica-se um *continuum* de situações, onde as mudanças de condições e possibilidades de saída da rua têm como referência o tempo em que nela se encontram.

Para obter a estimativa do tempo na rua julgou-se necessário adotar um procedimento por aproximação, procurando identificar etapas na trajetória que leva às ruas. O ponto de partida foi a perda da moradia que, por definição, caracteriza a população estudada; essa moradia deveria atuar como âncora, na tentativa de rememorar a sequência e data dos acontecimentos.

²² Idem

O questionário utilizado nas entrevistas permitiu, inicialmente, separar a população em dois grupos: aqueles que perderam a casa e tornaram-se moradores de rua e, a partir de então, passaram a pernoitar em albergues ou nas ruas. Esse conjunto de pessoas constitui o aqui denominado Grupo 1.

O segundo grupo, denominado, Grupo 2, também tem como referência a moradia perdida. Diferentemente do Grupo 1, não passou diretamente às ruas ou ao albergue: morou em casa de amigos, parentes, pensão, hotel, ou mesmo em alguma instituição, como FEBEM ou casa de detenção. O aspecto central para não considerá-lo ainda morador de rua decorre da natureza da solução de moradia que encontrou, distinta das alternativas que definem a população: ruas e albergue. A percepção, por parte do entrevistado, é de que os arranjos para morar pelos quais passou não constituíram “sua” moradia, mas apenas um espaço para se abrigar.

A estimativa do tempo de rua contou como “tempo de rua”, o momento a partir do qual o primeiro grupo perde a moradia. O “tempo de rua” do segundo grupo é contado a partir do momento em que perdem o último abrigo e passam a ter como alternativas o albergue ou as ruas.

O procedimento adotado é consistente com a definição da população de rua utilizada, sistematicamente, em todas as pesquisas da FIPE: “considerou-se população de rua o segmento de baixíssima renda que, por contingência temporária ou de forma permanente, pernoita nos logradouros da cidade – praças, calçadas, marquises, jardins, baixos de viaduto – em locais abandonados, terrenos baldios, mocós. Também são moradores de rua aqueles que pernoitam em albergues públicos ou de entidades sociais”²³. Reconhece, por outra parte, que a trajetória da casa às ruas nem sempre é um processo linear: etapas e arranjos intermediários podem retardar a chegada às ruas e, quem sabe, evitá-la.

²³ "População de Rua: quem é, como vive, como é vista", Maria Antonieta da C. Vieira, Eneida M.R. Bezerra e Cleisa M.M.R, org. São Paulo, Hucitec, 1994, pg. 14.

Cabe enfatizar que o conceito de “última moradia” é subjetivo e pode, para alguns, ser um alojamento de trabalho, quarto em uma pensão e, mais comumente, a residência da família ou a moradia com amigos e parentes mais distantes. A percepção do entrevistado foi respeitada, assegurando-se que a descrição dos atributos dessa “última moradia” referia-se, de fato, à última “casa” que considerou como sendo “sua”.

Os procedimentos adotados não significam desconhecimento das dificuldades e ambigüidades que o conceito de “última moradia” trazem. Não significam, também, ignorar as limitações que uma definição de morador de rua unidimensional – a perda da moradia – acarreta. O processo que leva os indivíduos à rua representa sucessivas perda das condições que determinam sua inserção na estrutura social da qual faz parte: trabalho, família, vizinhança, domicílio, patrimônio, entre outros. Entende-se, entretanto, que a perda da moradia simboliza um importante ponto de ruptura, ponto de acumulação do conjunto de dificuldades e privações por que passaram. Vários relatos obtidos ao longo do trabalho de campo corroboraram essa afirmação.

A “última moradia” foi identificada e sobre ela levantadas várias informações. O item 3 do presente relatório descreveu vários dos seus atributos, procurando associar os arranjos familiares vigentes, a condição de ocupação, localização e outros elementos que permitam traçar um quadro de como viviam os atuais moradores de rua antes de perde-la. O objetivo é simples: descrever a última moradia em busca de uma melhor compreensão das condições que vigiam antes da ruptura que ocorreu.

8.2. AS ESTIMATIVAS OBTIDAS

As estimativas que se seguem devem ser interpretadas com cuidado. Isso porque, além das dificuldades de identificar datas e acontecimentos passados, muitos moradores de rua não foram capazes de manter conversação com os entrevistadores por serem portadores de possíveis distúrbios mentais e/ou estarem excessivamente embriagados/drogados. Assim, como mencionado na Introdução do presente relatório, os dados referem-se às pessoas

adultas (a partir de 18 anos), capazes de responder o questionário, o que recorta a população de moradores de rua em um segmento apto à entrevista.

A restrição acima não teve impacto sobre a realização do levantamento censitário, uma vez que poucas questões deveriam ser respondidas, entre elas os filtros para identificar a população. A maior parte das informações foram obtidas mediante observação dos entrevistadores, o que possibilitou “contar” a população sem subenumeração.

As pessoas que perderam a “última moradia” e passaram diretamente às ruas ou albergues perfazem 83% da população.

- *Perda da moradia e ida para as ruas*

As pessoas que perderam a “última moradia” e passaram diretamente às ruas ou albergues, Grupo 1, perfazem 83% da população. O Grupo 2, bem menor, passou por arranjos habitacionais antes de chegar às ruas: cerca de 30% foram morar em pensões ou hotel, 14% nos locais de trabalho, 12% em casa de parentes. A Tabela 7.1 apresenta as alternativas mencionadas pelos moradores de rua do Grupo 2.

Tabela 8.1 - Onde foi morar após perder a residência, respostas múltiplas
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

ONDE FOI MORAR	Frequência	%
Pensão/hotel	35	41,20%
Local de trabalho	16	18,80%
Casa de parentes	13	15,30%
Casa de amigos	10	11,80%
Outros arranjos	9	10,60%
Casa de detenção	4	4,70%
Local para tratamento de saúde	4	4,70%
Casa de companheira (o)	3	3,50%
Orfanato/asilo	2	2,40%
FEBEM	1	1,20%
Respostas	97	114,10%
Respondentes	85	100,00%

Uma observação sobre os resultados da Tabela 8.1 se faz pertinente. Refere-se ao relativamente reduzido número de citações de alternativas que envolvem parentes/amigos. Os percentuais sugerem que a perda da moradia pode ter sido acompanhada de um afastamento da família/amigos, ou que esse afastamento preexistia a essa perda: apenas 10,5% das pessoas que integram o Grupo 2 moravam sozinhas ao perder sua última casa.

A informação sobre tempo de rua foi registrada na unidade de medida declarada pelo entrevistado. Assim, pessoas recém chegadas informaram o número de meses transcorridos e outros entrevistados o mencionavam em anos, em função da sua longa permanência nas ruas. Após o levantamento das informações, as respostas foram transformadas em “anos de tempo de rua”, unidade na qual todas as estatísticas são apresentadas.

A tabela 8.2 apresenta as principais estatísticas para os Grupo 1 e 2.

Tabela 8.2 - Estatísticas do Tempo de Rua*, Grupo 1 e Grupo 2, em anos

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

Estatísticas	Grupo	Grupo
Média	6,1	4,4
Mediana	4	2,0
Valor mínimo	0,08	0,08
Valor máximo	30	20
Primeiro quartil	1	2
Terceiro quartil	10	7
Número de	423	81

*em anos

Para o Grupo 1, metade da população (mediana) está na rua há até quatro anos, e 25% estão há mais de dez anos. O Grupo 2, por sua vez, apresenta mediana inferior, metade da população está nas ruas há até 2 anos, e 25% estão há mais de sete anos. O tempo médio para o primeiro e segundo grupos são, respectivamente, 6,7 e 4,4 anos.

Os valores mínimos encontrados são os mesmo, um mês. Os valores máximos, por sua vez, são compatíveis com os quartis das duas distribuição que apontam maiores valores para o Grupo 1. No conjunto, as estatísticas sugerem que há duas distribuições distintas da variável “tempo de rua”, e, como tal, com medidas de posição e dispersão distintas.

As estatísticas sobre “tempo de rua” obtidas com o levantamento do perfil socioeconômico em 2000 revela, novamente, diferenças entre as distribuições dos dois grupos. A Tabela 8.3 apresenta os resultados.

Tabela 8.3 - Estatísticas do Tempo de Rua*, Grupo 1 e Grupo 2, em anos
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

Estatísticas	Grupo 1		Grupo 2	
	2000	2010	2000	2010
Média	5,7	6,1	4,3	4,4
Mediana	3	4	2	2,0
Valor mínimo	0,08	0,08	0,08	0,08
Valor máximo	60	30	28	20
Primeiro quartil	0,08	1	0,08	0,6
Terceiro quartil	8	10	5	7
Número de	315	423	85	81

*em anos

A distinção entre os grupos, identificando os que passaram diretamente às ruas e os que tiveram uma mais longa trajetória, permite algumas observações. Primeiramente, pode-se concluir que a maior parte dos moradores de rua passou por uma transição direta entre casa e rua: 82% em 2010 e 78% em 2000. Os percentuais são suficientemente altos para confirmar as diferenças, mesmo que haja erro de medida da variável, e as proporções obtidas nos dois levantamentos são bastante similares, indicando estabilidade das estimativas feitas.

Por último, cabe relembrar, mais uma vez, a necessidade de uma cuidadosa interpretação dos resultados, haja vista a dificuldade dos moradores de rua em tratar o tempo cronológico. Assim, a confirmação dessas possíveis diferenças exige uma investigação específica, com foco único nas questões do tempo de rua.

A despeito da cautela necessária na interpretação dos resultados, há evidências quanto à existência de diferenças nas duas distribuições do tempo de rua, que permitem sugerir novos estudos nessa direção.

- *O tempo de rua*

Obtido o tempo de rua para os dois grupos, pode-se construir uma única variável, para medir o tempo de rua da população.

Os resultados descrevem uma distribuição da variável “tempo de rua” com 25% da população morando nas ruas até 1 ano (primeiro quartil). Por outra parte, 25% permanecem nas ruas há mais de 10 anos (terceiro quartil) e o restante da população se distribui em um intervalo entre 1 e 9 anos. A média, para a população como um todo, é de 5,8 anos, com mediana ligeiramente menor, 4 anos.

Tabela 8.4 - Estatísticas do Tempo de Rua*, em anos
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

Estatísticas	Anos
Média	5,8
Mediana	4
Valor mínimo	0,08
Valor máximo	30
Primeiro quartil	1
Terceiro quartil	10
Número de	496

*em anos

Além das estatísticas básicas da distribuição, as respostas dos entrevistados foram agregadas em intervalos, permitindo analisar os de maior interesse. Assim, foram definidos intervalos de tamanhos diferentes, cuja amplitude deve ser levada em conta ao ser analisada a proporção de pessoas que se encontram em cada um deles.

Os resultados para os intervalos que agruparam o tempo de rua são apresentados na tabela 8.5 e no Gráfico 8.1, com a respectiva proporção de moradores de rua em cada um deles.

Tabela 8.5 - Tempo de rua*, por intervalos
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

Tempo de rua	%
até 6 meses	18,8
de 6 meses a 1 ano	10,3
de 1 ano a 1,5 ano	2,0
de 1,5 a 2 anos	8,9
de 2 anos a 3	8,7
de 3 anos a 5	12,1
mais de 5 anos	39,2
Total	

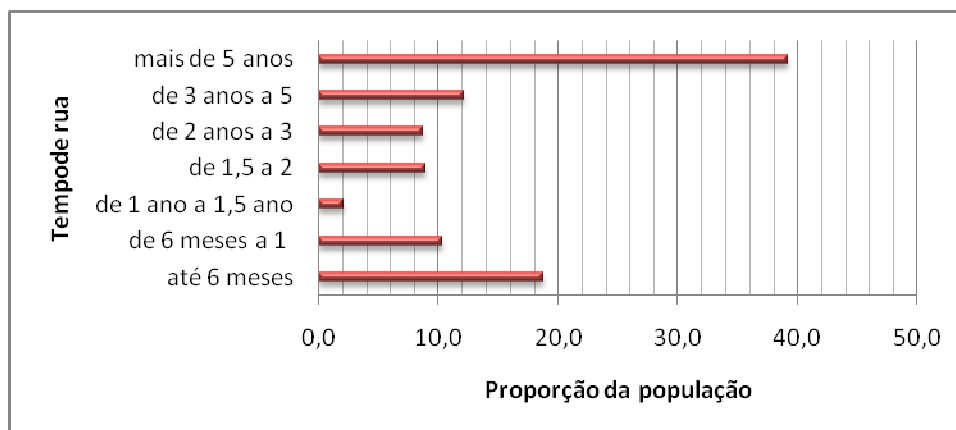
*em anos

As estatísticas sobre a variável Tempo de Rua permitem algumas observações. Chama atenção, primeiramente, a existência de muitas pessoas (25%) que se encontram há mais de 10 anos na rua. Sob o ponto de vista de políticas públicas dirigidas a essa população, o tempo de permanência nas ruas, assim se supõe, é fator que dificulta a saída mediante reinserção no mercado de trabalho: as habilidades e os ofícios adquiridos antes de chegar às ruas vão se perdendo²⁴, tornando-se mais árdua a tarefa de requalificação. Pelo mesmo raciocínio, as pessoas que chegaram às ruas há menos de um ano desfrutam de condições mais favoráveis de reinserção. Essas afirmações são conjecturas amparadas pelas evidências colhidas junto a técnicos que trabalham com a população e outras evidências da pesquisa realizada. Os dados apresentados permitem estimar a magnitude desses grupos e pode se constituir em ponto de partida para pesquisas específicas sobre a relação entre tempo de rua e possibilidades de reinserção no mercado de trabalho.

Entre os extremos mencionados acima, distribui-se um *continuum* de tempo de rua, que vai de um mínimo de 1 ano até 10 anos. As conjecturas para esse grupo são mais difíceis de serem formuladas, exceto a mais óbvia das hipóteses: quanto maior o tempo de rua, mais difícil se torna a saída.

²⁴ Ver item 4 do presente relatório – Renda e Trabalho, onde são descritas as atividades de trabalho exercidas na rua.

Gráfico 8.1 - Tempo de rua, por intervalos
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010



- *Tempo de rua em 2000 e em 2010*

A comparação dos dados obtidos em 2000 e 2010 mostra uma significativa estabilidade do tempo médio de rua. Como a média é medida de posição bastante sensível a valores extremos, é oportuno o exame dos valores do primeiro quartil da distribuição, idênticos para os dois levantamentos, e bastante próximos para o terceiro quartil. A mediana é levemente superior em 2010, apontando para uma distribuição mais assimétrica neste ano.

Tabela 8.6 - Estatísticas do Tempo de Rua*, 2000 e 2010

Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010

Estatísticas	2000	2010
Média	5,4	5,8
Mediana	3	4
Valor mínimo	0,08	0,08
Valor máximo	60	30
Primeiro quartil	1	1
Terceiro quartil	8	10
Número de	400	496

*em anos

8.3. IDADE COM QUE CHEGOU ÀS RUAS

As informações sobre idade e tempo de rua possibilitam o cálculo da idade com a qual se tornou morador de rua. Assim, subtraindo o tempo de rua da idade declarada pelos entrevistados, obtém-se a variável “idade com que se tornou morador de rua”. As estatísticas para essa variável, considerando toda a população, é apresentada na Tabela 8.7.

**Tabela 8.7 - Idade com que se tornou morador de rua
Moradores de Rua na Área Central de São Paulo, 2010**

Estatísticas	Anos
Média	34
Mediana	33
Valor mínimo*	3
Valor máximo	72
Primeiro quartil	25
Terceiro quartil	43
Número de	502

* Foi excluído um entrevistado que nasceu na rua. O valor mínimo, caso fosse incluído, seria zero.

As estatísticas da Tabela 8.7 revelam que as pessoas tornaram-se moradores de rua com idade média de 34 anos, no auge da capacidade física e produtiva. Alguns seguiram esse caminho mais tardiamente: 25% da população entraram nas ruas com mais de 43 anos. Por outra parte, há pessoas que chegaram precocemente às ruas, três anos²⁵. O contraponto à entrada precoce é a incrível constatação de que há pessoas tornando-se morador de rua aos 72 anos de idade.

²⁵ Trata-se de uma mulher, preta, que está hoje com 22 anos. Está na rua, portanto, há 19 anos.

ANEXO I - TABELAS

APRESENTAÇÃO

As tabelas que constam do Anexo complementam as informações apresentadas no corpo do relatório e são numeradas em conformidade aos respectivos itens a que se refere o conteúdo. Não constam tabelas para os itens 1 (Introdução), 3 (Família e Vínculos Familiares Atuais) e 8 (Tempo de rua).

2. CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA

2.1 Idade, sexo e cor

Tabela 2.1

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Idade

Faixa Etária	Frequência	%
18 a 25	68	12,9
26 a 35	128	24,3
36 a 45	157	29,8
46 a 55	115	21,9
56 a 60	27	5,1
61 e mais	31	5,9
Total	526	100

Tabela 2.2

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Sexo

Sexo	Frequência	%
Feminino	73	13,9
Masculino	453	86,1
Total	526	100,0

Tabela 2.3

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Cor

Cor	Frequência	%	%	%
Branca	188	35,7	35,7	35,7
Preta	177	33,7	33,7	69,4
Parda	158	30,0	30,0	99,4
Amarela	1	0,2	0,2	99,6
Indígena	2	0,4	0,4	100
Total	526	100	100	

2.2 Escolaridade

Tabela 2.4*

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Leitura e Escrita

Escolaridade	Feminino		Masculino		Total	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Analfabeto	5	6,9	44	9,9	49	9,5
Sabe ler e	67	93,1	399	90,1	466	90,5
Total	72	100	443	100	515	100

*Não inclui 11 casos sem informação

Tabela 2.5*

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Grau de Escolaridade por Sexo

Nível de escolaridade	Feminino		Masculino		Total	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Fundamental de 1ª a 4ª Série	16	22,9	96	23,5	112	23,4
Fundamental de 1ª a 4ª Série	11	15,7	51	12,5	62	12,9
Fundamental de 5ª a 8ª Série	21	30,0	106	25,9	127	26,5
Fundamental de 5ª a 8ª Série	5	7,1	67	16,4	72	15,0
Médio Incompleto (Colegial)	7	10,0	36	8,8	43	9,0
Médio Completo (Colegial)	6	8,6	37	9,0	43	9,0
Superior Incompleto	2	2,9	9	2,2	11	2,3
Superior Completo	2	2,9	7	1,7	9	1,9
Total	70	100,0	409	100,0	479	100,0

*Não inclui 42 respostas dos que afirmaram não ter freqüentado escola e 5 sem informação.

2.4 Comparação com pesquisas de outras localidades

Tabela 2.6

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Comparação com outras localidades

Cidades	Data realização	Sexo		Cor		Faixa etária*
		Masculino	Feminino	Branca	Não Branca	
		%	%	%	%	
São Paulo	2010	86,1	13,9	35,7	64,3	54,2
Censo Nacional	2008	82,0	18,0	29,5	67,0	53,0
Belo Horizonte	2005	85,2	14,2	nd	nd	45,1
Porto Alegre	2007	81,8	18,2	32,1	67,9	52,1
Santos	2009	89,5	10,5	35,6	64,4	54,9

Idade:*Faixas etárias: de 26 a 45 anos: São Paulo; de 25 a 44 anos: Porto Alegre e cidades incluídas no Censo Nacional; de 24 a 45 anos: Belo Horizonte; de 30 a 49 anos: Santos.

2.6 Tempo de Moradia em São Paulo

Tabela 2.7*

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Tempo de Permanência em São Paulo

Anos	Moradores de rua migrantes			
	Vieram uma única vez		Vieram mais de uma vez	
	Frequência	%	Frequência	%
1 ano	43	15,5	31	33,3
2 a 5 anos	40	14,4	21	22,6
6 a 10 anos	44	15,8	16	17,2
11 a 20 anos	57	20,5	19	20,4
21 anos e mais	94	33,8	6	6,5
Total	278	100,0	93	100,0

*Não inclui um caso sem informação dos que vieram uma única vez e 11 casos sem informação dos que vieram mais de uma vez.

4. ALTERNATIVAS DE PERNOITE E MORADIA ANTERIOR

Tabela 4.1

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Distribuição da população por Estados da Federação em que ficava a última residência fixa

		%	% Válida
ALAGOAS (NE)	3	0,6	1,4
AMAPÁ (N)	1	0,2	0,5
AMAZONAS (N)	1	0,2	0,5
BAHIA (NE)	10	1,9	4,8
CEARÁ (NE)	3	0,6	1,4
DISTRITO FEDERAL (CO)	3	0,6	1,4
GOIÁS (CO)	1	0,2	0,5
ESPÍRITO SANTO (SE)	1	0,2	0,5
MARANHÃO (NE)	1	0,2	0,5
MATO GROSSO (CO)	1	0,2	0,5
MATO GROSSO DO SUL	2	0,4	1,0
MINAS GERAIS (SE)	16	3,0	7,7
PARÁ (N)	1	0,2	0,5
PARAÍBA (NE)	1	0,2	0,5
PARANÁ (S)	10	1,9	4,8
PERNAMBUCO (NE)	8	1,5	3,9
PIAUI (NE)	1	0,2	0,5
RIO DE JANEIRO (SE)	10	1,9	4,8
SÃO PAULO (SE)	126	24,0	60,9
SANTA CATARINA	4	0,8	1,9
OUTRO PAÍS	3	0,6	1,4
Total	207	39,4	100,0
Sem Inf/Não sabe	3	0,6	
Município de São Paulo	316	60,0	
Total	319	60,6	
Total geral	526	100,0	

Tabela 4.2

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Distribuição da última moradia em área urbana por tipo de domicílio e município em que se localizava

Tipo de domicílio na área urbana	Localização da última moradia em área urbana				Total	
	Município de São Paulo		Outros municípios			
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Domicílio	266	60,7	172	39,3	438	
Domicílio	44	88,0	6	12,0	50	100,0
Outro	6	46,2	7	53,9	13	100,0
Total (*)	316	63,1	185	36,9	501	100,0

Tabela 4.3

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Distribuição da última moradia da população, por tipo de habitação

Tipo de habitação	Frequência	%	% Válida
Em favela	89	16,9	17,0
Fora de favela	350	66,5	67,0
Em Pensão-hotel	25	4,8	4,8
Em Cortiço/ Cômmodo	25	4,8	4,8
Em área rural	20	3,8	3,8
Outro	13	2,5	2,5
Total	522	99,2	100,0
Sem informação	4	0,8	
Total geral	526	100,0	

Tabela 4.4

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Distribuição da população segundo composição familiar na última moradia fixa em 2000

Composição familiar	Frequência	%	% válida
Membros da família	233	70,8%	86,0%
Pessoas sem parentesco	35	10,6%	12,9%
Membros da família e pessoas sem parentesco	3	0,9%	1,1%
Total	271	82,4%	100,0%
Total dos que viviam sós	51	15,5%	
Sem informação	7	2,1	
Total	329	100,0%	

Tabela 4.5

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Distribuição da população de acordo com quem morava na última moradia fixa, em 2000

(Respostas múltiplas)

Com quem morava na última residência	Frequência	%
Cônjuge	121	37,6%
Pais	81	25,2%
Irmão	63	19,6%
Amigos	26	8,1%
Filhos	74	23,0%
Outra	7	2,2%
Tios primos sobrinhos avós cunhados	25	7,8%
Patrões	5	1,6%
Total de respondentes		100,0%

5. TRABALHO E RENDA

Tabela 5.1

Moradores de rua da Área Central de São Paulo, 2010

Ocupação Principal antes de ir para a rua por Grupos Etários

Ocupação principal antes de morar na rua	Grupos etários			Total
	18 a 30	31 a 49	50 e mais	
Serviços domiciliares, limpeza, restaurantes e assemelhados	19	37	15	71
	14,4%	14,3%	12,0%	13,8%
Serviços de segurança, zeladoria e portaria	-	11	3	14
	-	4,2%	2,4%	2,7%
Comércio informal / serviço de rua	20	31	14	65
	15,2%	12,0%	11,2%	12,6%
Comércio formal	9	18	7	34
	6,8%	6,9%	5,6%	6,6%
Serviços na área de transporte	2	6	7	15
	1,5%	2,3%	5,6%	2,9%
Serviços técnicos /administrativos	13	37	17	67
	9,8%	14,3%	13,6%	13,0%
Ajudante geral sem especificação	15	7	2	24
	11,4%	2,7%	1,6%	4,7%
Nunca Trabalhou	11	6	1	18
	8,3%	2,3%	,8%	3,5%
Construção civil	26	80	40	146
	19,6%	30,9%	32,0%	28,3%
Sem informação da ocupação	9	9	3	21
	6,8%	3,5%	2,4%	4,1%
Trabalho rural	6	7	6	19
	4,5%	2,7%	4,8%	3,7%
Indústria	2	10	10	22
	1,6%	3,9%	8,0%	4,3%
	132	259	125	516
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 5.2
Moradores de rua da Área Central de São Paulo, 2010
Recebimento de Benefícios por Faixa Etária

Benefício	Faixa Etária						Total
	18 a 25	26 a 35	36 a 45	46 a 55	56 a 60	61 ou mais	
Aposentadoria-Pensão	-	-	1	3	3	4	11
%	-	-	0,6	2,6%	11,1	12,9	2,1
BPC	-	-	-	2	-	2	4
%	-	-	-	1,7	-	6,5	0,8
Seguro Desemprego	-	-	-	1	-	-	1
%	-	-	-	0,9	-	-	0,2
Bolsa família	-	-	2	-	1	-	3
%	-	-	1,3	-	3,7	-	0,6
Outro	-	2	10	1	-	-	13
%	-	1,6	6,5	0,9	-	-	2,5
Não recebe nenhum	68	125	142	108	23	25	491
%	100	98,4	91,6	93,9	85,2	80,6	93,9
Total	68	127	155	115	27	31	523
%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Tabela 5.3
Moradores de rua da Área Central de São Paulo, 2010
Número de Atividades Realizadas para Obtenção de Renda

Número de atividades realizadas para obtenção de renda	Frequência	%
Uma	366	69,6
Duas	114	21,7
Três ou mais	25	4,8
Não faz nada	21	3,9
Total	526	100,0

Tabela 5.4

Moradores de rua da Área Central de São Paulo, 2010
Atividade de Trabalho para Obtenção de Renda 2010 e 2000

Geralmente, o que faz para ganhar dinheiro 2010	2010 %	2000 %
Cata materiais recicláveis	62,1	62,5
Lava-guarda carros-flanelinha	12,9	17,6
Carga e descarga	10,9	18,8
Vendedor (doces, frutas, amendoim, flores, jornais)	8,5	9,7
Construção civil-pedreiro	6,9	1,7
Limpeza-Faxina	1,6	
Distribui panfletos	0,9	3,4
Sem informação da atividade	18,5	9,7
Respostas	122,7	113,1
Respondentes	100,0 (431)*	100,0 (176)

* excluídos os que só pedem (74) e não fazem nada (21)

6. SAÚDE E SERVIÇOS

6.1 Problemas de saúde e atendimento pelos serviços

Tabela 6.1

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Problema de Saúde que teve na rua em 2000 e 2010

Problema de saúde	2000		2010	
	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum Problema	104	31,7	243	46,2
Algum problema	215	65,3	279	53,0
Sem informação	10	3,0	4	0,8
Total	329	100,0	526	100,0

Tabela 6.2

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
O que fez para Resolver o Problema de Saúde em 2000 e 2010

O que fez para resolver o problema	2000	2010
	%	%
Pronto Socorro,Hospital	62,3	50,0
Posto de Saúde	5,7	21,6
Nada, foi socorrido	22,6	9,9
Nada o problema continua	-	9,6
Agente de saúde, CRATOD, CAPS AD	-	4,9
Nada, problema desapareceu	4,7	3,9
Igreja/Família	0,9	1,8
Casa de Convivência/Entidade social	1,9	0,4
Outros	4,2	9,6
Total de respostas	102,3	111,7
Total de respondentes	212	282

6.2 Uso de substâncias psicoativas - álcool e drogas

Tabela 6.3

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010

Uso de Álcool e Drogas por Cor/Raça

Uso de álcool e drogas	Branco		Não branco		Total	
	Frequênci	%	Frequênci	%	Frequênci	%
Não usa álcool ou droga	50	26,7	84	24,9	134	25,6
Usa somente álcool	78	41,7	116	34,4	194	37,0
Usa somente droga	16	8,6	35	10,4	51	9,7
Usa droga e álcool	43	23,0	102	30,3	145	27,7
Total	187	100,0	337	100,0	524	100,0

Tabela 6.4
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Uso de Álcool e Drogas por Sexo

Uso de álcool e drogas	Feminino		Masculino		Total	
	Frequênci a	%	Frequênci a	%	Frequênci a	%
Não usa álcool ou droga	39	54,2	95	21,0	134	25,6
Usa somente álcool	15	20,8	179	39,6	194	37,0
Usa somente droga	5	6,9	46	10,2	51	9,7
Usa droga e álcool	13	18,1	132	29,2	145	27,7
Total	72	100,0	452	100,0	524	100,0

Tabela 6.5
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Uso de Álcool e Drogas por Faixa Etária

Uso de álcool e droga	Faixa etária				Total
	18 a 25	26 a 40	41 a 55	56 e	
Não usa álcool ou droga	9	44	57	24	134
	13,4%	21,2%	29,8%	41,4%	25,6%
	8	64	93	29	194
	11,9%	30,8%	48,7%	50,0%	37,0%
	15	24	9	3	51
	22,4%	11,5%	4,7%	5,2%	9,7%
	35	76	32	2	145
	52,2%	36,5%	16,8%	3,4%	27,7%
Total	67	208	191	58	524
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 6.6

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Uso de Substâncias por Tipo e Faixa Etária (respostas múltiplas)

Tipo de substância	Faixa etária				Total
	18 a 25	26 a 40	41 a 55	56 e	
Cigarro	55	152	133	32	372
%	82,1	73,1	69,6	55,2	71,0
Bebida alcoólica	42	142	125	32	341
%	62,7	68,3	65,4	55,2	65,1
Maconha	28	61	17	4	110
%	41,8	29,3	8,9	6,9	21,0
Cola	7	2	3	0	12
%	10,4	1,0	1,6	0	2,3
Loló	2	1	1	0	4
%	3,0	0,5	0,5	0	0,8
Tinner	3	2	1	0	6
%	4,5	1,0	0,5	0	1,1
Crack	43	72	27	1	143
%	64,2	34,6	14,1	1,7	27,3
Cocaína (pó)	19	33	10	0	62
%	28,4	15,9	5,2	0	11,8
Outra substância	1	4	0	0	5
	1,5	1,9	0	0	1,0
Não usa	4	21	23	11	59
	6,0	10,1	12,0	19,0	11,3
Respondentes	67	208	191	58	524
	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 6.7
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Uso de Álcool e Drogas antes de Morar na Rua

Uso de álcool e drogas	Frequência	%	%
Não usava álcool ou droga	122	23,2	23,3
Usava somente álcool	197	37,5	37,6
Usava somente droga	43	8,2	8,2
Usava droga e álcool	162	30,7	30,9
Total	524	99,6	100,0
Sem informação	2	0,4	
Total	526	100,0	

6.3 Instituições de internação

Tabela 6.8
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Internação em Alguma Instituição por Cor/Raça

Tipo de instituição	Cor/raça				Total	
	Branços		Não brancos			
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Sim	98	52,1	179	52,9	277	52,5
Não	90	47,9	159	47,1	249	47,5
Total	188	100,0	338	100,0	526	100,0

Tabela 6.9
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Internação em Alguma Instituição por Sexo

Tipo de instituição	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino			
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Sim	37	50,7	240	53,0	277	52,5
Não	36	49,3	213	47,0	249	47,5
Total	73	100,0	453	100,0	526	100,0

6.4 Instituições de Serviço e Convivência

Tabela 6.10

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Serviços Frequentados por Grupos Etários

Frequência a serviços	Grupos etários						Total	
	18 a 30 anos		31 a 49		50 e mais		Frequência	%
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%		
Sim	93	68,3	179	67,9	75	60,4	347	66,2
Não	43	31,7	85	32,1	49	39,5	177	33,8
Total	136	100,0	264	100,0	124	100,0	524	100,0

Tabela 6.11

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Serviços Frequentados por Tempo de Rua

Frequência a Serviços	Tempo de rua				Total	
	Até 2 anos		Mais de 2 anos		Frequência a	%
	Frequência a	%	Frequência a	%		
Sim	130	65,7	205	67,2	335	66,7
Não	68	34,3	100	32,8	168	33,3
Total	198	100,0	305	100,0	503*	100,0

*excluídos os sem informação sobre tempo de rua

Tabela 6.12
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Serviços Frequentados por Sexo

Frequência a Serviços	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino			
	Frequência a	%	Frequência a	%	Frequência a	%
Sim	50	68,5	297	65,9	347	66,2
Não	23	31,5	154	34,1	177	33,8
Total	73	100,0	451	100,0	524	100,0

Tabela 6.13
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Frequenta Igrejas por Sexo

Frequência a Igrejas	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino			
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Sim	50	68,5	234	51,9	284	54,2
Não	23	31,5	217	48,1	240	45,8
Total	73	100,0	451	100,0	524	100,0

Tabela 6.14
Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Frequenta Igrejas por Grupos Etários

Frequência a serviços	Grupos etários						Total	
	18 a 30 anos		31 a 49		50 e mais			
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Sim	66	48,5	144	54,5	74	59,6	284	54,2
Não	70	51,5	120	45,5	50	40,4	240	45,8
Total	136	100,0	264	100,0	124	100,0	524	100,0

7. CIDADANIA

Tabela 7.1

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Distribuição da população que sofreu e não sofreu violência na rua
2000

Sofreu violência na rua	Frequência	%	% Válida
Sim	196	59,6	60,9
Não	126	38,3	39,1
Total	322	97,9	100,0
Sem informação	7	2,1	
Total	329	100,0	100,0

Tabela 7.2

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Distribuição da população por violência e cor atribuída
2010

Cor atribuída	Sofreu algum tipo de violência				Total	
	Sim		Não			
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Branca	122	34,9	65	37,1	187	35,6
Preta	114	32,6	63	36,0	177	33,7
Parda	113	32,3	45	25,7	158	30,1
Amarela	0	0,0	1	0,6	1	0,2
Indígena	1	0,3	1	0,6	2	0,4
Total	350	100,0	175	100,0	525	100,0

Tabela 7.3

Moradores de rua na Área Central de São Paulo, 2010
Distribuição da população por sexo e violência em 2000

Sofreu violência	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Não	111	40,1	14	32,6	125	39,1
Sim	166	59,9	29	67,4	195	60,9
Total	277	100,0	43	100,0	320	100,0

**ANEXO II - DADOS REFERENTES A ADULTOS JOVENS, ADULTOS COM 50 ANOS E MAIS e MULHERES NO
CONJUNTO DA POPULAÇÃO DE RUA**

Tabela 1

	Proporção	Adultos jovens %	Adultos 50 anos e mais %	Mulheres %	População situação de rua (conjunto) %
Respondentes		136	126	73	526
	em 2010	25,9	24,0	13,9	-
	em 2000	18,2	16,9	13,8	-
IDADE, COR, SEXO E ESCOLARIDA DE	De mulheres	15,4	15,9	-	13,9
	De jovens	-	-	28,8	25,9
	De não brancos	72,8	52,4	74,0	64,3
	Dos que não freqüentaram escola	7,4	10,3	4,1	8,0
	Dos que estudaram além do ensino fundamental	27,9	13,6	24,2	20,3
ORIGEM	De nascidos na região metropolitana SP	43,2	19,5	48,6	33,3
	De paulistanos	32,8	19,4	40,3	27,4
	De migrantes de outros estados	35,8	66,1	31,9	53,8
FAMÍLIA E VÍNCULOS	Dos que tem filhos	45,9	59,7	72,6	59,1
	Dos que vivem com alguém na rua	42,6	23,0	47,9	33,1
	Dos que vivem com companheiro na rua	22,0	6,3	31,5	13,1
	Dos que vivem com filho na rua	1,4	0	2,7	0,7
	Dos que vivem com amigo na rua	19,8	15,0	20,5	19,3
	Dos que tem parentes em SP	61,0	57,6	64,4	61,3

	Proporção	Adultos jovens %	Adultos 50 anos e mais %	Mulheres %	População situação de rua (conjunto) %
	Dos que tiveram contato com parentes em SP nos últimos 6 meses	32,3	26,1	38,3	30,9
TEMPO DE RUA MORADIA ANTERIOR	Media de tempo de rua (anos)	3,9	9,2	6,3	6,3
	Dos que estão há até um ano na rua	38,9	19,2	33,3	28,8
	Dos que moravam em favela	24,8	8,7	16,4	17,0
	Dos que moravam em pensão e cortiço	2,3	15,8	9,6	8,3
	Dos que moravam com familiares na última residência fixa	81,3	61,6	73,0	72,4
	Dos que moravam com não parentes ou sozinhos na última residência fixa	18,7	38,4	27,0	27,6
TRABALHO E OBTENÇÃO DE RENDA E BENEFÍCIOS	Dos que trabalharam registrados antes de ir para rua	40,0	83,9	56,2	67,6
	Dos que coletam recicláveis	39,0	54,9	37,0	51,0
	Dos que pedem/achacam	47,8	27,0	39,7	29,2
	Dos que recebem algum benefício	0,0	10,4	6,8	4,0
SAÚDE E INTERNAÇÃO EM INSTITUIÇÕES	Dos que afirmam que não tiveram problema de saúde na rua	56,6	45,2	45,2	46,3
	Dos que usam alguma substância psicoativa	80,6	65,1	45,8	74,4
	Dos que fazem uso de álcool	67,2	61,1	38,9	64,7
	Dos que fazem uso de drogas	66,5	13,5	25,0	37,4
	Dos que fazem uso de crack	53,7	7,1	22,2	27,3
	Dos que fazem uso de maconha	40,3	7,1	16,7	21,0
	Dos que fazem uso de cocaína	22,4	2,4	8,3	11,8

	Proporção	Adultos jovens %	Adultos 50 anos e mais %	Mulheres %	População situação de rua (conjunto) %
	Dos que foram internados em instituições	70,6	30,2	50,7	52,5
	Dos que estiveram em Casa de detenção	36,8	14,3	19,2	26,8
	Dos que estiveram em clínica de recuperação	32,4	11,1	15,1	25,1
	Dos que estiveram na FEBEM	29,4	0,8	13,7	11,2
CIDADANIA	Dos que sofreram violência na rua	64,7	62,4	63,0	66,7
	Dos que sofreram violência de outros moradores	44,0	45,9	49,2	46,3
	Dos que sofreram violência da Polícia	36,5	21,3	19,7	27,8
	Dos que sofreram espancamento e briga	46,3	39,2	42,4	44,3
	Dos que sofreram roubo/furto	21,3	30,4	28,7	27,2
	Dos que sofreram violência sexual	2,2	0,8	8,2	2,3
	Dos que conhecem o Movimento MNPR	25,0	16,7	16,7	24,0

1. ADULTOS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA (até 30 anos)

O crescimento da proporção de adultos jovens (até 30 anos) na população de rua da cidade foi de aproximadamente 8% em relação a 2000. Hoje eles representam um quarto dos que vivem nas ruas da cidade (25,9%), enquanto que em 2000 eram 18,2%.

1.1 IDADE, SEXO, COR E ESCOLARIDADE

Apenas 28% destes jovens são brancos. A proporção de não brancos (72%) é bem mais alta do que a encontrada no conjunto da população de rua (64%). Em relação ao gênero não há diferença significativa em relação ao total, já que a proporção de mulheres no grupo jovem (15%) é bastante próxima do conjunto (13%).

Em relação à escolaridade, são poucas as diferenças em relação ao conjunto da população de rua: 7% não freqüentaram escola (para o total a proporção é de 8%). No entanto, é maior, entre os jovens, a proporção dos que possuem escolaridade mais alta: 27% foram além do ensino fundamental, um percentual superior ao encontrado nas faixas etárias mais altas e no conjunto da população de rua (20%).

1.2 ORIGEM

Quase metade destes jovens (43%) nasceu na região metropolitana de São Paulo, sendo que 32% são paulistanos. Esta proporção é bem maior do que a encontrada nas faixas etárias mais altas. Apenas 35% são migrantes vindos de outros estados.

1.3 FAMÍLIA E VÍNCULOS

45% destes jovens têm filhos mas não vivem com eles na rua. Apenas 1% declarou viver com filhos na rua. No entanto é mais freqüente neste grupo do que nas outras faixas etárias viver com alguém na rua: 42% declararam não estarem sozinhos na rua enquanto que para a população de rua o percentual é de 33%. Entre os jovens 22% declararam viver com companheiro (a) e 19% com amigos na rua.

A proporção dos que possuem parentes em SP entre os jovens é a mesma do conjunto da população (61%) assim como é semelhante a frequência do contato: 32% tiveram contato

com parentes na cidade nos últimos 6 meses (para o total da população de rua o percentual é de 30%).

1.4 TEMPO DE RUA E MORADIA ANTERIOR

A média de tempo na rua do grupo mais jovem é de 3,9 anos inferior ao conjunto da população 6,3 anos. Cabe observar que um grupo bastante significativo (39%) dos jovens são recentes na rua, ou seja, estão há até um ano nesta situação.

Grande parte dos jovens declarou que sua última moradia fixa era uma casa fora de favela (69%), mas chama a atenção que um quarto dos jovens (24,8%) disseram morar em favela na última moradia fixa. Trata-se de um percentual superior ao encontrado no conjunto (17%).

Na última residência 81% dos jovens morava como familiares, um percentual superior ao do conjunto (72%), sendo que 41% moravam com a família de origem, 20% com a família conjugal e 8% agregavam parentes da família de origem e da conjugal. 11% moravam com outros parentes. O grupo que não morava com familiares corresponde a 18%, sendo que 12% moravam com outras pessoas e 6% sozinhos.

1.5 TRABALHO E OBTENÇÃO DE RENDA E BENEFÍCIOS

O emprego formal não faz parte da experiência de mais da metade destes jovens. Apenas 40% tiveram um trabalho registrado antes de ir para rua, uma proporção bem menor do que o de outras faixas etárias e do conjunto dos moradores de rua (67%).

Atualmente 39% catam materiais recicláveis para obter renda (no conjunto 51% realiza esta atividade) e 47% pedem esmolas, uma proporção bem mais alta do que a encontrada para o total de moradores de rua (29%).

Nenhum jovem recebe algum tipo de benefício como salário desemprego, bolsa família ou BPC.

1.6 SAÚDE E INTERNAÇÃO EM INSTITUIÇÕES

Mais da metade dos jovens considera que não teve problema de saúde na rua (56%), um percentual mais alto do que o encontrado no conjunto (46%).

Grande parte dos jovens adultos de rua (80%) faz uso de substâncias psicoativas – álcool, drogas ou ambos. O uso é mais acentuado do que nos outros grupos etários. Para o conjunto da população de rua a proporção do uso é de 74%.

O uso de drogas é bem mais alto entre os jovens (66%) do que no conjunto da população de rua (37%). Mais da metade dos jovens até 30 anos (53%) utiliza o crack, (64% entre os que têm até 25 anos), 40% fazem uso de maconha e 20% de cocaína, sendo que muitas vezes o usuário combina várias drogas. Além disto, quase a metade dos jovens (47%) associa o uso de drogas ao consumo de álcool.

O histórico institucional dos jovens mostra que grande parte deles (70%) passaram por alguma internação, uma proporção bem maior do que a encontrada no conjunto da população de rua (52%). 36% estiveram em Casa de Detenção, 32% em Clínica de recuperação de álcool e drogas e 22% na FEBEM.

1.7 CIDADANIA

A proporção de jovens que sofreram violência na rua é bastante significativa (64%) ainda que seja próxima do encontrado para o conjunto (66%). Os jovens sofreram violência nas ruas principalmente por parte de outros moradores de rua (44%) e da polícia (36%). No caso da polícia a proporção de agressões é maior do que para o conjunto (27%). Com relação ao tipo de agressão, quase a metade 46% sofreu espancamento, uma proporção próxima do conjunto (44%) e 21% sofreu roubo ou furto.

25% dos jovens conhecem o Movimento Nacional de População em situação de Rua.

2. ADULTOS EM SITUAÇÃO DE RUA COM 50 ANOS OU MAIS

O crescimento da proporção de pessoas em situação de rua com 50 anos e mais foi de aproximadamente 7% em relação a 2000. Hoje eles representam aproximadamente um quarto dos que vivem nas ruas da cidade (24%), enquanto que em 2000 eram 16,9%.

Quase a metade deste grupo é formado por brancos (47%) A proporção é bem mais alta do que a encontrada no conjunto da população de rua (35%). Em relação ao gênero não há diferença significativa em relação ao total, já que a proporção de mulheres no grupo (15%) é bastante próxima do conjunto (13%).

A escolaridade dos mais velhos é mais baixa do que os grupos etários mais jovens, apenas 13% foi além do ensino fundamental, uma proporção bem menor do que a existente no conjunto (20%) e principalmente da encontrada entre os mais jovens (27%).

2.1 ORIGEM

Entre o grupo mais velho da população de rua predominam os migrantes vindos de outros estados (66%) sendo que apenas 19% nasceram na região metropolitana de São Paulo, um percentual bastante inferior ao encontrado entre os jovens (43%)

2.3 FAMÍLIA E VÍNCULOS

59% das pessoas deste grupo têm filhos, mas não vivem com eles na rua. 77% vivem sozinhos na rua, uma proporção maior do que a encontrada no conjunto da população de rua (66%). Apenas 6% declararam viver com companheira(o) (a proporção entre os que têm até 30 anos é de 22%).

A proporção dos que possuem parentes em SP entre os mais velhos (57%) não apresenta diferenças significativas em relação à encontrada no conjunto da população (61%), o mesmo ocorrendo em relação à frequência do contato com estes parentes: 26% tiveram contato com parentes na cidade nos últimos 6 meses (para o total da população de rua o percentual é de 30%).

2.4 TEMPO DE RUA E MORADIA ANTERIOR

A média de tempo na rua do grupo mais velho é de 9,2 anos superior ao conjunto da população 6,2 anos. Cabe observar que mais da metade deste grupo (55%) está na rua há 5 anos ou mais (para o conjunto o percentual é de 40%)

Assim como nos outros grupos etários, entre os mais velhos a maioria declarou que a última moradia fixa era uma casa fora de favela (69%), mas chama a atenção que 18% deles disseram morar em cortiços ou pensões. Um percentual superior ao encontrado no conjunto (8%).

Entre os mais velhos há uma proporção bastante significativa (38%) de pessoas que, na última residência fixa, já viviam sem os familiares (38%), uma proporção superior a encontrada no conjunto (27%). Cabe observar que no grupo dos que têm 50 anos e mais 24% viviam sozinho, percentual superior ao encontrado no conjunto (16%). Este dado parece esclarecer que exista uma maior proporção de moradores de pensões /cortiços na última residência entre os mais velhos.

Em relação aos que viviam com familiares tem-se que, entre os mais velhos, 32% viviam com a família conjugal e 20% com a família de origem.

2.5 TRABALHO E OBTENÇÃO DE RENDA E BENEFÍCIOS

Diferentemente de outras faixas etárias, o emprego formal faz parte da experiência da grande maioria das pessoas de rua com 50 anos e mais (83%) antes de ir para rua, sendo que a maior incidência recai sobre o setor de construção civil (32%).

Atualmente mais da metade (54%) cata materiais recicláveis para obter renda (no conjunto 51% realiza esta atividade) e 27% pedem esmolas, uma proporção semelhante a encontrada para o total de moradores de rua (29%).

Entre os mais velhos apenas 10% recebe algum tipo de benefício: 7% aposentadoria, 2,4% BPC e 0,8 bolsa família.

2.6 SAÚDE E INTERNAÇÃO EM INSTITUIÇÕES

Mais da metade dos que têm 50 anos ou mais (54%) se referiu à existência de problema de saúde na rua, ou seja, 45% consideram que não têm nenhum problema, uma proporção semelhante a encontrada para o conjunto.

Parte significativa deste grupo (65%) faz uso de substâncias psicoativas – álcool, drogas ou ambos ainda que em proporção menor do que no conjunto da população de rua (74%).

Nesta faixa etária o uso do álcool é bem maior (61%) do que o uso de drogas. Apenas 13% declararam fazer uso de drogas, enquanto que no conjunto da população de rua a proporção é de 37%. No entanto, quando se trata de uso exclusivo do álcool os percentuais maiores são encontrados neste grupo. Mais da metade (51%) usa exclusivamente álcool (a proporção para o conjunto dos que usam exclusivamente álcool é de 37%)

No grupo de pessoas mais velhas é onde se encontram os menores índices de internação em instituições (30%) quando se compara com o conjunto (52%). As mais frequentes são casas de detenção, por onde passaram 14% dos com mais de 50 anos e clínicas de recuperação de álcool e drogas onde estiveram 11%.

2.7 CIDADANIA

As pessoas com mais de 50 anos que estão na rua estão expostas à violência tanto quanto os outros grupos etários. 62% declararam ter sofrido violência na rua principalmente de outros moradores de rua(45%) e da polícia (21%), tendo sido espancados (39%) ou roubados (30%)

Conhecem o Movimento Nacional de População de Rua apenas 16% dos com mais de 50 anos.

3. MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA

A proporção de mulheres na população de rua da cidade em 2010 (13%) manteve-se constante em relação a 2000.

A média de idade das mulheres é 40 anos, a mesma do grupo masculino. No entanto, em relação à cor há diferenças. A proporção de não brancas (74%) entre as mulheres é bem mais alta do que a encontrada no conjunto da população de rua (64%) e no grupo masculino (62%).

As mulheres apresentam uma escolaridade ligeiramente superior a do conjunto da população de rua: apenas 4% não freqüentaram escola (para o total a proporção é de 8%). Pro outro lado, é ligeiramente maior, entre as mulheres, a proporção das que possuem escolaridade mais alta: 24% foram além do ensino fundamental, um percentual superior ao encontrado no conjunto da população de rua (20%).

3.1 ORIGEM

Assim como os jovens, quase metade das mulheres (48%) nasceram na região metropolitana de São Paulo, sendo que 40% são paulistanas. Esta proporção é bem maior do que a encontrada no conjunto da população de rua (33%). No grupo feminino apenas 31% são migrantes vindas de outros estados, enquanto que no conjunto o percentual é de 53%.

3.2 FAMÍLIA E VÍNCULOS

72% das mulheres têm filhos sendo que mais da metade (58%) tem mais do que um. No entanto, apenas 2% delas declararam viver com eles na rua. Mas quase a metade (47%) declarou viver com alguém na rua: 31% com companheiro e 20% com amigo, um percentual mais alto do que o encontrado no conjunto da população em que 33% vivem com alguém na rua e 13% vive com companheiro(a). É possível que o acompanhamento de uma figura masculina seja uma estratégia de proteção utilizada pelas mulheres para permanecer na rua.

No grupo feminino, a proporção das que possuem parentes em SP (64%) é muito semelhante a da população total (61%). Em relação à frequência do contato com parentes 38% afirmaram ter contato com parentes na cidade nos últimos 6 meses (para o total da população de rua o percentual é de 30%).

3.3 TEMPO DE RUA E MORADIA ANTERIOR

A média de tempo na rua das mulheres é a mesma encontrada para o conjunto da população: 6,23 anos .

Antes de ir para rua a grande maioria das mulheres morava com familiares (79,2%) um percentual superior ao do conjunto (72%). 37% viviam com a família conjugal, 25% com a família de origem e 12% agregavam familiares da família de origem e da família conjugal. Entre as que não viviam com parentes 11% residiam com outras pessoas e 9% sós. No conjunto, os que viviam sozinhos eram 16%.

3.4 TRABALHO E OBTENÇÃO DE RENDA E BENEFÍCIOS

Pouco mais da metade das mulheres tiveram um trabalho registrado (56%) antes de ir para a rua, uma proporção inferior ao do conjunto da população (67%). A ocupação principal de trabalho das mulheres antes de ir para a rua era o de serviços domiciliares e de limpeza, onde sobressai o emprego doméstico.

Atualmente um grupo significativo delas 39% pede esmolas, uma proporção mais alta do que a encontrada para o total de moradores de rua (29%). 37% catam materiais recicláveis.

De forma semelhante ao encontrado no conjunto da população de rua, 93% das mulheres não recebe nenhum tipo de benefício como salário desemprego, BPC, aposentadoria. Apenas 6% declararam receber algum benefício.

3.5 SAÚDE E INTERNAÇÃO EM INSTITUIÇÕES

45% das mulheres consideram que não têm nenhum problema de saúde desde que estão na rua, uma proporção semelhante a encontrada para o conjunto.

A proporção de mulheres que usam algum tipo de substância psicoativa – álcool, drogas ou ambos (45%) é bem menor do que o conjunto (74%). 38% fazem uso de álcool e 25% de drogas. 22% declararam fazer uso de crack e 16% de maconha.

Metade das mulheres foi internada em alguma instituição, não apresentando diferença em relação ao conjunto da população (52%). 19% passaram por casa de detenção, 15% por clínica de recuperação e 13% estiveram na Febem.

3.6 CIDADANIA

A violência na rua afeta igualmente homens e mulheres. 63% das mulheres afirmaram ter sofrido violência nas ruas: 49% por parte de outros moradores de rua, 19% da polícia. Quanto ao tipo de agressão, 42% referiram-se a espancamento e briga, 28% a roubo ou furto. 8% das mulheres declararam ter sofrido violência sexual na rua, uma proporção maior do que a encontrada no conjunto 3,4%.

A proporção de mulheres que conhece o Movimento Nacional de População de Rua (16%) é menor do que a encontrada no conjunto (24%).

ANEXO III - INSTRUMENTO DE COLETA DAS INFORMAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO FIPE/SMADS, 2010

# Quest.	Data	Entrevistador	Início:
Roteiro	Endereço		Distrito

QUESTÕES FILTRO (SOMENTE PARA PESSOAS COM MAIS DE 17 ANOS DE IDADE)

1. Quantos anos você tem? _____ Caso não se lembre pergunte: Em que ano você nasceu? _____	QF01
2. Onde você dormiu ontem? NÃO LER AS ALTERNATIVAS	QF02
<input type="checkbox"/> 1. Albergue/Abrigo <input type="checkbox"/> 2. Rua/prça/parque <input type="checkbox"/> 3. Casa de amigos/parentes <input type="checkbox"/> 4. Baixos de viaduto <input type="checkbox"/> 5. Alojamento <input type="checkbox"/> 6. Na própria casa <input type="checkbox"/> 7. Pensão/hotel <input type="checkbox"/> 8. Imóvel abandonado/terreno <input type="checkbox"/> 9. Mocó <input type="checkbox"/> 10. Outro Local _____	
3. Onde você dormirá hoje? (utilize os códigos da questão 2) _____	QF03
4. Onde você costuma dormir? (utilize os códigos da questão 2) (respostas múltiplas) _____	QF04

I – IDENTIFICAÇÃO

1. Onde você nasceu: Município: _____ Estado _____ Outro país _____	P01A
	P01B
SE NÃO PAULISTANO 2. Quando veio morar na cidade de São Paulo? 1ª. Vez _____ (tempo/data) Última vez _____ (tempo/data) ↓ NO CASO DE TER SAÍDO DE SÃO PAULO E RETORNADO	P02A
	P02B

II - FAMÍLIA E VÍNCULOS FAMILIARES ATUAIS

<p>3. Você tem filhos?</p> <p>(0) Não</p> <p>Sim. Quantos _____</p> <p>(90). Sim, mas não declarou quantos</p>	P03
<p>4. Atualmente você tem companheira (o) ou esposa (o)? (LER ALTERNATIVAS)</p> <p>(1) Sim</p> <p>(2) Não, mas já teve</p> <p>(3) Nunca teve</p>	P04
<p>5. E você vive com alguém na rua? (Família, companheiro (a), amigos)</p> <p>(1) Sim</p> <p>(2) Não (PULE PARA Q.7)</p>	P05
<p>6. Com quem você vive? (RESPOSTA MÚLTIPLA)</p> <p>(1) Companheira/o</p> <p>(2) Filho</p> <p>(3) Pai</p> <p>(4) Mãe</p> <p>(5) Outro membro da família</p> <p>(6) Amigo</p> <p>(7) Outro</p>	P06
<p>7. Você tem parentes na cidade de São Paulo que não vivem com você na rua?</p> <p>(1) Sim</p> <p>(2) Não (PULE PARA A Q.9)</p>	P07
<p>8. Quando foi a última vez que você teve contato com eles?</p> <p>Data ou tempo: _____</p>	P08

III - RUA E ALBERGUE

<p>9. Você já dormiu em albergue? (1) Sim (2) Não (PULE PARA A QUESTÃO 11)</p>	P9
<p>10. Antes da primeira vez que dormiu em albergue, você já tinha dormido na rua? (1) Sim (2) Não</p>	P10
<p>11. Na última semana, você tentou conseguir vaga em algum albergue? (1) Não procurou (2) Procurou e conseguiu (3) Procurou e não conseguiu Por quê? _____</p>	P11

IV - MORADIA ANTERIOR

VOU FAZER ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE A ÚLTIMA VEZ QUE VOCÊ TEVE CASA PARA MORAR

<p>12. Quando foi que você deixou de ter uma casa para morar? Tempo ou data _____</p>	P12
<p>13. Foi quando saiu dessa casa que passou a morar na rua? (1) Sim (PULE PARA A QUESTÃO 16) (2) Não</p>	P13
<p>14. Então, onde foi morar? RESPOSTA MÚLTIPLA (1) Casa de amigos (2) Casa de companheira (o) (3) Casa de parentes (4) Pensão/hotel (5) Local de trabalho (6) Casa de detenção (7) FEBEM (8) Orfanato/asilo (9) Local para tratamento de saúde (10) Outro. Qual _____</p>	P14

<p>21. Nessa casa, você morava:</p> <p>(1) Sozinho (PASSE PARA QUESTÃO 23)</p> <p>(2) Com outras pessoas</p>	
<p>22. Com quem morava nessa casa? (RESPOSTA MÚLTIPLA)</p> <p>(1) Pai</p> <p>(2) Mãe</p> <p>(3) Irmãos</p> <p>(4) Padrasto/madrasta</p> <p>(5) Companheiro/cônjuge</p> <p>(6) Filhos</p> <p>(7) Outros parentes</p> <p>(8) Outras pessoas sem relação de parentesco</p>	P22

V – TRABALHO E RENDA

<p>23. Antes de morar na rua qual era seu principal trabalho?</p> <p>_____</p>	P23
<p>24. Você já trabalhou com registro em carteira?</p> <p>(1) Sim</p> <p>(2) Não (PASSE PARA A Q. 26)</p>	P24
<p>25. Atualmente você está trabalhando registrado?</p> <p>(0) Sim</p> <p>(999) Não. Quanto tempo faz que deixou de trabalhar registrado ? (tempo, data) _____</p>	P25
<p>26. Você recebe algum destes benefícios?</p> <p>(1) Aposentadoria/Pensão</p> <p>(2) BPC (Benefício de prestação continuada)</p> <p>(3) Seguro Desemprego</p> <p>(4) Bolsa família</p> <p>(5) Outro Qual _____</p> <p>(6) Não recebe nenhum</p>	P26
<p>27. Você ganhou algum dinheiro hoje?</p> <p>(0) Não (PASSE PARA A PERGUNTA 29)</p> <p>Sim. Quanto? R\$ _____</p> <p>(9999) Sim, mas não sabe informar quanto</p>	P27

<p>28. Como você conseguiu esse dinheiro? (RESPOSTA MÚLTIPLA)</p> <ul style="list-style-type: none"> (1) Cata materiais recicláveis (2) Lava/guarda carros/flanelinha (3) Carga e descarga (4) Vendedor (doces, frutas, amendoim, flores, jornais) (5) Construção civil/pedreiro (6) Distribui panfletos (7) Limpeza/faxina (9) Pede/achaca (10) Outro. Qual _____ (11) Não fez nada 	<p>P28</p>
<p>29. Geralmente, o que você faz para conseguir dinheiro?</p> <ul style="list-style-type: none"> (1) Cata materiais recicláveis (2) Lava/guarda carros/flanelinha (3) Carga e descarga (4) Vendedor (doces, frutas, amendoim, flores, jornais) (5) Construção civil/pedreiro (6) Distribui panfletos (7) Limpeza/faxina (9) Pede/achaca (10) Outro. Qual _____ (11) Não faz nada 	<p>P 29</p>
<p>30. Você gastou algum dinheiro hoje?</p> <ul style="list-style-type: none"> (0) Não (PASSE PARA A Q. 32) Sim . Quanto R\$ _____ (9999)Sim, mas não sabe informar quanto. 	<p>P30</p>
<p>31. Em que você gastou? (RESPOSTA MÚLTIPLA)</p> <ul style="list-style-type: none"> (1) Alimento (2) Bebida (3) Cigarro (4) Droga (5) Remédio (6) Outro. Qual _____ 	<p>P31</p>

VI – SAÚDE

<p>32. Desde que você começou a morar na rua, qual foi o último problema de saúde que teve, incluindo acidentes?</p> <p>(1) _____</p> <p>(2) Nenhum problema</p>	P32
<p>33..O que fez para resolver esse problema? (RESPOSTA MÚLTIPLA)</p> <p>(1) Nada. Foi socorrido</p> <p>(2) Nada. O problema desapareceu</p> <p>(3) Nada. O problema continua</p> <p>(4) Procurou Pronto Socorro /Hospital</p> <p>(5) Procurou Posto de Saúde</p> <p>(6) Procurou Albergue /Casa de convivência/Entidade social</p> <p>(7) Procurou Igreja</p> <p>(8) Procurou a Família</p> <p>(9) Foi abordado por agente de saúde</p> <p>(10) Procurou CRATOD</p> <p>(11) Procurou CAPS - AD</p> <p>(12) Outro _____</p> <p>(13) Não se aplica</p>	P33
<p>34. Antes de morar na rua você usava: (Ler alternativas. RESPOSTA MÚLTIPLA)</p> <p>(1) Cigarro</p> <p>(2) Bebida alcoólica (cachaça, cerveja, uísque)</p> <p>(3) Maconha</p> <p>(4) Cola</p> <p>(5) Loló</p> <p>(6) Tinner</p> <p>(7) Crack</p> <p>(8) Cocaína (pó)</p> <p>(9) Outra substância. Qual _____</p> <p>(10) Nunca usou</p>	P34
<p>35. E atualmente, usa algum deles?</p> <p>(1) Cigarro</p> <p>(2) Bebida alcoólica (cachaça, cerveja, uísque)</p> <p>(3) Maconha</p> <p>(4) Cola</p> <p>(5) Loló</p> <p>(6) Tinner</p> <p>(7) Crack</p> <p>(8) Cocaína (pó)</p> <p>(9) Outra substância. Qual _____</p> <p>(10) Não usa</p>	P35

VII – SERVIÇOS/INSTITUIÇÕES

<p>LER AS ALTERNATIVAS, RESPOSTAS MÚLTIPLAS</p> <p>36. Você já esteve em uma destas instituições?</p> <p>(1) Orfanato/internato (2) FEBEM (3) Hospital Psiquiátrico (4) Casa de detenção (5) Clínica de recuperação de dependência de drogas ou álcool (6) Outra. Qual _____ (7) Não esteve em nenhuma</p>	P36
<p>LER AS ALTERNATIVAS, RESPOSTAS MÚLTIPLAS</p> <p>37. Você costuma ir a:</p> <p>(1) Igreja (2) Albergues (3) Casas de convivência/ Centros de Convivência (4) Restaurante Popular (5) Tenda/Núcleo de Serviço (6) Casa de oração (7) Nenhuma delas</p>	P37

VIII CIDADANIA

<p>38. Você já sofreu algum tipo de violência na rua?</p> <p>(1) Sim (2) Não (PASSE PARA A Q.41)</p>	P38
<p>39. Por parte de quem sofreu violência? (RESPOSTA MÚLTIPLA)</p> <p>(1) da polícia (2) de transeuntes (3) de outros moradores de rua (4) de comerciantes (5) Outro(s) _____</p>	P39
<p>40. Que tipo de violência sofreu? (RESPOSTA MÚLTIPLA)</p> <p>(1) Agressão verbal (2) Espancamento/briga/luta corporal (3) Facada/tiro/paulada (4) Queimadura (5) Violência sexual (6) Roubo/furto (7) Outro. Qual _____</p>	P40

<p>41. Conhece o Movimento Nacional da População de Rua?</p> <p>(1) Sim (2) Não (PASSE PARA A Q. 45)</p>	P41
<p>42. Já participou de alguma atividade desse movimento?</p> <p>(1) Sim (2) Não</p>	P42

IX - DADOS GERAIS

<p>43. Que documentos você possui?(RESPOSTA MÚLTIPLA) LER AS ALTERNATIVAS)</p> <p>(1) Certidão de Nascimento (2) Carteira de Identidade (3) Carteira de Trabalho (4) Carteira de Reservista (5) Título de Eleitor (6) Carteira de Motorista (7) CPF (8) Outros: _____ (9) Nenhum</p>	P43
<p>44. Você sabe: (RESPOSTAS MÚLTIPLAS)</p> <p>(1) Ler (2) Escrever (3) Não sabe ler, nem escrever</p>	P44
<p>45. Você freqüentou escola?</p> <p>(1) Sim (2) Não (PASSAR PARA a Q. 47)</p>	P45
<p>46. Até que série você estudou?</p> <p>(1) Fundamental de 1ª a 4ª Série Incompleto (Primário) (2) Fundamental de 1ª a 4ª Série Completo (Primário) (3) Fundamental de 5ª a 8ª Série Incompleto (Ginásio) (4) Fundamental de 5ª a 8ª Série Completo (Ginásio) (5) Médio Incompleto (Colegial) (6) Médio Completo (Colegial) (7) Superior Incompleto (8) Superior Completo (9) Não sabe/não respondeu</p>	P46

<p>47. Cor (Atribuída pelo entrevistador)</p> <p>(1) Branca (2) Preta (3) Parda (4) Amarela (5) Indígena</p>	<p>P47</p>
<p>48. Sexo:</p> <p>(1) Feminino (2) Masculino</p>	<p>P48</p>

49. Fale um pouco sobre os motivos que o levaram a deixar sua última casa, permanecendo na rua/albergue até os dias de hoje.

CONFIRA SE NÃO FICOU NENHUMA QUESTÃO PENDENTE E CORRIJA NA HORA. AGRADEÇA A ATENÇÃO DO ENTREVISTADO E ENCERRE A ENTREVISTA. ANOTE O HORÁRIO DO TÉRMINO:

<p>1. Horário de término da entrevista _____</p>	
--	--